

L-281

intrinsicca

YAQUI
DELGADO
QUER
QUEBRAR
A SUA
CARA

MEG MEDINA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

YAQUI
DELGADO

QUER
QUEBRAR
A SUA
CARA

MEG MEDINA

Tradução de
Regiane Winarski



Copyright © 2013 by Margaret Medina

Publicado mediante acordo com a Walker Books Limited, London SE11 5HJ.

TÍTULO ORIGINAL

Yaqui Delgado Wants to Kick Your Ass

PREPARAÇÃO

Marina Vargas

REVISÃO

Rayana Faria

ADAPTAÇÃO E LETTERING DE CAPA

Ô de casa

REVISÃO DE EPUB

Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-716-7

Edição digital: 2015

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Mídias sociais](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia também](#)

Para meu marido, Javier

Capítulo 1

— Yaqui Delgado quer quebrar a sua cara.

Uma garota chamada Vanesa me diz isso certa manhã, antes da aula.

Ela surge do nada e bloqueia meu caminho, segurando um livro contra o peito como um escudo. É alta como eu, e morena-caramelo. Acho que já a vi no refeitório. Ou talvez só nos corredores. Não sei bem.

E, tão subitamente quanto apareceu, Vanesa desaparece no mar de gente ao redor.

Espera, tenho vontade de dizer quando ela é engolida pela multidão. *Quem é Yaqui Delgado?* Mas só consigo ficar ali parada enquanto as pessoas correm para as salas. O sinal tocou, e não sei se é só o primeiro aviso ou se estou atrasada para o primeiro tempo. Não que isso faça diferença. Estou nesta escola há cinco semanas e o sr. Fink não se lembrou de fazer a chamada uma única vez. Uma garota perto da mesa dele dá uma olhada na sala e marca quem não está presente, e só.

— Sai da frente, idiota! — resmungo alguém, e sigo a multidão pelo corredor.

* * *

Darlene Jackson é quem me explica a encrenca em que estou metida. Ela é monitora de orientação educacional e sabe tudo sobre Yaqui Delgado.

— Ano passado ela foi suspensa por se meter em brigas. — Estamos no refeitório. Darlene precisa gritar para eu conseguir ouvir. — *Duas vezes.*

Conheço Darlene faz apenas algumas semanas, mas já reparei que ela adora um drama, principalmente se puder assistir da primeira fila e se for a catástrofe de outra pessoa. Graças à mãe, que é uma daquelas xeretas da Associação de Pais e Mestres, Darlene sempre sabe quais pais estão se divorciando, quais alunos repetiram no último ano letivo e quais professores vão ser demitidos. Não me pergunte como, mas a espiãzinha sabia até que a nossa professora de biologia tinha sido largada pelo marido. Antes mesmo que os olhos da sra. O'Donnell desinchassem e ela se sentisse em condições de nos ensinar as leis de Newton, na semana passada, a turma inteira já sabia que a vida amorosa dela estava em frangalhos.

Darlene ajeita os óculos e me conta a história toda:

— Yaqui Delgado odeia você. Diz que você se acha demais para quem acabou de chegar. E quer saber quem você pensa que é para sair por aí rebolando desse jeito. — Darlene baixa a voz e acrescenta: — Ela até chamou você de *cadela*. Desculpe.

Estou perplexa.

— Eu rebolo?

Darlene fica um tempinho olhando para o sanduíche de salada de ovos que está comendo.

— Ah, rebola sim.

Interessante. Tenho bunda faz só uns seis meses, e agora parece que ela tem vontade própria. Se ao menos minha amiga Mitzi estivesse aqui para ver isso! Ano passado, no nono ano, fui uma das últimas da minha antiga escola a se desenvolver, depois de todo mundo. *Planchadita*: reta e sem quadril. Totalmente diferente de Mitzi, que ganhou curvas logo no quinto ano.

Minha mãe foi a primeira a reparar nas mudanças que vinham acontecendo comigo, mas não teve muito tato para lidar com meu novo *cuervo*.

— Coloque um sutiã, Piddy — mandou, quando notou um homem no ônibus olhando descaradamente para os meus peitos. — Você

não pode andar por aí com duas cebolas soltas dentro da blusa, para todos os garotos ficarem olhando.

Como se fosse culpa minha aquele homem ter se dado ao direito de fazer uma apreciação dos meus atributos.

Lila (a supermelhor amiga da minha mãe) foi quem me levou para comprar uns sutiãs de renda, no dia seguinte.

— Orgulhe-se, *mi vida* — sussurrou Lila para mim, na seção de roupas íntimas da loja, enquanto eu observava, em choque, aquele monte de renda e laços. — E empine os ombros.

Pensando bem, essa coisa de rebolar deve ser culpa de Lila. Do tanto que a gente dança. Ela está me ensinando merengue, do jeito que dançam nas boates de que ela mais gosta. Pouco antes do início das aulas, ela me apresentou à sua coleção de discos antigos de Héctor Lavoe. Já os ouvimos tanto que agora fico com as músicas na cabeça o tempo todo.

— Os pés você mexe pouquinho. Movimentos curtos, como se estivesse em cima de um tijolo — explicou Lila, quando estávamos dançando em seu apartamento. — Mas os quadris? Mexe com vontade, *mami*. — E ela fez um passo bem reboativo para me mostrar. — *Así*.

Talvez agora meu corpo esteja viciado. Quem sabe? Quando Lila sai na rua, os olhos dos homens ficam grudados no traseiro dela. Até os motoristas de ônibus reduzem a velocidade para olhar. Minha mãe diz que ela é um perigo para o trânsito.

Darlene termina de mordiscar a casca do pão e a joga dentro do saco de papel.

— De repente você podia praticar um andar normal — sugere ela, dando de ombros. — Sabe como é, requebrando um pouco menos. Tipo eu.

Quase engasgo. Darlene não tem um andar *normal*. Ela se inclina para a frente como se estivesse sendo puxada pelo nariz por uma corda invisível. Eu diria que é um andar esbaforido.

— Não vejo problema no meu jeito de andar — digo.

— Você que sabe, então — retruca ela. — Só sei que a Yaqui Delgado vai dar uma surra em você.

Como demonstração, ela amassa o saco de papel e lança um rápido olhar sugestivo para uma mesa do outro lado do refeitório. É onde os latinos se sentam.

Na primeira vez que fui ao refeitório, fiquei plantada com a bandeja nas mãos avaliando as redondezas. Os orientais estavam amontoados mais ou menos no centro. Os negros tinham um grupo de mesas só deles. Identifiquei a zona latina na mesma hora, mas entre as pessoas sentadas ali não havia ninguém que eu tivesse visto nas aulas. Quando me aproximei, alguns dos garotos sorriram e cutucaram uns aos outros, mas nenhuma das garotas parecia disposta a me dar espaço. Na verdade, foi bem apavorante o jeito como me encararam. Por sorte, Darlene me chamou.

Então aqui estou eu, na mesa do canto, perto das latas de lixo, a área mais desvalorizada do refeitório. Desde que me mudei, precisei recomeçar do zero. Nossa mesa é composta por todo mundo da aula de biologia, como Sally Ngyuen e Rob Allen. Os dois fazem aula de física avançada com Darlene e comigo, o que estou descobrindo ser uma fonte de renegados aqui na Daniel Jones High School.

No momento, Rob parece bem assustado, até mesmo para os padrões dele. Ele não é feio, mas é magrelo e pálido. O pomo de Adão dele fica subindo e descendo, e os contornos dos seus olhos estão cor-de-rosa como os de um hamster. Rob é inteligente pra caramba, e eu gosto disso, mas poderia ser mais popular se o cérebro viesse em uma embalagem mais atraente. Ele consegue resolver um problema de física mais rápido que eu, mas de que serve isso por aqui? Até onde eu sei, ele não tem amigos. E eu saberia se tivesse, já que o armário dele fica ao lado do meu.

— Quem vai dar uma surra em você? — A voz de Rob falha um pouco. Ele está olhando para o saco de papel amassado.

— Ninguém — respondo.

— Cuida da sua vida, Rob — corta Darlene.

Ela se vira para mim e revira os olhos. Mesmo em um grupo de nerds, há uma hierarquia, e Darlene está no topo. Rob olha para ela com raiva, mas fica quieto.

— Eu nem conheço a Yaqui Delgado, Darlene — digo a ela, dando de ombros. — Não estou preocupada.

— Ah, mas *ela* conhece você. E não suporta olhar pra sua cara. Você é nova aqui, Piddy, então vê se acredita no que estou dizendo. Você já era. Essas garotas latinas não estão pra brincadeira. Se eu fosse você, ficaria em casa amanhã.

Paro de mastigar e olho enfaticamente para ela.

— Caso você não tenha reparado, eu também sou uma garota latina, Darlene.

Ela revira os olhos (*de novo*) como se fosse eu a burra aqui. Branca. Sem sotaque. Que tira notas boas. Não tenho nada a ver com a ideia que ela tem de latina. Eu poderia lembrar que Cameron Diaz também é latina, mas por que me dar ao trabalho? Não vai fazê-la mudar de opinião.

— É? Então por que não está sentada com elas? — retruca Darlene.

Minhas bochechas ficam vermelhas quando meu olhar atravessa o salão. É porque aquelas garotas são um grupo mais barra-pesada, nem um pouco parecidas com Mitzi e eu. Mas não vou dar a Darlene a satisfação de ouvir isso. Já foi bem ruim quando o treinador Malone leu meu sobrenome na aula de educação física e as garotas guatemaltecas do fundo me lançaram olhares estranhos, mesmo sabendo que não deveriam. “Você é da Espanha?”, perguntaram. Eu as ignorei.

— Meu sobrenome é *Sanchez*, lembra? — digo a Darlene. — Minha mãe é de Cuba e meu pai é da República Dominicana. Sou tão latina quanto elas.

Termino o sanduíche de pasta de amendoim e me obrigo a jogar conversa fora com Rob até terminar o horário de almoço, só para irritar Darlene. Acaba sendo mais difícil do que pode parecer. Rob não é exatamente um exemplo de desenvoltura verbal; acho que está sem prática. Os pensamentos meio que explodem pela boca dele sem aviso.

— Vou fazer uma adaga — comenta Rob de repente.

Demoro um segundo para perceber que ele está falando do nosso trabalho para a aula de inglês. Estamos começando a preparar as apresentações sobre *Júlio César*.

— Cuidado com a política de “tolerância zero” — aviso. — Sei de um garoto que foi suspenso por causa de uma pistola de água, no sexto ano.

Foi meu vizinho, Joey Halper, no começo de sua carreira como mau elemento.

Rob dá de ombros.

— Vou dizer que é de papel-alumínio antes de tirar da calça.

— Seu esquisito. O que você vai tirar da calça? — pergunta Darlene, com desprezo.

Rob fica vermelho, e isso encerra nossa conversa. Por sorte, o sinal toca bem nessa hora, e nos juntamos à multidão que sai em debandada do refeitório. Não consigo deixar de olhar de relance para aquelas garotas ao me levantar. Não vejo Vanesa, mas talvez uma delas seja Yaqui. Talvez esteja me olhando neste exato momento, vendo minha bunda reboiativa, me odiando. Aperto os livros com força e avanço pela multidão, tentando ao máximo manter o quadril imóvel.

Capítulo 2

Eu me meti nesse *lío* na Daniel Jones High porque a escadaria do nosso antigo prédio finalmente cedeu, e mamãe disse: "*Hasta aqui!*" Se não fosse por isso, eu ainda estaria no lado bom do Northern Boulevard, e as regras da educação pública não teriam me obrigado a mudar de escola, ou seja: não teria ninguém atrás de mim e ponto.

Mas toda semana acontecia alguma coisa no nosso prédio que aborrecia minha mãe. Água quente faltando às segundas. Os Halper brigando tanto que Lila às vezes tinha que chamar a polícia. Cocô do boxer do apartamento 104, já que o bicho tem noventa e um anos em idade de gente e não consegue mais chegar a tempo do lado de fora. Tudo isso estava dando nos nervos da mamãe (serenidade não é exatamente o ponto forte dela), e, para completar, ela tinha trabalhado até tarde no dia em que a escada cedeu.

Eu estava na casa de Lila vendo a nossa novela quando ouvimos o estrondo. O som foi como o de um sopro forte, seguido por uma tonelada de porcelana quebrando. O portão do prédio até estremeceu. Depois vieram os gritos de mamãe:

— *¡Dios mío! ¿Qué es esto? Socorro!*

Lila agarrou um desentupidor velho que deixava à mão para o caso de aparecerem ladrões e saímos para o corredor. Lá estava mamãe, em meio a uma nuvem de fumaça de lâmpada mágica, com escombros até o joelho. Os cinco degraus do saguão haviam desmoronado debaixo de seus pés. Coberta com todo aquele pó de mármore, ela parecia minha mãe em versão estátua grega, só que furiosa, como a imagem que fazemos da Medusa. As mãos tremiam; as veias do pescoço pareciam cordas, de tão saltadas. Mesmo depois

que a resgatamos e a levamos para o andar de cima, dava para ver que ela queria sangue.

— *iSin vergüenza!* Não podemos viver como animais! Somos pessoas decentes — gritou ela para dentro do cano do aquecimento.

Esse cano descia por todos os apartamentos até o do síndico, que ficava perto da lavanderia. Minha mãe bateu com uma frigideira várias vezes no metal para garantir que ele a ouvisse acima do zumbido das secadoras. Ouvir mamãe não seria problema, claro. O prédio inteiro devia estar escutando o escândalo dela pelos canos; talvez o quarteirão inteiro, até. Por aí já se via como ela estava furiosa, porque se tem uma coisa que mamãe odeia é perder a classe. A pior coisa que alguém pode ser é uma *chusma*. Ela diz que já nos olham feio por sermos latinas, então, para reverter isso, sempre toma o cuidado de falar baixo e ser educada.

— Acalme-se, Clara. — Lila acendeu o fogo para esquentar água e abriu o armário para procurar o mel. — Quer acabar tendo um ataque do coração?

— Não quero me acalmar!

O rosto de mamãe estava quase roxo de raiva.

— E se alguém chamar a polícia por nossa causa? — falei, tentando ajudar. Afinal, não tem nada mais *chusma*, certo?

Isso chamou a atenção de mamãe. Ela deu uma última batida nos canos e jogou a frigideira de lado. Então despencou em uma cadeira da cozinha, exausta. Mamãe inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos para fazer uma oração para *el Señor*, embora seja muito difícil saber se ele ainda a escuta. Ela não vai à igreja há quinze anos. Quando mamãe abriu os olhos de novo, parecia que a cor de suas íris tinha se esvaído, deixando no lugar apenas um cinza de aço. Em voz baixa, ela disse:

— Não, eu não quero ter um ataque cardíaco, Lila. E não, não quero a polícia aqui. O que eu *quero* é me mudar. Os Ortega tiveram sorte de já ter ido embora.

Os Ortega são os pais de Mitzi. Foram morar em Long Island em maio, para se afastarem dos “maus elementos” do bairro.

Ah, não, pensei. Isso de novo não. Mamãe está sempre ameaçando uma mudança quando se irrita com alguma coisa, mas

nunca para um lugar razoável, como Maspeth ou Ridgewood. É sempre Hialeah ou Miami — ou devo dizer *Mi-AH-mi*, em vez de *Mai-ã-mi*? —, também conhecida como Cuba com comida. Às vezes ela chega ao ponto de nos obrigar a começar a empacotar as coisas. Uma vez ficou tão irritada com a calçada congelada na frente do prédio que pegou umas caixas no trabalho e, chegando em casa, anunciou que iríamos para a Flórida. Por sorte, somos as únicas cubanas nos Estados Unidos sem parentes na Flórida, então não teríamos onde ficar. No fim das contas, Lila arranhou para ela um bom par de botas com solas de borracha na liquidação, e ficamos onde estávamos mesmo.

Eu precisava pensar rápido.

— Mitzi diz que Long Island nem é tão legal assim. Que só tem gente metida.

É mentira. Falei com ela na semana passada. Ela gosta de lá, mesmo tendo ido parar em uma escola católica só para garotas, como parte do pacote de se mudar para Long Island.

— Por que simplesmente não processamos o síndico?

Até isso parecia mais fácil que encaixotar o apartamento inteiro. E mamãe adora programas de tribunal.

— Quem sabe? Podemos ficar ricas se você tiver se machucado. Você está mancando? Vai ficar traumatizada?

Minha mãe me dirigiu um olhar exasperado e se virou para Lila.

— Estou falando sério — disse ela. — Não é só da boca para fora como das outras vezes. Se não acredita, olhe.

Ela se levantou, abriu o armário da cozinha e pegou uma velha lata de café El Pico da prateleira mais alta. Quando a abriu, eu sufoquei um gritinho: ali dentro havia um bolo de notas digno de um traficante.

— Mãe! — exclamei. — Você roubou um banco?

— Não me venha com gracinhas. Andei juntando dinheiro. E agora finalmente chegou a hora. Lila, pegue o número do sr. Wu.

Lila ficou olhando para o dinheiro sem dizer nada. O sr. Wu é um ex-namorado dela, um chinês que cresceu no Uruguai e que também é dono do Lar da Felicidade, a maior imobiliária dessa área do Queens.

Agora era pra valer.

* * *

Então Lila cuidou de tudo, como mamãe queria. Foi só ela prometer jantar com o sr. Wu, e ele disse:

— *¿Cómo no, linda?* Vai ser um prazer mostrar à sua amiga o que tenho de melhor.

Como eu disse, nenhum homem consegue resistir a Lila.

No dia seguinte, lá estávamos nós três com o sr. Wu diante de um sobrado na esquina da rua 45 com o Parsons Boulevard, não muito longe do nosso antigo apartamento. Via-se uma placa de ALUGA-SE presa por dentro da janela vazia do segundo andar, com a foto sorridente do sr. Wu posicionada na direção do ponto de ônibus.

O sr. Wu sorria estupidamente para Lila enquanto procurava a chave. Fazia pelo menos seis meses que Lila tinha terminado com ele, mas deu para perceber que ele estava esperançoso, como todos os ex-namorados dela ficam por um tempo depois do término. Tentei não reparar que ele estava praticamente babando. Os homens ficam estranhos perto de Lila, como se o ar estivesse elétrico e algo os cegasse para tudo que não seja ela. Lila usa sapatos de salto alto e vende Avon quando não está lavando cabelos no Salón Corazón. Ela não tem nada a ver com minha mãe, que faz mais o tipo calcinha grande e cara carrancuda. Lila nunca deixa de retocar a raiz do cabelo, e, quando ela passa, cheira a puro talco e colônia Jean Naté, o que faz os homens terem vontade de agarrá-la tão apertado quanto o suéter que ela usa.

— Que pena que ela seja tão promíscua — diz minha mãe quando ouve os saltos de Lila estalando escada abaixo a caminho de um encontro na cidade.

Acho que ela fala por falar; ou, se realmente acha isso, não é nada que a impeça de amar Lila. Sei que ela a ama porque vejo as profundas rugas de preocupação entre suas sobrancelhas enquanto observamos Lila pela persiana. Certas noites, quando me viro, vejo o

outro lado vazio e mamãe ainda no sofá-cama, em frente à janela, esperando Lila voltar.

Mas Lila não é má pessoa. É só que ela tem uma vitalidade da qual mamãe nem se lembra, de tão cansada. Lila ainda consegue ouvir o ritmo da salsa no rádio sem ficar só reclamando do barulho.

* * *

— Bonito, não é? — comentou o sr. Wu, tentando mais uma chave e apontando o queixo para as roseiras que pendiam sobre a cerca de arame.

Depois de um verão quente, ainda havia flores. Assenti apenas para ser educada, pois aquilo não tornava o lugar nem um pouco melhor aos meus olhos. A casa parecia silenciosa demais. Não tinha aqueles degraus na entrada onde as pessoas costumam ficar sentadas. Não havia crianças brincando na calçada. E nas janelas tinha aquelas grades brancas que gritam: *Invasões acontecem aqui!*

Lila envolveu minha cintura.

— Fica a apenas um quarteirão da escola — sussurrou ela no meu ouvido.

— Isso é um atrativo? — perguntei.

— Tudo bem, talvez não. Mas pelo menos é uma caminhada curta.

Da porta se via claramente a Daniel Jones High. O prédio da escola ocupa meio quarteirão e é pintado de um verde-claro de desinfetante. Janelas gradeadas, um pátio de puro asfalto e um muro largo de cimento coberto de desenhos e escritas em neon. *Julius 174. Vadia. Chupa. Arte e barrio* se fundindo.

— Prontinho! — Com um clique e uma reverência, o sr. Wu finalmente abriu a porta. — O valor das contas está embutido no aluguel, *señoras*.

Ele olhou para a bunda de Lila durante toda a subida até o segundo andar.

* * *

Nada fez mamãe mudar de ideia. Nem o tapete azul feioso com a mancha escura misteriosa que mostrei a ela. Nem as baratas mortas virando pó dentro dos armários. Nem a sra. Boika, a romena antipática do térreo, que ficou olhando para nós sem nem dizer um *¿Hola, qué tal?* ou coisa parecida. Nem quando perguntei como levaríamos o piano arranhado dela para a casa nova. É um Steinway vertical que nunca foi afinado enquanto estive conosco, mas de repente fiquei superprotetora.

— Não é como nos desenhos animados, sabe, em que o pessoal da mudança desce o piano pela janela — falei.

Mamãe me ignorou (será que estava planejando abandonar o piano depois de tantos anos?, eu me perguntei) e disse que o apartamento era perfeito. Havia um ponto de ônibus bem na porta e nenhum vizinho barulhento nem cachorros velhos fazendo sujeira.

— Foram exatamente essas as palavras dela — contei a Mitzi pelo telefone. — “É perfeito.”

Eu estava sentada na escada de incêndio, mais tarde naquele dia, me sentindo infeliz. No verão, Mitzi e eu pintávamos as unhas ali. Agora eu estava arrancando pedaços de tinta da escada de metal e deixando cair lá embaixo.

— Pode ser que você passe a gostar de lá — argumentou ela. — Nunca se sabe.

— Até parece. Vou ter que trocar de escola em setembro, bem no segundo ano do ensino médio. Minha escola nova tem grades nas janelas. Não vou conhecer ninguém. Como isso pode ser “perfeito”?

Silêncio.

— Você ainda está aí? — perguntei.

— Estou, desculpe. Pelo menos as aulas acabaram de começar, né? Olha, tenho que fazer um trabalho idiota de física.

Suspirei. Nem um incêndio conseguiria impedir Mitzi de fazer o dever de casa. O pai dela era médico em Honduras, mas aqui é só técnico no laboratório de uma clínica. Ele tem planos de que Mitzi seja cirurgiã. Mas no fim das contas ela provavelmente vai gostar. É a única garota que conheço que não fazia o Ken e a Barbie se

beijarem pelados. Em vez disso, amputava as pernas deles com suas tesouras sem ponta e enfileirava os pezinhos de plástico nos degraus da entrada do prédio.

— Que horas são? — perguntou ela. Som de papéis ao fundo. — *iAy!* Preciso ir treinar.

— Treinar o quê? — perguntei.

— Estou jogando badminton no time da escola.

— Aquele jogo do negócio tipo peteca? Isso é *esporte*?

— É, dá para acreditar? E eu sou um desastre na quadra.

— Então por que está jogando?

— Adivinha? Minha mãe quer que eu faça amizades.

Nós duas rimos. Mitzi sempre foi meio tímida, o extremo oposto da mãe, e a coisa só piorou quando os garotos da nossa turma começaram a agir feito idiotas por causa dos peitos dela. Depois disso, eu que tinha que mandá-los calar suas bocas imundas; além de comprar os ingressos do cinema e tirar as dúvidas dela na aula.

— Você vem ao Queens qualquer hora dessas?

Eu não queria dizer que estava com saudades, porque ela já sabia disso.

— No primeiro fim de semana que não tiver treino. A gente podia sair para comprar seu presente de aniversário.

Não consegui responder, pois estava com um nó na garganta.

— Olha só, Piddy, não se preocupe. Vai ficar tudo bem, acredite — disse Mitzi antes de desligarmos. — Veja como foi comigo. Não tem nada que você possa fazer, então tente tirar o melhor que puder dessa experiência. Você vai arrebentar.

* * *

Eu já estava com saudade de Lila quando nós três encaixotamos as coisas da cozinha, uma semana depois. Sentada no banco do piano, eu apertava as teclas emperradas.

— *Ay*, Clara, mande essa garota parar com essa cara triste; ela está partindo meu coração. — Lila embrulhou dois pratos em jornal

e me deu um beijo na testa. — Sua *mami* tem razão. Vocês não podem ficar aqui. — Ela limpou a marca de batom que tinha deixado na minha pele e depois guardou o lenço de volta no sutiã. — O prédio todo está indo abaixo.

Mamãe ergueu o rosto e franziu a testa para mim.

— Piddy, pare com essa lenga-lenga e venha ajudar. E desamarre essa cara. Você deveria me agradecer. — Ela passou fita adesiva em uma caixa de painéis. — O apartamento novo não é longe. Tem até jardim, você viu?

Lancei um olhar gélido para ela.

— Aquela tirinha de terra?

— Tem *roseiras* — retrucou ela. — Você pode ficar sentada lá fora com alguma amiga nova da escola, sentindo o perfume das flores. É uma coisa boa para uma garota fazer.

— *Ay, mãe...* — murmurei.

— “*Ay mãe*” o quê? — retrucou ela, me remedando.

Suspirei.

Minha mãe vive inventando uma infinidade de coisas que são “boas para uma garota”; mais especificamente, eu. Fazer a bainha das calças. Lavar as calcinhas à mão, porque “que mulher decente coloca suas coisas íntimas em uma máquina de lavar coletiva?”. Aprender a fritar frango sem deixá-lo cru perto do osso. Falar o básico de francês. Bordar almofadas (juro), para um dia poder bordar as iniciais do filho nos babadores. Todo tipo de coisas sem sentido que em teoria vão me preparar “para o futuro”.

Pena que eu tenho outros planos.

Minha mãe não sabe, mas vou ser cientista. Quero trabalhar com animais. Animais grandes, como elefantes. Talvez até morar do outro lado do mundo. É estranho, eu sei, já que únicos elefantes que eu já vi foram os do zoológico. Mas pelo canal National Geographic eu sei que eles são inteligentes e que sentem e ouvem coisas que as pessoas não conseguem. Eles memorizam a história da manada inteira, tudo de bom e de ruim que viram acontecer. Se eu contasse isso a minha mãe, os gritos dela seriam ouvidos lá no céu. “Elefantes?” Então ela começaria a falar de malária e do cheiro de bosta que ficaria grudado para sempre debaixo das minhas unhas. E

me perguntaria que tipo de garota decente se interessa por elefantes. E assim por diante.

É nesses momentos que eu queria ser filha de Lila. Não que mamãe não me ame, ou mesmo que Lila goste de elefantes. É só que Lila não me *enche o saco*. Ela nunca teve filhos, graças a Deus, então não faz a menor ideia do que é bom para mim. Não me pergunta se eu fiz o dever de casa nem aonde fui. Quando mamãe trabalha até tarde, nos empanturramos de biscoitos amanteigados em vez de jantar e vemos os programas legais que mamãe chama de lixo. Se eu fosse filha de Lila, a vida talvez até fosse divertida.

— Esqueça o cheiro das flores — disse Lila. — Uma garota bonita como você? Os garotos é que vão enviar rosas! — Ela fez um movimento sugestivo com as sobrancelhas. — A boa notícia é que você vai ter seu próprio quarto. Pense só, agora você vai ter *privacidade*. Toda garota de dezesseis anos precisa disso.

— Ela ainda não tem dezesseis anos — murmurou mamãe.

— Só mais umas semanas... — insistiu Lila, com uma piscadela.

Olhei para as caixas lacradas ao redor e senti a boca ficar seca. Eu já odiava o apartamento novo e a Daniel Jones High School. Não me sentia assim tão mal desde que vira a van com a mudança de Mitzi indo embora.

Mas segurei a língua. Realmente, ter um quarto só meu era a única parte boa naquela história toda. Eu não precisaria mais dividir um sofá-cama com mamãe, que ronca e puxa meu cobertor. Mesmo assim, a parte do "bonita" era ridícula. Nunca fui uma das garotas bonitas. Mitzi é que deu sorte nesse quesito, toda cheia de curvas como um violão. Eu sou alta e magrela, com olhos separados e cor de lama. Joey Halper diz que pareço um sapo; imagino que, agora, um sapo com bunda. Às vezes ele coxa da janela quando me vê lá fora e quer dar um oi.

— Isso mesmo — disse mamãe. — Seu próprio quarto. Nada de sofá-cama encaroçado. — Ela parou, segurando uma tigela com a beirada derretida. — Talvez agora você melhore a sua postura.

Pela janela eu via o terreno vazio ao lado e a tigela de leite que tinha deixado lá de manhã. Comecei a mexer o elefante de jade no

meu cordão de um lado para o outro, por nervosismo. Às vezes o som da correntinha me acalma.

— O que vai acontecer com os gatos? — perguntei.

A gatinha cinzenta que eu vinha alimentando perto do porão estava prenha, e com a barriga baixa havia dias. Ela tinha ficado do tamanho de um guaxinim. A ninhada chegaria a qualquer momento. Fiquei pensando no que poderia acontecer sem mim: cachorros, frio, crianças malvadas, até o síndico com uma pá. O idiota bem que poderia chegar a esse ponto.

— Os gatos têm o coração selvagem, *mi amor*. Eles dão um jeito de sobreviver. — Lila foi até a janela e fechou a mão ao redor dos meus dedos gelados. — Agora me dê um abraço. Coisas boas esperam por você, Piddy. Aposto.

Capítulo 3

Minha chave emperrou na fechadura. De novo. Na nossa antiga casa, Lila tinha uma chave extra sempre que eu precisava. Aqui, tenho que me virar. O tempo esfriou hoje, está tão gelado lá fora que fez meu nariz escorrer e meus dedos ficarem duros. Passo cinco minutos girando e empurrando a chave para conseguir fazer a fechadura do portão abrir.

A sra. Boika fica me olhando pela janela da cozinha como se eu fosse uma ladra. Se ela não piscasse de tempos em tempos, eu poderia jurar que está morta e empalhada, como uma das clientes de Lila fez com seu chihuahua, com olhos de vidro e tudo.

A escada que leva até nosso apartamento fica bem ao lado da porta dos fundos da velha, no hall de entrada. Tenho que reunir toda a minha força de vontade para não dar um chute na porta dela.

— Olá, sra. Boika — digo, só para evidenciar a grosseria da velha. Ela não responde.

Subo os degraus e abro a porta do nosso apartamento. Não tem ninguém em casa, claro. É sexta-feira, e minha mãe vai ficar na Attronica até as nove da noite. Ela trabalha no estoque, ajudando no transporte de mercadorias, e levantar televisores de tela plana está acabando com sua coluna. Minha mãe diz que há um limite para o que as costas de uma pessoa podem aguentar. Esta noite vou ter que fazer massagem nos ombros dela com pomada até a casa inteira estar cheirando a cânfora e minhas mãos ficarem brilhando de óleo. Se isso não é uma vida patética, não sei o que é. Não posso nem falar com Mitzi para contar o que aconteceu e ver o que ela acha. Mitzi está presa na casa da prima em Nova Jersey até sábado, então mando uma mensagem de texto.

Minha bunda tá me causando problemas, digito.

?? E vc tem bunda? Me liga sábado de tarde! Tenho q ir.

Nosso apartamento ainda está cheio de caixas de mudança que só esvaziamos pela metade, por isso tenho que chutá-las para chegar até a cozinha. Todo dia mamãe e eu desencaixotamos mais coisas, mas é como se brotassem novas caixas à noite, e nunca conseguimos terminar. Quem iria imaginar que a gente tinha tanta quinquilharia? E o pior, não escrevemos nas caixas o que cada uma delas contém. Demos essa tarefa à Lila; que burrice a nossa. Ela se distraiu e esqueceu. “Não consigo pensar quando estou emocionada”, explicou Lila. Por isso, agora tudo que desencaixotamos é uma surpresa. Quando precisamos de alguma coisa, nos armamos com um estilete e saímos caçando como se estivéssemos em uma grande liquidação de loja popular. Dois dias atrás encontrei meus CDs no banheiro, junto com meus casacos de inverno. Mamãe encontrou a chaleira no quarto dela.

Pego uma barra de cereal na cozinha e volto para meu quarto, ouvindo música alta com fones. O lugar ainda cheira a inseticida e tinta fresca — cortesia do proprietário. Abro a janela com minha régua de madeira e me jogo na cama. É tudo que tenho aqui além da cômoda feia que mamãe e Lila arranjaram no lixo.

Não consigo tirar Yaqui Delgado da cabeça. Tantas garotas rebolam... Como alguém pode odiar você por isso? É loucura.

Aumento o volume da música para tirar Yaqui dos meus pensamentos e pego meu caderno de inglês. Claro que não consigo encontrar uma caneta para fazer o dever de casa. Sei que tem algumas em uma das caixas, em algum lugar. Hora de ir à caça.

Há caixas empilhadas em toda a superfície do piano e do banco, formando uma montanha. Não que isso me atrapalhe. Mamãe é a única que sabe tocar, e ela diz que nunca tem tempo. Mesmo assim, deu cinquenta pratas a mais para os caras da mudança carregarem o piano escada acima.

— Se você não toca, por que estamos levando isso? — perguntei.

— Um piano faz a casa parecer elegante — respondeu ela, ácida.

Em uma das caixas perto dos pedais encontro as bolsas e os sapatos velhos de mamãe e até uma bolsa de festa que nunca vi,

toda em miçangas. Na caixa seguinte há contas de telefone e boletos de aluguel dobrados cuidadosamente dentro de sacos plásticos. É o controle financeiro minucioso de mamãe, até o último centavo. Depois, encontro fotos avulsas. Por um minuto não as pego. Olhar fotos antigas me distrai, e não de uma forma boa e nostálgica. A maioria das pessoas fica feliz em ver fotos antigas. Eu? Só me sinto perdida e confusa. Apesar de toda a organização e todo o controle da minha mãe, ela nunca encontrou uma forma de arrumar as fotos. Fotos servem para contar a história das pessoas, mas a nossa parece não fazer sentido. Enfio os braços quase até os cotovelos e pego uma. Mamãe e Lila brindando com Coca-Cola para a câmera. Ainda jovens e sorridentes. Dá para ver que são boas amigas. Enfio a mão de novo e puxo uma foto de turma: eu e Mitzi na turma da sra. Resnick, eu meio dentuça, de pé ao lado do nosso diorama, o melhor da turma. Outra remexida e encontro uma foto de nós duas na praia Rockaway, debaixo de um guarda-sol listrado, com o sr. e a sra. Ortega. Mais uma remexida, e encontro uma antiga minha: eu em uma cadeirinha de alimentação para bebês, com tamales esmagados nas bochechas.

Fico nessa brincadeira por tempo demais; está quase escuro quando estico as pernas e me levanto. Se mamãe soubesse o que eu estava fazendo, ficaria furiosa. “Está procurando o quê?”, perguntaria ela, mesmo já sabendo a resposta: uma foto do meu pai. Mamãe e Lila — com a ajuda de um isqueiro Bic — tomaram as providências para que não sobrasse indício algum dele. Eu poderia cavar até a China que não encontraria fotos do meu pai. É como se ele simplesmente nunca tivesse existido.

Fecho a caixa e a empurro para o canto. Então bato com os dedos nas teclas do piano com o máximo de força que consigo. *Olá, sra. Boika! Gostou da música?*

De repente lembro que as canetas estão na caixa dos desinfetantes, ao lado do banheiro.

* * *

— Não deve ser a sua bunda o problema. Aposto que é um garoto.

Mitzi pega uma blusa. É domingo, e estamos fazendo compras. Ela tem trinta dólares, diz, o bastante para meu presente de aniversário (brincos de elefante!) e uma camiseta nova, se souber escolher.

— Meu Deus, não aguento mais meu uniforme, e ainda estamos em outubro — murmura ela, colocando a blusa de volta na arara.

Assim que Mitzi desceu do ônibus N-16 pela manhã, contei a ela o que Vanesa me disse e sobre as mesas do almoço. Até andei na frente dela na rua, para que ela pudesse me contar a verdade sobre meu jeito de andar. Em uma escala de um a dez, ela me deu um sete em sacolejo. Olho por cima da arara franzindo o nariz.

— Como assim?

— Você já teve que usar poliéster até os joelhos o dia todo?

— Não isso. O que você quer dizer com “um garoto”? Não tem garotos nessa história.

— Aham, sei. Isso é o que *você* pensa. — Ela parece meio triste quando diz isso. Nenhum garoto olha nos olhos de Mitzi há anos. Só ficam grudados nos peitos dela. — Aposto que o namorado dessa garota reparou em você, ou alguma coisa boba desse tipo. Mas, se foi isso o que aconteceu, você já era.

— Não é culpa minha. Meu Deus, eu nem sei como é a cara dela.

— Então descubra.

— Espionar a garota?

— Exatamente.

— E como vou fazer isso?

Mitzi inclina a cabeça e me lança um olhar.

— Por favor! Use o cérebro. Ninguém ganha de você nisso. — Ela pega outra blusa. É folgada e grande, como ela gosta. — Ah. *Agora* sim.

Entramos na mesma cabine de prova. Experimento um vestido azul coladinho, com estampa étnica, enquanto ela veste a blusa. O tempo todo fico pensando nos garotos à mesa do almoço. Talvez Mitzi tenha razão. Talvez um deles tenha reparado em mim. Já vi coisas estranhas assim acontecerem.

— O que você acha? — pergunto, saindo da cabine e dando uma voltinha na frente do espelho.

Não é um vestido de garotinha, não mesmo. Mamãe daria uma olhada e diria alguma coisa sobre saias curtas e imoralidade.

— Perfeito — diz Mitzi.

— Precisando de alguma coisa, moças? — pergunta o gerente da loja, sorrindo.

Ele é bem velho, tipo uns trinta e poucos anos, mas é bonito. Mitzi fica vermelha e baixa o olhar para os próprios sapatos.

— Não, obrigada — respondo.

Saímos alguns minutos depois com nossas sacolas, Mitzi segurando meu braço. O gerente acena pela vitrine.

— Eis o poder arrasador da sua nova bunda — diz ela, com um suspiro.

Dou um empurrão nela. Rindo, saímos correndo pela rua.

Capítulo 4

Li em algum lugar sobre um matemático que afirmava resolver equações difíceis durante o sono. Segundo ele, seu inconsciente dava conta de problemas que ele não conseguia solucionar quando acordado.

Não sou nenhum gênio, mas isso deve funcionar comigo também.

Na segunda, quando acordo, tenho um plano perfeito para ir atrás de Yaqui na espreita.

— Aonde vai tão cedo? — pergunta minha mãe quando estou na porta fechando o casaco. — Fiz ovos mexidos para você.

— Para a escola — respondo, erguendo a barrinha de cereal que guardei no bolso. — Tenho reunião do grupo de estudos.

Minha mãe parece tão feliz que quase me sinto mal por mentir. A verdade é que as únicas pessoas que chegam cedo à minha nova escola estão lá pelo café da manhã de graça. Eu? Não fico por lá nem um minuto além do necessário. Mas, no momento, é melhor ela pensar que a minha escola é como a de Mitzi, um lugar onde as pessoas passam praticamente o dia todo.

— Estudos de quê? — pergunta mamãe.

— Literatura.

Saio correndo antes que ela faça mais perguntas.

* * *

Não tem quase ninguém no pátio da escola quando chego, só uns caras parados perto da grade. Reconheço dois deles da mesa latina

proibida. Acelero o passo para não ser notada, mas é claro que eles têm que mexer comigo.

— Balança essa bundinha, *mami!* — grita um deles, fingindo apertar algo no ar com as duas mãos.

Eu não me viro para mostrar o dedo do meio, embora devesse. Em vez disso, subo a escada rápido, de dois em dois degraus.

A biblioteca está deserta, como sempre. Só vejo alguém ali quando os professores levam alguma turma, e mesmo nessas ocasiões os alunos parecem zumbis. Sigo para as estantes de não ficção, os olhos atentos em busca do meu alvo. Se eu não estivesse com tanta pressa, talvez desse uma olhada nos livros. Gosto de bibliotecas. Não desta, é claro, mas das bonitas e bacanas, como a Biblioteca Pública de Nova York, na rua 42, onde tudo é de mármore e madeira... e de graça. A sra. Resnick levou nossa turma lá uma vez, quando Mitzi e eu ainda éramos crianças. Fomos para a hora da cotação de história, depois comemos pretzels nos grandes degraus perto dos leões. Joguei grandes pedaços do meu para os pombos. Mas o que ficou na minha memória mesmo foram todas aquelas pequenas luminárias nas mesas e o silêncio assustador, em que dava para ouvir o rangido da sola de borracha dos tênis enquanto andávamos pela sala de leitura com os dedos sobre os lábios. A sra. Resnick sussurrou: “Vocês podem descobrir o que quiserem num lugar como este.”

Vamos ver.

— Posso ajudar?

Levo um susto com a voz da bibliotecária. Eu me viro devagar e dou de cara com uma senhora baixa e gordinha olhando para mim por cima dos óculos. Ela parece chocada por ver um ser humano vivo e respirando ali dentro. Talvez ache que sou um espírito.

— Só dando uma olhada — respondo, seguindo para outra estante.

Não demoro muito para encontrar o que estou procurando. Está em uma das prateleiras mais altas da seção de referências. É a coleção de anuários do colégio desde os anos 1960. Encontro o volume mais recente, coloco-o debaixo do braço e sigo para o balcão da recepção.

— Desculpe, esse não pode ser retirado — diz a bibliotecária.

Seus olhos de falcão estão grudados nas palavras carimbadas na parte interna da capa: NÃO DISPONÍVEL PARA EMPRÉSTIMO.

Uma ideia me ocorre bem na hora, e abro meu melhor sorriso.

— Ah, desculpe. Sou nova na escola. A sra. Gregory, da orientação educacional, me mandou vir aqui pegar — digo. — Só para ver os clubes em que eu posso entrar. A biblioteca tem um clube de leitura, não tem?

Eu sei: genial.

* * *

— Todo mundo sentado! Temos muito a fazer hoje.

A sra. Shepherd entra com um lápis preso atrás da orelha e uma pasta cheia de trabalhos sem nota. Para os padrões da Daniel Jones, ela é uma boa professora. Ainda decora a sala como se fôssemos criancinhas e leva lanches às sextas-feiras. Ela nos chama de “alegria do meu dia”.

Eu me sento na última fileira, perto das janelas, mantendo distância para fazer o que preciso. É meu lugar preferido em todas as aulas ultimamente. Já Darlene prefere ficar na fileira da frente, de onde consegue ver o diário de classe do professor, com todas as notas.

A sra. Shepherd percorre a sala com o olhar. Hoje é dia de entregar nossos projetos sobre *Júlio César*. Mitzi me ajudou a costurar minha toga no domingo, antes de ir para casa. Trançamos hera artificial para formar uma coroa.

— Quem vai começar?

Afundo na cadeira enquanto a sra. Shepherd escolhe o primeiro voluntário. Isso mesmo: Darlene. Ela escreveu um bilhete suicida melodramático de Pórcia para Bruto e está fazendo uma leitura dramatizada, com direito a lágrimas falsas e tudo.

Espero que a sra. Shepherd não me escolha para me apresentar hoje. Infelizmente, ela me chama o tempo todo, e nunca consigo

fugir. Na semana passada, quando tivemos que fazer uma redação descritiva, eu não sabia sobre o que escrever. No desespero, acabei fazendo um texto sobre o boxer cagão do nosso antigo prédio — que pertence a um veterano da Guerra do Iraque, morador do 104 e parecido com Jesus Cristo. A sra. Shepherd ficou toda entusiasmada com a minha redação: escreveu longos comentários nas margens e leu para a turma a parte em que descrevo como o boxer vai até os degraus da entrada do prédio e fica bambeando apoiado nas patas de velho, o focinho no ar, como se tentando se lembrar de dias melhores. Quase morri. Não que eu não tenha ficado feliz por ela ter gostado. Mas será que ela não percebeu pela minha cara vermelha que era hora de parar? Vamos admitir: chamar a atenção para um aluno novo só vai fazê-lo virar o inimigo público número um. E depois? Vou ser acusada de ser metida e puxa-saco. É melhor se misturar à manada e passar despercebido. (A sabedoria dos elefantes nunca falha.)

Olho para o relógio com nervosismo e torço para ela não me escolher, embora eu saiba de cor o discurso de Bruto. Tenho coisas mais importantes com que me preocupar — isto é, Yaqui Delgado.

Por sorte, várias outras pessoas se oferecem para apresentar, então fico na minha e folheio o anuário no colo enquanto o zumbido das vozes recua para o pano de fundo. Uma apresentação se segue à outra, mas não estou prestando atenção. Alguns alunos criaram notícias de jornal relatando o assassinato de César. Um garoto fez um diorama, embora bem capenga em comparação com o que fiz com Mitzi. Tem bonecos de LEGO presos com massinha de modelar, as colunas estão tortas e foram feitas com isopor. Ele é melhor em matemática, explica o garoto. Não é muito fã de arte.

Darlene está revoltada. Sua voz aguda me faz erguer o olhar.

— Como pode esse [sinal de aspas com as mãos] “projeto” contar para nota? — pergunta ela. — Qualquer um pode grudar bonecos na argila. Eu fazia isso no jardim de infância!

— Todos temos alguma aptidão para a arte, Darlene. — O sorriso da sra. Shepherd sempre fica meio tenso quando Darlene faz um comentário. — Quem é o próximo?

Sally Ngyuen vai até a frente da sala. Estou prestes a me concentrar novamente no anuário quando reparo pela primeira vez em uma outra coisa.

Está escrito CADELA na minha mesa, a caneta. Não sei exatamente por que meu coração dispara. Como se não houvesse rabiscos e outros tipos de "expressão artística" por toda a escola. A cadeira J-8 do auditório, por exemplo: na palestra da semana passada, descobri que tem um pênis entalhado no braço, já não muito definido. Ninguém gosta de sentar na Cadeira do Pinto. Depois, as pessoas passam o dia todo debochando do azarado. Pergunte só a Rob.

Estou sentada na Cadeira da Cadela e não sabia? Mesmo quando cubro a palavra com o fichário, sinto como se todo mundo soubesse, como se a mensagem fosse dirigida a mim. Foi assim que Yaqui me chamou, não foi? Será que ela tem espiões nesta sala? Será que é *ela* que está me espionando, não o contrário? Olho ao redor em busca de suspeitos, mas todo mundo está com a mesma expressão entediada.

Abro o anuário e começo a folhear o mais rápido que consigo. Campeonatos de basquete, pingue-pongue, clube do anuário, grupo de teatro. Olho a capa para ter certeza de que não me enganei. Parece que estou lendo sobre outro lugar, completamente diferente. A escola mostrada no livro não tem nada a ver com o lugar onde passo meus dias, em que três de cada dez alunos não vão se formar. Não mostra o ar vazio ao meu redor quando estou sozinha no pátio, os banheiros nos quais me recuso a entrar ou o olhar morto que tenho que manter no rosto quando vou de uma aula para a outra.

Viro as páginas furiosamente, passando o dedo por cada fileira de nomes até encontrá-la.

Yaquelin Moira Delgado. Moira? Que nome maravilhoso, reparo com satisfação.

É uma garota magra com olhos pequenos e o cabelo preso em um coque apertado. Está olhando diretamente para a câmera, com a cabeça inclinada em um ângulo bobo de pose para fotos. Alguns devem considerá-la bonita. Olho com mais atenção, tentando decorar esse rosto granuloso de cinco centímetros. Ela se senta na

mesa do almoço junto com todos os latinos. Estou me lembrando dela agora.

Odeio você, dizem os olhos da fotografia.

— Terra para Piddy.

A sra. Shepherd está olhando por cima dos óculos, e a turma está em silêncio. Ela sorri com aquela expressão esperançosa no rosto, e percebo que estava chamando meu nome. Coloco o anuário na parte de baixo da carteira e me empertigo.

— Desculpe.

Não adianta. Fui pega no flagra. Do meio do corredor entre as fileiras, ela olha para o meu colo.

— O que você tem aí?

Meu rosto está quente.

— Nada.

Por um minuto ela espera, depois se aproxima com a mão esticada.

— É só o anuário — digo, entregando-o a ela. — Eu só estava tentando... — Minha voz some.

A sra. Shepherd coloca o livro debaixo do braço. Todo mundo se virou para me olhar, e meu estômago dá um nó.

— Pronta para sua apresentação?

Pelo visto ela me guardou para o final hoje, como sobremesa.

Minhas mãos estão pesadas e úmidas. O relógio informa que faltam só sete minutos para bater o sinal: quase hora de ir para os corredores de novo, onde Yaqui pode estar à espreita.

— Piddy? — pergunta a sra. Shepherd. — Pronta?

Mantenho o rosto impassível enquanto empurro mais para trás a bolsa com minha fantasia, que está embaixo da mesa. Não sei se é por medo de me apresentar ou por estar na Cadeira da Cadela ou porque de repente Yaqui parece real. Abro a boca, mas não sai som algum. Balanço a cabeça lentamente, enquanto meus dedos procuram o cordão. O elefante vai para trás e para a frente, para trás e para a frente.

— Eu trouxe uma faca — anuncia uma voz do outro lado da sala.

A sra. Shepherd se vira na mesma hora, apavorada. Então ela vê Rob se levantando. Ele tira da mochila a adaga para mostrá-la à

professora.

— É de papel-alumínio, eu juro. Posso ser o próximo. Estou pronto.

Todo mundo ri. Achando divertido? Ou ridículo? Não sei dizer.

— Muito engraçado, Rob — diz a sra. Shepherd, aliviada. — Silêncio, pessoal.

Ela se vira para mim e escreve alguma coisa no diário de classe enquanto Rob se dirige para a frente da sala.

— Venha preparada amanhã, senão vou ter que lhe dar um zero — sussurra ela para mim. — Não quero ter que fazer isso, ok? Sua média iria lá para baixo.

Fico olhando para a frente, tentando fingir que a decepção dela não me incomoda, mas a verdade é que nunca tirei zero. Sou a segunda melhor da turma desde, sei lá, o terceiro ano do fundamental (Mitzi sempre foi a primeira). Minha mãe guarda todos os certificados de menção honrosa em uma pasta junto com os papéis importantes.

No entanto, esse zero tem um efeito estranho sobre mim. Eu me sinto um pouco envergonhada, claro, mas também meio durona, ainda mais com Darlene e os outros olhando.

Rob agora está gaguejando a cada fala, assassinando o solilóquio de uma forma pior que o ato de Bruto contra César. Ele agarra a adaga e golpeia com força o ar. Se eu não o conhecesse, juraria que está se dirigindo a mim.

— *Ó, juízo! Fugiste para ter com as feras brutais. E os homens perderam a razão...*

Seguro o pingente com mais força. Só consigo pensar nos olhos de Yaqui Delgado, me perguntando que tipo de adaga vai cravar em mim.

Capítulo 5

— Ficou maluca? Está a fim do *Alfredo*? — Darlene resolveu me encurralar em frente ao meu armário. Chego a sentir o cheiro do chiclete que ela mastiga. — Quer morrer, por acaso?

— Alfredo? Qual é o problema deste lugar que só me encrenca com gente que eu não conheço? Não estou a fim de ninguém.

É uma mentira deslavada. É verdade que não faço ideia de quem seja Alfredo, mas sou louca pelo sr. Grandusky, o monitor da aula de história. Ele usa óculos de hipster e uma gravata com os dizeres SALVEM OS ELEFANTES. Quando ele me perguntou “O que constitui uma revolução?”, quase desmaiei.

Darlene cruza os braços.

— Ah, é? Pois eu fiquei sabendo que você andou de conversa com o Alfredo no pátio hoje de manhã. Para sua informação, ele é namorado da Yaqui Delgado desde, tipo, desde sempre.

— Eu não conversei com *ninguém* no pátio.

Então me lembro dos dois garotos que mexeram comigo. Minhas entranhas começam a se revirar.

— Você está com cara de culpada — diz ela.

— Não, estou com cara de irritada.

Bato a porta do armário. Darlene balança a cabeça em reprovação.

— Não tem por que se preocupar — digo com firmeza. — Nunca falei com o Alfredo. Agora, vamos. Vamos acabar nos atrasando.

* * *

— *O quê?* — grita Mitzi ao telefone. — Você tem que falar mais alto! Estou na quadra.

Ela está em um torneio de badminton, e eu estou na lavanderia automática da minha rua, tentando lhe contar as novidades do meu dia.

O que tem de errado na cena? Mitzi sempre odiou esportes — até ontem. Desde o jardim de infância, ela sempre era escolhida por último para todos os times, exceto no campeonato de soletrar ou quando era eu a escolher. Acho que eu deveria estar feliz por ela, mas não estou. Na verdade, estou irritada. É ridículo ficar jogando aquelas petecas de um lado para o outro.

— Você tinha razão. É um garoto! — grito.

— Um arrotto? — repete ela.

— Esquece. Me ligue quando chegar em casa.

Desligo e fico olhando, infeliz, para as roupas cheias de sabão girando na máquina, hipnotizada. Minha mãe está fazendo mais horas extras na Attronica, e agora lavar as roupas também é tarefa minha.

“Que foi? Tem coisas mais importantes para fazer?”, perguntou mamãe quando eu observei que já fazia o jantar. “Estou ganhando dinheiro para não passarmos fome, Piedad. É o mínimo que você pode fazer.”

Na casa de Mitzi ninguém nunca está lutando contra a fome. Os pais dela são totalmente chatos, antiquados e comuns. O pai trabalha na clínica, enquanto a mãe faz trabalho voluntário, lava a roupa e cozinha. Todo mundo faz seu trabalho, e o de Mitzi é só estudar. Concluo que *isso* também me irrita. Como seria minha vida se meu pai ainda estivesse por perto? Mais fácil, aposto, como a de Mitzi.

Quando eu era pequena, brincava de um joguinho só meu chamado “Quem é o Papi?”. Dava para brincar em qualquer lugar. No supermercado. No ônibus. No meio da rua. Eu via um homem e imaginava que era meu pai disfarçado, me seguindo de uma distância segura. Então fantasiava que ele se apresentava e dizia: “Piddy! Sinto muito por tudo. Pensei em você todos esses anos.” Um dia, quando estávamos comprando material escolar para o início das

aulas, quase segui um estranho até o banheiro masculino em uma loja de departamentos, fingindo para mim mesma que era meu pai. “Aonde você vai?”, perguntou mamãe. Ela lançou um olhar feroz para o homem e me afastou.

Quando a máquina termina a lavagem, percebo que não fechei meus sutiãs e que por isso todos se embolaram com as roupas. Uma alça está tão presa no agitador que tenho que enfiar metade do corpo na máquina para conseguir soltá-la. Esqueci a regra de ouro de mamãe de lavar as roupas íntimas à mão. *No fim, ela sempre está certa*, penso, o que me deixa com ainda mais raiva.

A funcionária ergue o rosto do jornal.

— Algum problema, querida?

— Não, tudo bem — resmungo.

Acabo desistindo de separar as peças. Apenas enfio o bolo de roupas na secadora e coloco umas moedas a mais, torcendo para que fique tudo seco.

Abro o livro de história e começo a estudar, mas é inútil — mesmo quando tento pensar em outras coisas, como o sr. Grandusky perguntando: “O que constitui uma revolução? Quem é o culpado por um levante?”

Olho para a secadora e me perco em pensamentos igualmente circulares.

O que constitui “estar a fim” de alguém? O que constitui “ficar de conversa”? Quem é o culpado pelo meu fracasso social?

Capítulo 6

Dois dias depois, no refeitório, aprendo um jogo novo.

Yaqui Delgado é quem me ensina.

Chama-se torpedo e se joga quando nenhum professor está olhando. É um esporte que não consta no anuário, mas que é muito real mesmo assim.

Dois times: minha mesa de almoço contra um inimigo oculto pela invisibilidade. Equipamento: uma caixinha de achocolatado e uma parede de concreto. Não é preciso pedir para jogar nem passar por qualquer humilhação enquanto os times são escolhidos. Na verdade, se você for um fracassado, é escolhido primeiro.

Darlene está reclamando das notas que tiramos no teste-surpresa de física quando uma caixinha de achocolatado chega zunindo pelo ar. O projétil bate na parede atrás de mim e explode como o Big Bang. Todos os superdotados à minha mesa ficam encharcados de leite. Por um segundo ninguém se mexe. Rob parece estar chorando lágrimas de chocolate. Darlene, pingando, olha para as próprias mãos através das lentes turvas dos óculos. As pessoas a nossa volta começam a apontar, algumas das mesas próximas que levaram respingos saem xingando do refeitório.

Percorro com o olhar o borrão de rostos presentes no refeitório, em busca do lançador do torpedo de hoje, mas já sei exatamente quem foi. A maioria das garotas da mesa latina está de costas para nós. Todas menos uma.

Yaqui.

Eu a reconheço imediatamente graças à foto do anuário. Ela não abre um sorriso quando nossos olhares se cruzam. Está sentada ao

lado de Alfredo. Depois de me encarar por um instante, dá as costas lentamente.

Nesse meio-tempo, a srta. Posey, funcionária do refeitório, vem correndo antes mesmo de eu me levantar da mesa. Ela bufa, pois é um esforço atravessar o salão tão rápido com seus joanetes. O leite escorre pelas paredes, pinga das beiradas da mesa para o chão. Ela olha para a cena com nojo.

— Quem jogou isso? — pergunta ela, como se fôssemos nós os culpados. Ninguém responde. Estamos perplexos demais para falar. — Zelador! — grita ela no walkie-talkie. — Zelador, está na escuta? — Ela me impede de tentar me levantar. — Não se mexam.

Em pensamento, estou mostrando o dedo do meio para ela. Estou com achocolatado escorrendo pela blusa e pela calça até a calcinha.

O zelador chega arrastando o balde de água turva. O nome dele é Jason, e é tão jovem que ainda tem espinhas no pescoço. Tento não olhar enquanto ele limpa a sujeira. Não olhar para ele. Nem para todos os garotos no refeitório apontando e rindo. O leite escorre das pontas do meu cabelo. Sou uma otária aos olhos de todos.

— Levantem os pés — pede ele.

Sei o que ele pensa enquanto empurra em círculos o esfregão cheio de desinfetante: somos alvos fáceis. Fracos. Ser fraco significa que você merece ser odiado, merece tudo que lhe fazem.

Fecho as mãos com força; tenho vontade de dar um soco em alguém. Rob está completamente imóvel, como se sua alma tivesse saído do corpo e não restasse mais nada. Darlene remexe em sua mochila em busca do top de ginástica listrado.

— Minha camiseta já era — reclama ela, furiosa. — Foi cara, e agora vou ficar com essas roupas sem combinar.

Seguro-a pelo braço antes que ela dispare para o vestiário.

— *Que foi?* — pergunta ela, irritada.

Minha voz é quase um rosnado:

— Preciso saber mais sobre Yaqui Delgado.

Darlene revira os olhos e inclina a cabeça.

— *Jura?*

Capítulo 7

Naquela tarde, vou caminhando para casa em um torpor. Minha blusa cheira a vômito de bebê e meu cabelo endureceu, formando picos que não consigo pentear. Lembro que eu adorava leite com chocolate quando criança. Agora essa lembrança foi arruinada.

— Oi.

Quando ergo o olhar, fico surpresa ao ver que estou em frente ao meu antigo prédio. Meus pés devem ter chegado ali no piloto automático. Sou como um daqueles elefantes africanos que encontram o caminho de casa por mais longe que tenham ido.

Joey Halper está sentado nos degraus de entrada tomando um picolé, apesar do frio de outubro que penetra pelo meu casaco. Está sorrindo para mim daquele jeito dele. Vejo que cortou o cabelo: bem rente mas arrepiado, como um presidiário. Ele tenta parecer mau, mas nunca dá muito certo. Mesmo no dia em que foi trazido em uma viatura de polícia por ter cometido furto em loja, achei que ele parecia um garotinho assustado. Tenho quase certeza de que chegou chorando naquele dia. Mas nunca perguntei nada. Tem um monte de coisas que eu não pergunto a Joey. E agora o cabelo dele está tão arrepiado que parece a barriga de um patinho, tão macio que dá vontade de tocar. Mas me controlo. Faz muito tempo desde a época em que Joey e eu ficávamos catando lagartas com galhos.

— Oi — digo.

Ele aperta os olhos, como se até mesmo o ato de pensar em mim já fosse um esforço, mas pelo menos não faz nenhuma piada das minhas roupas manchadas.

— Você não tinha se mudado? — pergunta ele.

— Você reparou.

Dá para ver a escadaria quebrada pelo vidro sujo. Uma rampa de compensado cobre os degraus. Uma fita amarela envolve a escada, como em uma cena de crime. No canto há uma caixa fechada de azulejos.

— Ainda não consertaram os degraus?

Ele dá de ombros.

— Quem liga? Mas não pense que esqueci que você me deve cinco pratas. Eu ganhei a aposta.

Nós dois sorrimos. No dia anterior ao desmoronamento da escada, Joey e eu ficamos nos equilibrando nos degraus como surfistas. “Aposto cinco pratas que não vai durar nem mais uma semana”, disse ele. Parecia que éramos pequenos de novo, antes de mamãe rotulá-lo como encrenca e me proibir de cruzar a porta do apartamento dele. Eu deveria saber que um garoto como Joey seria capaz de prever desastres melhor que eu. Afinal, ele tem muita prática: o pai bebe sem parar até explodir de raiva com alguma coisa. Para Joey, prever desastres é uma ciência.

— Então por que você voltou? — Ele dá uma mordida no picolé. — Está com saudade de mim, por acaso?

Minhas bochechas ficam vermelhas. Ele é bonito para um futuro presidiário, até Mitzi achava isso, e a pergunta me pega desprevenida. Joey faz isso às vezes. Como na vez em que levantou a questão: “O que é pior: não ter pai ou ter como pai um sacana cruel que nem o meu?”

— E então?

Eu me sinto ainda mais idiota com a blusa manchada de achocolatado. Penso rápido e aponto para a fileira de caixas de correio amassadas lá dentro.

— Vim pegar a correspondência.

Joey dá um grande sorriso. Um dos dentes da frente dele tem um lascadinho que eu acho fofo.

— Até parece. E alguém escreve para você, Sapo?

— Engraçadinho. E quem escreve para *você* além do agente da condicional?

— *Croac! Croac!* — coxa ele.

Que bela recepção.

Sigo em frente e aperto o interfone para chamar Lila, mas ainda o sinto me observando. Talvez seja minha bunda sacolejante em ação de novo. Mas não me importo.

— Quem é? — É a voz de Lila soando em meio à estática.

— É a Piddy. Abre aí.

Parece estranho não morar mais ali, não ter chave para abrir o portão. Estou prestes a dizer isso a Joey, o único amigo além de Mitzi que conheço desde a infância, mas, quando olho para trás pela porta de vidro, ele se foi.

* * *

A TV está ligada em volume alto no apartamento de Lila. Ela é viciada em novela, e *Los Diablos y el Amor* é sua preferida. Às três da tarde, de segunda a sexta, ela fica colada na tela.

Lila sopra as unhas recém-pintadas e acena para mim da sala.

— Anda logo! Você chegou bem na hora! — diz Lila. — Acho que ela vai recuperar a visão hoje.

Na tela, Yvette, nossa heroína, está em um leito de hospital, com um curativo nos olhos, ao lado do marido e da sogra, que planejou secretamente o acidente alguns capítulos atrás. Vai começar a maior confusão daqui a pouco, do jeito que Lila gosta, com muita gritaria e ameaças. Deixo minhas coisas no chão e me jogo no sofá, mas não perto demais, para ela não sentir meu cheiro. É bom estar em casa.

Lila empurra um prato na minha direção sem dizer nada. É nosso lanche da tarde habitual: um pacote de bolachas de água e sal e uma lata de salsichas viena que mamãe chama de veneno. Encho a boca e tiro os tênis sujos. Paraíso.

Quando entram os comerciais, Lila se vira para mim.

— O que você acha?

Ela levanta as unhas perfeitas em formato de amêndoas. Estão pintadas de um esmalte preto com um leve brilho vermelho.

— “Malícia”. É um lançamento da coleção de outono.

A mesa de centro está cheia de bolas de algodão espalhadas, todas manchadas com o habitual vermelho de Lila. O cheiro de acetona forma uma combinação ruim com a salsicha e o leite azedo. Tento não me sentar perto demais.

— Carregamento novo? — pergunto.

Ela pega um biscoito do meu prato com as pontas dos dedos e arqueia a sobrancelha ao dar uma mordida com cuidado.

— Chegou hoje de manhã. E devo dizer que temos uma oferta especial, srta. Sanchez. — Lila está usando sua voz de vendedora. Ela gosta de treinar comigo antes de calçar os saltos e sair batendo de porta em porta. — Esse lindo esmalte está saindo a três e noventa e nove. O preço normal é cinco.

Penso nas mulheres do nosso quarteirão, sempre com ar de cansadas, usando unhas pretas com brilho vermelho em um estilo bem vampiresco. Então me ocorre que Joey ficaria bem melhor no visual; unhas pretas talvez combinassem com as tatuagens caseiras que ele tem nos dedos. Pobre Lila. Mamãe tem razão: ela é a melhor cliente dela mesma.

— Ei, o que aconteceu com a sua blusa? — Ela franze o nariz, sentindo o fedor. — E com a sua calça?

Tem uma mancha enorme de chocolate na minha coxa direita.

— Briga de comida no refeitório — invento depressa. — O que mais você tem?

— Dê uma olhada — diz ela, e volta a prestar atenção à TV. — Mas não roube todas as minhas amostras como da última vez.

Fico feliz em remexer na maleta da Avon, aberta aos pés dela. Sempre chamamos essa maleta de Baú do Tesouro. Vasculhar seu conteúdo faz com que eu me sinta com seis anos de novo; de um jeito bom. É um modelo antiquado que parece à prova de balas, preta e dura por fora. Lila poderia conseguir uma mais moderna, mas gosta dessa. Ela diz que é o único jeito de conservar intactos os frascos de vidro e todos aqueles estojos de pó compacto.

Pego um vidrinho no formato de uma garota de saia rodada, que se abre na cintura quando o giro com força. A saia contém uma forte colônia de jasmim. Quando estiver vazia, Lila vai acrescentá-la à coleção de vidros que decoram suas janelas. São gueixas e rosas

vazias, embalagens quebráveis de todos os tipos que ela não consegue jogar fora.

Quando a música na TV aumenta, olho bem a tempo de notar que os curativos de Yvette estão sendo removidos. Lila arregala os olhos de expectativa; prende a respiração, aperta meu joelho, ainda grudento de leite. Nem eu consigo deixar de encarar a tela para descobrir o que vai acontecer.

A câmera dá um close na garota que milagrosamente volta a enxergar. A imagem corta para a sogra, depois para o marido, que não suspeita de nada. De repente, os créditos começam a subir.

— *iMaldito sea!* — Lila empurra a mesa de centro com o pé. — Vamos ter que esperar para ver aquela sacana ter o que merece?

— Por favor, né. Você sabe o que vai acontecer. — Passo perfume nos pulsos e dou uma cheirada. É melhor que leite azedo; lembra lojas de departamento chiques cujos produtos só posso olhar. Enfio algumas amostras no bolso. — Vai acabar como todas as novelas acabam. Com todo mundo feliz.

Ela afasta minha ideia com a mão como se fosse um cheiro ruim.

— E daí? Ninguém fica feliz assim na vida real. Isso é que é interessante.

Ela olha para o relógio de parede, que tem penas de pavão por toda a borda, depois olha para mim com atenção. Mexo no cabelo tentando parecer natural, mas ela vê que estou péssima.

— Sua *mami* está fazendo hora extra de novo? — pergunta Lila.

Faço que sim. Vai haver uma grande liquidação no fim de semana na Attronica, e mamãe precisa fazer horas extras para conseguir pagar a mudança. Vai chegar em casa só às nove da noite. Não vou precisar me esquivar das perguntas dela nem inventar histórias para justificar minhas roupas, mas também não estou com pressa para ficar lá sentada sozinha.

— Posso ficar um pouco. Se você quiser.

Lila sorri. Ela sempre gosta de companhia.

— *iPerfecto!* Então temos bastante tempo.

— Para quê?

— Para a gente se cuidar, é claro. — Ela me leva até o banheiro e puxa uma cadeira. — Você acha que não dá trabalho manter meu

visual?

Em um piscar de olhos minhas roupas sujas estão empilhadas e estou enrolada em uma das toalhas enormes de Lila. Ela inclina minha cabeça para trás, e logo os nós que o leite formou no meu cabelo se dissolvem em xampu de coco. Fecho os olhos. Lila massageia minhas têmporas em movimentos circulares, do jeito que faz com suas melhores clientes no Salón Corazón. Pela primeira vez hoje eu quase relaxo e deixo meus problemas irem embora com a água.

— Está indo tudo bem na escola nova? — pergunta ela depois de um tempo.

Todo o dia horrível que tive surge de volta por trás das minhas pálpebras, me enchendo de vergonha. Odeio mentir para Lila, mas não quero falar sobre isso. Aperto bem os olhos para nenhuma parte da história escapar.

— Sim.

— Mas você não me contou nada sobre a escola. Estou estranhando.

— Você está falando que nem a minha mãe agora — digo com irritação.

— Ai. — Lila olha para minha pilha de roupas sujas e usa o mindinho cheio de espuma para ligar o rádio que ela colocou em cima do cesto. Está sintonizado na La Mega FM. — Que tal um pouco de música então, rabugenta?

Fico calada enquanto o som engasgado do rádio preenche o banheiro. Lila não entenderia como é ser odiada. Todo mundo a ama; todo mundo quer falar com ela nas festas. Os homens sonham com ela. As mulheres querem ser ela. Não conheço esse feitiço secreto, ou pelo menos não na Daniel Jones, onde virei uma fracassada de uma hora para a outra.

Antes que eu consiga evitar, uma lágrima escorre pelo canto do meu olho até a têmpora. Viro a cabeça bem a tempo de fazê-la desaparecer na água. Será que Lila viu? Um tremor percorre minha coluna, mas ela não diz nada, apenas cantarola a música como se fosse uma cantiga de ninar e enxagua meu cabelo.

Capítulo 8

Minha mãe um dia já achou que seria professora de piano. Ela chegou até o terceiro ano dos estudos de música em Cuba, mas, quando veio para os Estados Unidos, não havia dinheiro para aulas caras, muito menos tempo para se dedicar a hobbies.

É o único sonho seu que mamãe já me contou, mas ela não diz muito mais além disso, pois a música do piano lhe lembra meu pai. Nosso piano é uma relíquia de quando os dois estavam juntos, então não sei por que mamãe ainda o mantém se não toca. Lila diz que mamãe tocava um *tumbao* daqueles, mas agora ela age como se o Steinway fosse apenas uma estante para bibelôs. Eu adoraria saber tocar algumas daquelas músicas latinas, mas já implorei mil vezes para mamãe me ensinar e ela sempre diz não. Até comprei umas partituras e comecei a estudar sozinha para ver se ela se animava, mas não deu certo. E é difícil aprender a tocar por conta própria quando mal se sabe ler partituras.

— Você devia ouvir Bach — diz mamãe toda vez que peço —, em vez dessas salsas de viciados em heroína.

No último Natal ela deu a Lila um CD do Kmart chamado *Timeless Masterpieces*, na esperança de nos levar para o bom caminho. Não tenho coragem de contar a ela que ainda está com o plástico intacto na estante de Lila.

Às vezes eu me pergunto se a música do piano foi o que fez mamãe se apaixonar, ou, como ela diz, “arruinar sua vida”. Não que algum dia ela fosse me dizer isso. O máximo que mamãe me conta de sua história com meu pai é em versão resumida: o nome dele era Agustín Sanchez. Era de Santo Domingo, um verdadeiro gênio no país dele, mas não conseguia trabalho, então veio para cá. Tocava

órgão aos domingos na Igreja de Saint Michael, nas missas em espanhol das onze e das duas. Deixou mamãe antes de eu nascer. Eles nunca se casaram.

É isso. Nem sei como era o rosto dele. Não restou uma única foto dele em lugar algum. Lila ajudou mamãe a queimar todas quando ele desapareceu. E nenhuma das duas tem o menor arrependimento por isso. Mamãe o chama de “Meu Destino Abominável”. Lila o chama de “o Sacana”.

Tudo que tenho do meu pai é o sobrenome, e mesmo assim só porque mamãe deve ter achado que não suportaria a vergonha de deixar NOME DO PAI em branco na minha certidão de nascimento. E se o pessoal do hospital achasse que ela era o tipo de mulher que não conseguia lembrar o nome dos homens com quem dormia?

— Por que você quer saber essa história? — diz Lila quando pergunto sobre ele. — Sua mãe cuida de você, não cuida? E eu estou sempre aqui para ajudar. Esqueça seu pai.

— Porque eu quero saber. E se um dia eu sentar ao lado dele no ônibus sem nem saber? E se ele tiver outros filhos e eu me casar com meu irmão por engano e meus filhos nascerem com problemas? — Guardo para mim o resto: *E se ele tiver se arrependido e sentir nossa falta e quiser me mandar para boas escolas e me dar aulas de piano?*

Lila balança a cabeça e olha para mim com certa tristeza nos olhos.

— Sem chance, *mi hija*. O Sacana voltou para a República Dominicana com o rabo entre as pernas. Deixe as coisas como estão.

* * *

Na sexta, estou no meu quarto ainda praticamente vazio, ouvindo uma música antiga em volume alto e dançando com um parceiro imaginário, esperando Mitzi me ligar. Fiz uma lista de tudo que quero

contar para ela. Mitzi anda tão ocupada ultimamente. Treinos, provas, clubes da escola.

O telefone toca; deve ser ela. Mas, infelizmente, é minha mãe, e isso estraga tudo.

— Me encontre na Met Foods às cinco.

São quatro e quinze. Ela está no intervalo de seu turno no trabalho.

— Preciso da sua ajuda para carregar algumas compras até em casa — diz ela. — Chegou um carregamento grande de TVs hoje e meus ombros estão dormentes.

— Não podemos ir ao mercado amanhã? — imploro. — Eu faço ovos fritos com arroz.

— Deixa de preguiça. O frango está em promoção, dois por cinco dólares. Vamos levar para Lila também. Só Deus sabe se ela tem se alimentado direito sem nós. Você quer que ela acabe igual àquelas modelos russas esqueléticas?

Mamãe desliga.

* * *

Às seis e meia, estou passando pelo pátio da escola com minha mãe. O sol está começando a se por atrás dos prédios, mas infelizmente ainda está claro, ou seja, ainda podem me ver. Estamos cada uma carregando duas sacolas; mamãe ficou com as mais leves, com os chips de banana e os guardanapos. Estou carregando quatro frangos, que mamãe levou quinze minutos para escolher. Ela me fez vasculhar o freezer do mercado para selecionar os melhores.

A cerca de arame parece longa demais, ainda mais com os tênis de mamãe guinchando a cada passo. Ela segura a bolsa com mais força e faz cara feia para os adolescentes reunidos na calçada, como se estivesse encarando felinos comedores de humanos no zoológico. Uma música antiga do Pitbull ressoa em altos brados de um rádio. O baixo faz o chão tremer. Preciso me esforçar ao máximo para não começar a rebolar no ritmo da música.

Rezo para mamãe não começar. Se tem uma coisa que ela não consegue deixar passar é uma oportunidade de me alertar sobre os perigos da vida — que estão à espreita em toda parte, de assentos de privada sujos a homens estranhos em becos, só esperando que apareçam garotas burras a ponto de saírem sozinhas.

Não dou sorte.

— Garotas decentes não ficam de bobeira no pátio da escola, *oíste?* — começa ela.

Ela fala bem alto, dá para ouvi-la apesar da música.

— Shhh, mãe, por favor...

— Olhe só aquela. — Mamãe aponta. — Uma selvagem na rua. *Qué chusma.*

Quando olho para o pátio, uma onda de medo percorre meu corpo. De todas as pessoas no mundo, é justo Yaqui Delgado, em carne e osso, como um pesadelo que invadiu o mundo real. Ela está jogando um velho jogo de cartas chamado suicídio, com outras três garotas. Já perdeu seus últimos pontos, porque está encostada no muro do pátio, esperando que o pelotão de fuzilamento dispare. As outras garotas começam a jogar bolas de borracha dura, nove tiros ao todo, mas Yaqui nem se encolhe. Mantém as mãos atrás da cabeça e sorri, mesmo quando uma bola a acerta atrás da orelha com um ruído alto, mesmo quando uma a acerta bem na boca. Aqueles olhos do anuário brilham como fogo enquanto ela é bombardeada; é como se quisesse mais.

Mantenho os olhos baixos e torço para que Yaqui esteja ocupada demais para nos ver passar. Às vezes tenho certeza de que vão acabar nos matando por culpa da boca de mamãe. Estou andando rápido, mas ela não me acompanha. A decência — ou a falta dela — é um dos tópicos favoritos de mamãe atualmente. E trabalhar em uma empresa que vende eletroeletrônicos só piora tudo. As dezenas de telas alardeiam notícias o dia todo até ela ficar carregada de tensão. Estupros, perseguições, espancamentos, o que você imaginar, só porque alguém estava no bairro errado. Ela está convencida de que o mundo é uma podridão só. E se eu não tomar cuidado, também serei levada pelo tsunami de imundície.

— *Son unas cualquieras* — murmura ela.

Ralé. Garotas sem cultura, sem vida familiar, sem instrução, é o que ela quer dizer. Do tipo que faz mamãe atravessar a rua se avistar alguma delas à noite em dia de pagamento. Elas são o pesadelo de mamãe, representando o pior que uma garota latina pode se tornar nos Estados Unidos. As enormes argolas nas orelhas, as sobancelhas desenhadas, os lábios escuros pintados como os das estrelas dos antigos filmes em preto e branco, a camiseta apertada mostrando curvas demais e convidando os garotos a tocá-las. O engraçado é que, se eu pudesse ser qualquer coisa agora, seria exatamente como uma delas. Seria tão forte que nem me encolheria enquanto me metralhassem com bolas de borracha. Seria tão dura que as pessoas atravessariam a rua quando me vissem chegando. Yaqui e eu seríamos duas *hermanas*, uma irmandade de latinas. Comemos a mesma comida. Falamos do mesmo jeito. Viemos de países que são diferentes cômodos de uma casa grande, mas estamos a um mundo de distância.

Pelo canto do olho, vejo que Yaqui e algumas garotas começaram a jogar handebol. É um jogo difícil e rápido, puro instinto. Yaqui está sem casaco, embora dê para ver a fumacinha no ar quando ela respira. A camiseta colada exhibe seus ombros definidos. E eu aqui igual uma otária, carregando minha mãe até em casa com uma sacola de aves mortas e aipim congelado.

Mamãe percebe que estou olhando.

— Eu não fiz tanto sacrifício para você virar uma dessas.

— Vamos logo — digo.

O sinal à frente está amarelo.

Só quero chegar em casa. Não quero ouvir sobre os sacrifícios de mamãe agora. Já ouvi sobre *el bombo* um milhão de vezes. Os cubanos não podiam vir para os Estados Unidos como as pessoas dos outros países. Tinham que entrar em uma loteria maluca do governo. Foi o que mamãe fez, e ela gosta de fazer a coisa toda parecer muito dramática. Conta que foi correndo ao correio com os bobes ainda no cabelo para enviar seu nome aos responsáveis pela loteria; que rezou para todos os santos para que seu nome fosse sorteado e ela se salvasse de passar fome; que, quando pousou nos Estados Unidos, ficou sentada no aeroporto esperando ser

apanhada, como uma mala, por um primo que nem conhecia. E desde então só faz trabalhar.

E por aí vai.

Eu me jogo na frente de um carro bem a tempo. Já mamãe, que é mais velha e mais lenta, fica empacada esperando o sinal.

— Piddy! — grita ela às minhas costas.

Tenho certeza de que Yaqui ouviu. Não diminuo o passo quando meu nome ecoa pela rua. Estou praticamente correndo quando chego à porta de casa.

— Qual é o seu problema, Piedad? — Mamãe está sem fôlego quando finalmente me alcança. O cadarço dos tênis dela desamarrou, e ela parece ainda mais exausta que o habitual. Ela nem tenta cumprimentar a sra. Boika, que está em seu lugar de sempre, cuidando de suas últimas rosas murchas. — Vai tirar alguém da força?

Trinco os dentes enquanto procuro a chave.

— Como pode falar mal de quem você nem conhece? — grito. — Como você pode odiar uma estranha? Por que tem que pegar no pé das pessoas?

Ela não é melhor que Yaqui. Sinto como se por toda parte houvesse alguém fazendo bullying comigo ou com os outros.

Minha chave não consegue girar a fechadura emperrada. Estou muda de medo e raiva, sacudindo a porta e enfim abrindo-a com um chute. Mamãe me olha surpresa, sem entender. Vejo tensão no canto de seu olho quando ela se empertiga como uma pianista de concerto no banco.

— O que houve? — pergunta mamãe. — Você está tremendo. Qual é o problema?

O que posso dizer que não vá piorar as coisas? Se eu contar sobre Yaqui, ela vai sair correndo até a Daniel Jones com esses tênis que guincham e encher os ouvidos do diretor com essa história de selvagens. E aí minha morte é certa.

— Eu odeio esse apartamento idiota, entendeu? *Odeio*. Queria nunca ter me mudado!

Mamãe dá a impressão de que vai dizer mais alguma coisa, mas apenas balança a cabeça e vasculha a bolsa.

— *Dios de mi alma* — murmura ela. — Você passou a semana toda mal-humorada!

Faz quinze anos que ela não vai à Igreja de Saint Michael, mas faz o sinal da cruz como uma freira e remexe dentro da escuridão da bolsa atrás da chave.

Capítulo 9

Sábado é o dia mais movimentado no Salón Corazón, e é por isso que Gloria Murí às vezes me pede para ir com Lila. Fico muito entediada nos fins de semana sem Mitzi, e as gorjetas são boas. Além do mais, preciso do dinheiro para comprar um moletom novo antes que esfrie ainda mais — descobri que manchas de achocolatado são piores que de sangue.

Gloria é a dona, e o negócio tem ido tão bem ao longo dos anos que ela ficou rica. Tem uma casa em Great Neck e uma mulher que limpa e cozinha para ela. Todo mundo conhece o Salón Corazón. É um estabelecimento cuja fórmula se traduz em: uma parte de salão de beleza mais três partes de local de encontro. Sua equipe é composta por seis cabeleireiros, duas assistentes para lavar cabelo, três manicures e eu. Pelo que sei, há apenas uma regra de ouro que ela impõe aos funcionários, e não é ter que ser imigrante legal, pois ela paga em dinheiro se a pessoa quiser. O que Gloria exige é que você faça as clientes felizes. Quando abre as portas do salão para dar início ao dia de trabalho, ela grita para nós: “¡Sonrisas!”, e essa é a deixa para vestirmos nossas caras mais felizes. Ela serve infinitos bules de cafezinho com biscoitinhos amanteigados e nunca reclama se as freguesas se atrasam um pouco ou ficam para conversar quando terminam. É uma confusão de fofocas e discussões inofensivas que se desenrolam aos gritos para superar o ruído dos secadores. Às vezes o lugar fica tão cheio que a gente mal consegue se mexer. Era de se imaginar que ela ficaria doida, mas não. É assim mesmo que ela gosta.

— *Mis hijas*, nesse ramo você tem que ser como um antiácido! — Gloria sempre diz. — Um alívio reconfortante.

Basicamente, meu trabalho consiste em servir café, varrer cabelo e dobrar as toalhas quentes recém-saídas da secadora, que fica nos fundos. Sem contar que às vezes, quando chega uma linha de esmaltes nova, minhas mãos servem de modelo, por conta das minhas lindas unhas sempre compridas. Não é ruim, exceto quando o cachorro de Gloria está no *salón* — como hoje. Fabio é um shih tzu velho de pelo comprido, cego de um olho e com péssimo comportamento. Se eu não tomar cuidado, ele morde meus tornozelos; com força. Nem meus tênis de cano alto conseguem me proteger de seus dentes afiados como agulhas. Tenho que me armar com um borrifador de água para mantê-lo na linha quando Gloria não está olhando. Mas ninguém sonha em reclamar desse monstinho com a chefe. Ela o adora; é como se tivesse sido gerado no próprio ventre de Gloria.

Depois de Fabio, o preferido de Gloria é Lila, naturalmente. Aliás, Lila é a assistente preferida do salão, ganha mais gorjetas do que os próprios cabeleireiros. E eu me dou bem com isso, porque Lila às vezes me leva para fazer compras aos sábados e ainda me paga o jantar.

Como sempre, ela passou a manhã toda dando conselhos amorosos e convidando clientes para sua próxima festinha da Avon, na noite de Halloween.

— Vou servir um rum, botar uma música e fazer todo mundo se divertir — diz Lila. — Vai ser uma festa!

— Só vou se o seu namorado ficar de barman! — grita alguém.

Lila dá uma gargalhada sonora e o salão explode em aplausos. O assunto do momento é o namorado atual de Lila, o policial Raúl. Já o vi algumas vezes. É um cara normal. Meio dentuço para o meu gosto. Só Deus sabe quanto tempo vai durar com ele.

— Eu vi vocês dois dançando na boate — diz uma das manicures, o rosto coberto de máscara. — Ele é mais gato que o William Levy. Sua sortuda! — Para ilustrar, ela sacode os dedos como se tivesse se queimado. Risadinhas.

Fico só escutando enquanto varro o chão. Se você quiser saber qualquer coisa sobre a vida amorosa de qualquer um do Queens, vá ao Salón Corazón no sábado. É impressionante como as mulheres

contam todo tipo de detalhes íntimos quando estão com aquela capa de plástico nos ombros e a cabeça envolta em papel-alumínio. As substâncias químicas agem como um soro da verdade. Em dois segundos você ouve tudo sobre o marido imprestável de cada uma delas e o vizinho bonitão do você-sabe-o-quê grande.

Nesse momento, Fabio rosna e avança na minha vassoura.

— Sai pra lá — digo, borrifando água nele. Não dormi direito, e ele está me importunando a manhã toda. — *iVete!*

— *iDios mío!* Aquela é a filha da Clara?

Levanto o olhar da pilha de cachos castanhos no chão. A cliente que está lavando o cabelo com Lila está me espiando por baixo da toalha que usa na testa para proteger os olhos. Droga. É Beba, a exibida que trabalha como caixa na drogaria Lewis. A filha dela, Merci, está estudando medicina na Cornell University com bolsa integral, coisa que ela insiste em mencionar em todas as conversas. Beba me dava pirulitos de trás do balcão quando eu era pequena. É uma mulher grande com seios fartos e lábios carnudos. Quem não a conhece deve achar que é um homem vestido de mulher.

— Venha aqui, quero dar uma olhada em você!

Ai, caramba.

— Sim, é a Piddy. — Lila pisca para mim enquanto espalha o xampu. — Ela vai fazer dezesseis anos semana que vem. Está linda, não é? Você precisa vê-la de cabelo solto.

Fico ali parada me sentindo meio idiota. A qualquer momento alguém vai me perguntar se tenho namorado ou, pior ainda, como está a escola.

— Ela é igual à Clara — diz Beba. — *iIgualita!*

Eu me olho de relance no espelho. Estou com uma cara *tão* amarga assim, hoje? *Tão* amarga quanto minha mãe? Nunca considere essa possibilidade. Meu cabelo escuro está preso em um rabo de cavalo e estou cheia de espinhas. Mas acho que era para ser um elogio.

— *Gracias.*

Forço um sorriso e volto a varrer o chão.

— Onde é que os anos vão parar? — prossegue Beba. — Ontem mesmo minha Merci ainda brincava de médica com as bonecas e

essa aqui era um bebezinho de dedos sujos, e agora vejam: Merci foi fazer faculdade na Cornell e Piddy está crescida e linda. — Ela se vira para mim. — Pode falar a verdade: aposto que os garotos babam por você.

Minhas bochechas ficam quentes.

— Na verdade, não — respondo.

Mas Beba não está ouvindo.

— *Estás hecha una mujer.*

Ela balança a cabeça com tristeza. Muitas das mulheres do salão me dizem a mesma coisa: “Você virou uma mulher”, mas sem a menor alegria na voz.

Ela volta a ajeitar a toalha na testa, mas então olha para Lila.

— Falando nisso, como vai a *Clara*? — pergunta, como se isso tivesse acabado de lhe ocorrer. — Faz séculos que não a vejo. Ela está namorando alguém?

Quase dou uma gargalhada. Afinal, estamos falando sobre minha mãe.

Lila balança a cabeça.

— Ela diz que anda ocupada demais.

— Ora, que mulher está ocupada demais para *un buen hombre*?

Lila balança a cabeça de novo e suspira.

— É o que eu digo, mas ela não me deixa arranjar nenhum encontro com ninguém.

Beba estala a língua.

— Também, né...

Ela olha para mim e termina a frase com um olhar de quem sabe mais do que está dizendo.

Paro de mexer a vassoura. Mamãe namorando é uma ideia ridícula. Sequer consigo imaginá-la se divertindo aqui, entre amigas. Nem lembro quando foi a última vez que mamãe pisou no Salón Corazón, embora o lugar seja frequentado por todo mundo que ela conhece. Mamãe sempre diz que na escola de beleza da Main Street dá para arranjar um bom corte por dez pratas, mas eu bem sei que é preciso ter sorte para sair de lá com as duas orelhas ainda presas à cabeça.

— *Mira para esto* — diz Lila, estalando a língua. — Beba, como você pôde deixar os fios com tantas pontas duplas, *mi hija*? Seu cabelo é seco. Não posso deixar você sair daqui assim. — Ela faz sinal para mim. — Piddy, por favor, pegue lá atrás para mim o condicionador de hidratação profunda. É o de embalagem vermelha com tampa cinza.

Estão tentando se livrar de mim, é claro. Eu me afasto um pouco, mas paro atrás da cortina de contas para ouvir o que dizem. Por sorte, a voz de Beba é tão expansiva quanto o tronco dela.

— *La pobre* Clara. Ainda me lembro daquele dia terrível. Você não? — comenta Beba. — *iQué escándalo!* Aquele adúltero do Agustín partiu o coração da pobrezinha para sempre.

Fabio vem trotando até mim e começa a rosnar na passagem. Ele arreganha os dentinhos afiados, seu olho cego fixo em mim.

— Cala a boca, senão enfio você na secadora — sussurro com raiva.

Mas é tarde demais. Ele explode em um frenesi de latidos e pulos. Lila se vira e espia pela passagem onde estou. Ela arqueia as sobrancelhas.

— Piddy? Achou?

Não tenho escolha senão seguir para o depósito. Demoro um pouco, mas enfim encontro o condicionador: está na prateleira do alto, ao lado das unhas de acrílico e das cabeças de manequim com perucas. Lila já está enxaguando o xampu de Beba quando volto.

— Fazer o quê, não é mesmo, Beba? Você conhece esse tipo de homem. Só sabe amar com *aquilo* — ao dizer isso, ela aponta para a virilha —, não com o coração. Amar os filhos, então...

Ela me vê esperando ao lado da cortina de contas e para de falar. Passei a manhã toda sonolenta, mas de repente estou bem desperta.

— Muito bem, Bebita — diz Lila quando lhe entrego o condicionador —, vamos cuidar dessa juba.

* * *

No fim do dia vamos fazer compras na City Fashion e paramos para comer pizza no Vesuvio's. É uma espelunca, com chão grudento e a espuma do estofamento saindo dos assentos de vinil, mas tem a melhor pizza siciliana do bairro. Lila deixa longos pingos de gordura laranja escorrerem para o prato de papel. Estou usando meu novo moletom com capuz, mexendo a Coca com o canudo e pensando.

— Sem fome? — Lila está me olhando com atenção. Nem toquei na minha fatia de pizza. — Você está tão quieta. E meio pálida. Será que está ficando doente?

— Meu pai tinha outra mulher? — pergunto de repente.

A pergunta paira no ar por alguns segundos, como um cheiro ruim.

— O quê?

— Meu pai traía a minha mãe? Eu ouvi o que a Beba disse. Que ele partiu o coração da mamãe. Foi isso o que aconteceu?

Lila larga sua fatia e limpa os dedos.

— Ave Maria, Piddy. Temos mesmo que falar sobre essas coisas enquanto comemos? Você sabe que o meu estômago é sensível. Vou ter indigestão só de pensar naquele cara.

— É verdade?

Ela espalha pimenta sobre a pizza furiosamente.

— Não quero falar sobre isso.

— É só me contar e pronto. Não é justo mamãe guardar uma coisa assim em segredo, anda mais se os outros sabem. Como você acha que *eu* me sinto com isso?

Ela pousa o pimenteiro na mesa e suspira.

— A vida é complicada, Piddy. As pessoas às vezes guardam as coisas só para si. Por que sair por aí se lembrando das coisas ruins? Além do mais, não tem nenhuma regra que obrigue as pessoas a contar aos outros tudo sobre o seu passado. Veja só você. Vai me dizer que não tem alguns segredos também?

Ela lança um olhar demorado, esperando minha reação, mas eu não respondo.

— Viu?

Comemos em silêncio por alguns minutos.

— Ou ele era canalha ou não era — digo por fim. — Seja o que for, eu tenho o direito de saber.

— Isso não importa.

— Importa sim. — Minha garganta se aperta e sinto um nó quando digo o que penso há tanto tempo: — Ele foi embora por um motivo. Foi porque tinha uma amante? Ou porque não me queria e pronto?

Lila fica me encarando por um tempo. Seu batom de longa duração finalmente saiu, e seu rosto parece cansado, mesmo por baixo do blush. Dentro de seus olhos castanhos, quase consigo vê-la queimando todas as fotos do meu pai, ensacando as gravatas e camisetas para jogar no lixo. Por que tanta raiva e tanto segredo? Parte de mim não quer saber. É a mesma parte que deseja ser criança de novo e apenas me deixar ser abraçada por Lila, para eu poder sentir os batimentos do coração dela através de seu peito. Mas sou quase uma mulher agora. É o que todo mundo diz. Não tenho como voltar no tempo.

— Você perguntou à sua mãe? — indaga ela.

Balanço a cabeça em negativa.

— Você conhece a mamãe.

— É. — Lila olha para as unhas com esmalte descascando. Então sussurra: — Seu pai arrumou uma amante e foi descoberto. Não se importou com quem sairia machucado.

— Ele arrumou uma *chusma*? — pergunto.

Lila parece que vai vomitar. Seus lábios se abrem e fecham como se ela não soubesse como continuar.

— Por favor, Lila — insisto. — Já tenho quase dezesseis anos. Quando vou poder saber a história da minha vida?

Ela respira fundo e assente.

— Você deveria estar conversando sobre isso com a sua mãe, mas vou contar porque amo você. Se mais alguém souber disso, mesmo a Mitzi, não falo com você nunca mais. *Te lo juro*.

Ela faz o sinal da cruz para mostrar que é um juramento sagrado.

— Prometo que não conto.

— Agustín já era casado quando conheceu sua mãe, Piddy. A amante dele era a sua *mami*. As coisas ficaram feias quando você

entrou na história.

Fico sem palavras por um segundo. Tenho certeza de que não entendi direito.

— Espere. Você está me dizendo que a *minha mãe* teve um caso? Com um homem casado?

Ela balança a cabeça, exasperada.

— Olhe, vamos esquecer essa história toda. Eu nem deveria estar falando sobre isso com você. Sua mãe arrancaria minha pele se soubesse. Eu nunca devia ter aberto a boca.

Mas não me dou por satisfeita.

— Está me dizendo que mamãe engravidou... de um homem casado? — Então, tudo fica claro para mim. — Mamãe era uma *chusma*?

— Nunca mais diga isso. Não foi assim. — Lila diz isso alto e em um tom severo que jamais usou comigo. — Ela não sabia todos os fatos sobre o Sacana.

Olho fixamente para ela, em choque.

Lila respira fundo.

— Me desculpe. Mas você precisa conversar com a sua mãe sobre isso, Piddy. Acredite se quiser, tem coisas que até eu tenho noção de que não são da minha conta. — Ela pega a pizza e dá uma mordida selvagem. — Agora coma.

Capítulo 10

A revelação faz com que eu me sinta atordoada perto de mamãe. Um homem casado? É difícil imaginá-la fazendo sexo antes do casamento. Para falar a verdade, é difícil imaginá-la fazendo sexo e ponto. É como se eu não soubesse quem é minha mãe. Ou talvez eu finalmente saiba. O fato é que isso explica muita coisa sobre Agustín e seu sumiço definitivo. Durante toda a minha vida, ele nunca se lembrou do meu aniversário. Eu me perguntava que tipo de pai não se lembra do aniversário da própria filha. Agora já sei: o tipo que tem uma família inteira em outro lugar, claro.

Não que eu não tenha tido aniversários bons. Alguns foram até muito bons. Quando fiz oito anos, por exemplo. Mitzi e eu fomos com Lila e mamãe ao zoológico do Bronx, no ônibus Q44. Foi quando vi elefantes pela primeira vez, e me apaixonei. Eles estavam brincando com uma bola amarrada em uma corda. Depois os cuidadores deram banho neles com escovas de cabos compridos e mangueiras, esfregando até as unhas dos pés e a tromba de cada um. No final, Mitzi e eu fomos à lojinha, onde Lila e mamãe me deixaram escolher um presente. Foi quando ganhei meu elefante de jade, nesta correntinha fina de prata.

“Representa força”, disse a atendente da lojinha ao me entregar o embrulho.

Quando chegamos em casa, mamãe fez um bolo de caixinha e me deixou lambe a tigela sem ficar me alertando dos riscos de salmonela. Naquela noite, pegamos cobertores e montamos uma barraca no sofá-cama. Lila e Mitzi dormiram lá em casa.

* * *

As coisas na escola não melhoraram. Desde o dia em que “brinquei” de torpedo no refeitório, eu me encolho, sinto a boca seca e um vazio toma conta da minha mente todo dia de manhã quando cruzo a cerca de arame. Uma grande nuvem engole tudo ao meu redor. É como se o pátio da escola fosse um grande miasma: uma daquelas supostas nuvens venenosas a que os cientistas antigamente atribuíam a morte de muitas pessoas, antes de descobrirem que na verdade são os micróbios na água e coisas do tipo. Sim, a Daniel Jones é um miasma que apaga mentes, e está devorando meu cérebro. Esqueço tudo sobre física e velocidade. Não consigo lembrar por que os Estados Unidos se envolveram na Primeira Guerra Mundial. Passo cada tempo de aula olhando para o relógio, planejando como ir para a sala da aula seguinte sem encontrar Yaqui, como se esse fosse o verdadeiro teste. Assistir às aulas é só o que faço nesse meio-tempo.

Darlene e eu estamos a caminho da aula de matemática, e ela está reclamando do boato sobre o teste-surpresa do sr. Nocera quando alguém me dá um tapa na nuca. Acontece tão rápido que a princípio penso que foi sem querer. Sou mesmo muito idiota. Só percebo que estou com um problema sério quando ele já me engoliu inteira.

Darlene olha direto para a frente e começa a andar rápido.

Outro tapa, desta vez mais forte.

Quando me viro, vejo duas garotas que não conheço. Elas fingem que não tocaram em mim, mas estão prendendo o riso, e fica óbvio que o motivo da graça sou eu.

— Parem — digo.

— Parar o quê? — retruca uma delas.

De repente, sinto um puxão no pescoço por trás e, com um pequeno estalo, meu cordão se romper. Levo a mão ao pescoço, mas é tarde demais. Quando olho, vejo Yaqui no meio da multidão, já se afastando.

— Ei! — grito enquanto tento ir atrás dela.

As garotas bloqueiam meu caminho, e logo a multidão de alunos no corredor fica intransponível. Tento forçar a passagem, mas as pessoas me empurram de volta, irritadas. Pelos espaços entre ombros e mochilas, acho que ainda consigo ver Yaqui, o pequeno coque em sua nuca.

— Devolva isso!

Alguns alunos se viram para olhar, mas, quando consigo passar por eles, Yaqui e suas amigas sumiram de novo. Vejo apenas cores, camisetas e caras feias.

O sinal toca e o corredor aos poucos se esvazia, mas mesmo assim ainda não consigo me mexer. Fico ali parada, tentando decidir o que fazer. Fui roubada na escola, mas até Darlene sumiu, me deixou sozinha. Não a culpo, na verdade. Estou cruzando a fronteira rumo ao território em que sou um risco, ofereço perigo a quem me conhece. Meu problema pode ser contagioso, e ninguém quer pegar essa doença social. Fico de quatro e procuro em cada centímetro do corredor, cada degrau das duas escadas. Passo os dedos em bolotas de poeira em busca do meu elefante, buscando-o entre tampas de caneta mastigadas e elásticos de cabelo arrebatados.

Nada.

Minhas mãos estão sujas e ainda tremem quando finalmente chego à sala de aula. Sinto meu rosto quente, mas meu pescoço está frio além do normal. Nada parece real para mim. Todo mundo interrompe o teste e ergue o rosto do papel para me ver ali parada na porta estupidamente.

— Atrasada — acusa o sr. Nocera.

— É que eu perdi uma coisa — digo.

— Sem dúvida perdeu: dez minutos do seu teste.

— Uma coisa importante — insisto.

— Procure nos achados e perdidos na hora do almoço. — Ele já está rabiscando no diário de classe. — Dois atrasos e você leva uma detenção, srta. Sanchez. Aqui não tem moleza.

Olho através dele e sigo para meu lugar, furiosa. Darlene estica o pé para me fazer parar quando estou passando entre as mesas.

— Você não vai contar, vai? — sussurra ela. — Se contar, me deixe de fora, pelo amor de Deus. Eu *não* quero ser testemunha.

Agora é minha vez de revirar os olhos.

— Me deixe passar.

Sigo em frente e sento no meu lugar. Será que ela me acha assim tão idiota?

Minha cabeça começa a latejar. Estou furiosa demais para fazer o teste que o sr. Nocera me entrega, então fico de cabeça baixa olhando pelas grades da janela até não ver mais as grades desta prisão. Só tem uma coisa que sei ao certo: tenho que recuperar meu cordão. A questão é: como?

Capítulo 11

A orientação educacional fica na sala 109, no único trecho ensolarado de corredor de toda a maldita escola.

Pelo vidro da porta observo Darlene ao telefone dentro da sala, parecendo a mulher de trinta anos que ela gostaria de ser. Ser monitora na orientação educacional é uma forma de computar créditos sem precisar cumprir o horário na sala de estudos, a que ela se refere como “desperdício de tempo de aprendizado”. Naturalmente, todas as secretárias a adoram. Quando está com o crachá de voluntária, ela é uma jovem responsável, ligeiramente arrogante e desenvolta ao telefone. Uma versão em miniatura das próprias orientadoras.

Precisei ser persuasiva para corrompê-la. Precisei jurar que nunca a usaria como testemunha, em hipótese alguma. E também que a ajudaria com o dever de física pelo resto do ano.

Estou no corredor, fingindo que o quadro de avisos é interessante, enquanto espero que ela consiga aquilo de que preciso. Nosso crime está demorando mais do que imaginei; eu já deveria estar na sala de estudos a esta altura. A qualquer momento um dos inspetores vai me encontrar aqui e me perguntar o que estou fazendo fora de sala. E nem me esconder no banheiro eu posso. Quem sabe o que aconteceria se o grupo de Yaqui me encontrasse lá?

O quadro está lotado de cartazes. Alistamento militar. Visitas a universidades. Datas e códigos para inscrição nas provas de admissão nas universidades. Uma academia de ciências. Um dos cartazes chama minha atenção: uma imagem de um buldogue dentro de um círculo com uma linha vermelha na diagonal. ESTA

ESCOLA DIZ NÃO AO BULLYING. RESISTA. DENUNCIE, incentiva o cartaz. Quase dou uma gargalhada.

— Aqui — sussurra Darlene, enfiando a cabeça para fora da sala alguns minutos depois. — Os horários da Yaqui.

A folha vem escondida embaixo de uma ficha de inscrição para a academia de ciências. É um documento oficial da escola, em que constam também informações pessoais. Ela puxa a saia com nervosismo enquanto analiso o que tenho em mãos.

— Espero que você saiba que eu poderia arranjar um problemão por causa disso. Para os monitores, consultar os registros dos alunos é, tipo, *ilegal*.

— Então você é a maioral da clandestinidade — digo, para fazê-la se sentir melhor. — Obrigada.

Olho o endereço e tento localizar a rua. Se eu estiver certa, é no Bland. O bairro é um poço de merda, se é que existe tal coisa. Combina com ela. Examino a grade de horários para ver os números das salas e as matérias que Yaqui cursa. Não temos nenhum professor e nem uma única aula em comum, mas mesmo assim não consigo escapar dela. Como isso é possível? Dobro a folha com cuidado e a guardo na mochila.

— De nada — diz Darlene.

Saio às pressas pelo corredor.

* * *

Há dois pequenos retângulos de vidro na porta da sala, ambos cobertos com cartolina preta. Olha lá para dentro por uma beiradinha. De acordo com o documento, Yaqui tem uma aula eletiva de saúde e prevenção agora.

Estou quase tonta ali. Minha cabeça começou a latejar nas têmporas, uma batida leve que vai ficando mais alta a cada segundo, até que reconheço o que está se insinuando em meu cérebro. É o ritmo forte de uma salsa, a batida clássica de dois-três. *Pa-pa/pa-pa-pa/Pa-pa/pa-pa-pa*. A banda dentro da minha cabeça

latejante está esperando para tocar, para que Yaqui e eu possamos seguir *mano a mano* em nossa dança.

O que vou fazer agora que estou aqui? O que digo à professora dela? Que preciso falar com Yaqui Delgado? E se eu conseguir falar com Yaqui, vai ser para dizer o quê, exatamente? *Devolva meu cordão, sua ladra?* O plano todo de repente me parece idiota.

— Em que aula você deveria estar?

A sra. Shepherd apareceu do nada. Quando me viro, encontro-a apontando para mim com a antena do walkie-talkie. É ela a professora de “plantão” dos corredores, procurando fujões como eu. Está até de tênis, especialmente para a ocasião. Então me dou conta de que nunca matei aula antes. A sra. Shepherd parece surpresa quando me vê; depois, apenas decepcionada.

— Piddy?

Não respondo, mas não por grosseria. É como se ela estivesse falando com outra pessoa. Não me sinto nem de longe a mesma garota em quem a sra. Shepherd depositou todas as suas fichas algumas semanas atrás. O fato é que estou perdendo o brilho aos olhos dela, da mesma forma que estou perdendo o brilho para o sr. Nocera e para todos os meus outros professores. Não entreguei meu trabalho de inglês ontem — mais um arranhão em minha armadura reluzente. Simplesmente não consegui encontrar energia para me importar com participípios.

— O que você está fazendo fora de sala? — pergunta ela.

Com a cabeça girando, sinto como se ela estivesse falando comigo de um lugar distante.

— Você está bem? Parece doente.

— Achei que tivesse aula de saúde e prevenção agora, mas me enganei — minto.

Ela posiciona o dedo no botão do walkie-talkie e bate com a antena do aparelho na boca. Ela pode verificar meus horários e comprovar minha mentira agora mesmo.

— O sinal tocou seis minutos atrás.

— Tive que passar na orientação educacional. Pegar o formulário para a academia de ciências.

Levanto a ficha grampeada para que ela veja.

A sra. Shepherd assente, pensando.

— Piddy, eu estava querendo conversar com você sobre os seus trabalhos para a aula de inglês.

Antes que ela tenha a chance de dizer mais alguma coisa, recuo um passo.

— Vou melhorar — murmuro, me apavorando de vez. — Tenho que ir para a sala de estudos.

As batidas na minha cabeça estão ameaçando partir meu crânio ao meio. Sigo pelo corredor, mas, quando chego à escada, meus olhos grudam na porta de saída. Não tenho coragem de encarar Yaqui, e agora não consigo respirar dentro desta escola. Não consigo enxergar quem sou nem ouvir minha própria voz. Já estou atrasada, e quem se importa se eu levar uma advertência por não cumprir meu horário na sala de estudos? Então me dirijo às portas laterais e saio para o silencioso mundo exterior. O sol frio é cegante.

Não vou para casa. Vou até o ponto de ônibus que tem a dois quarteirões da escola e subo no primeiro que passa, para matar tempo. Essa linha leva à estação do metrô, mas, como é o meio do dia, o ônibus está quase vazio. Eu me sento nos fundos.

Ela roubou meu colar de elefante. Digito a mensagem para Mitzi e espero a resposta enquanto sigo no ônibus. Dez minutos inteiros se passam e nada.

Fico olhando pela janela, emburrada e me sentindo ignorada. O ônibus contorna o conjunto habitacional onde Yaqui mora. Prédios altos e bancos com alguns caras sentados esperando por nada. Ergo o olhar enquanto o ônibus avança, tentando imaginar de qual dessas janelas feias Yaqui olha para o mundo.

Um homem lá na frente do ônibus aperta o botão de parada. Ele é da idade de mamãe, alto e com cabelo grisalho. Leva um jornal dobrado debaixo do braço. Não consigo evitar: começo meu antigo joguinho. Decido que ele gosta de *plátanos fritos* e de *cheesebúrgueres*, como eu. De programas sobre a natureza. Quando ele desce, quase consigo imaginar sua voz grave e calma no meu ouvido enquanto ele me põe para dormir.

“Piddy, me desculpe por tudo. Pensei em você todos esses anos. Não se preocupe, vou protegê-la. E olhe: escrevi uma música para

você.”

Vou até o amargo fim da linha pensando em meu pai imaginário e cantarolando a música composta por ele.

Capítulo 12

— Você não tem feito os deveres de casa?

Minha mãe está sentada à mesa da cozinha, sua voz tensa, enquanto tento fazer meu dever. O bife e o arroz branco que fiz para ela ainda estão cobertos no fogão. Ela nem tocou na comida.

Em vez de jantar, mamãe está conferindo o relatório de desempenho escolar que chegou hoje pelo correio. Se eu soubesse que a Daniel Jones envia essas avaliações para os pais, teria monitorado a caixa de correspondência com mais atenção, talvez até a enchido de bombinhas ou tacado fogo, como Joey faz com a dele. Agora minha mãe está furiosa, me enchendo de perguntas. Ela massageia os próprios ombros e franze a testa enquanto lê em voz alta, com seu sotaque carregado:

— “A aluna demonstra desatenção. A aluna não entrega os trabalhos.”

— Mãe...

— “A aluna está aquém de seu potencial.”

Ela pausa o papel na mesa e me lança um olhar de indignação. Em seguida, começa a contar os zeros no boletim impresso, descendo o dedo mindinho pelos números.

— Diz aqui que você ficou com zero em seis matérias. *Seis*.

Não respondo. Minha cabeça ainda dói, e a voz de mamãe só aumenta a vergonha que sinto.

— E então?

— É uma escola difícil — justifico.

Difícil de sobreviver. Difícil de se manter em paz. Baixo o olhar para o livro de matemática e tento parecer ocupada. Não prestei atenção em nenhuma aula dessa semana, e agora não faço ideia de

como aplicar esse teorema idiota. Leio a explicação várias vezes, mas nada entra na minha cabeça. E mamãe, com o olhar grudado em mim, não ajuda nem um pouco.

— Um zero não quer dizer que uma coisa seja difícil, *niña* — diz ela. — Quer dizer que você está sendo preguiçosa. Que não está estudando. Nada. *¡Qué vergüenza!*

Mamãe vem se sentar à minha frente.

— Você devia ter vergonha. Sempre foi uma aluna excelente. Agora, isso. Quer acabar como uma perdida na vida? Hein? *¿Una chusma?* Olhe só para você! Já está quase lá.

Ela aponta para a blusa nova que estou usando, comprada no dia em que saí com Lila. É um pouco mais apertada do que costumo usar e tem gola V. Lila disse que valorizava meu corpo.

— Comprei com o meu próprio dinheiro — digo. — Não posso me vestir como uma menininha de dez anos pelo resto da vida.

Mamãe suspira.

— E daí que foi com o seu dinheiro? Esse tipo de blusa passa uma mensagem, *oíste?* Que foi? Quer que as pessoas pensem que você não presta, como o seu pai?

— Eu não tenho como saber sobre o meu pai, não é mesmo? — resmungo.

— Hã?

— Eu disse que não tenho como saber.

Levo a mão ao cordão, em busca de conforto, mas é claro que a correntinha não está mais ali. Sou como um soldado amputado sentindo o membro fantasma. Sinto gosto de bile na boca. Estou com vontade de vomitar. Por que ela não pode me deixar em paz?

— O que você quer dizer com isso, Piddy? — pergunta mamãe.

Ela pega um pouco de pomada e massageia o pescoço enquanto espera uma resposta. O crachá que ela usa preso à roupa na Attronica está torto, e há manchas de suor debaixo dos braços em seu uniforme. Por um segundo a vejo como seu chefe a vê no depósito: só mais uma qualquer carregando caixas. Sinto raiva dela por isso.

Aperto o lápis com força até quase quebrá-lo.

— Quero dizer que você não se dá ao trabalho de me contar nada sobre o meu pai, então como eu vou saber como ele era? Graças a você, nem sei que cara ele tem. Tenho que ouvir sobre a minha própria vida da boca de outras pessoas numa porcaria de salão.

Ela para a automassagem e me lança um olhar desconfiado.

— Ah, é? E quem anda falando sobre nós no salão?

— Esquece.

Ela limpa as mãos e balança a cabeça com repulsa.

— Aquele lugar é como uma estação de rádio, sabia? Transmite tudo. — Mamãe cruza os braços. — O que foi que disseram, então? Alguém anda espalhando fofocas sobre mim e Agustín?

Eu a ignoro.

— O que foi que você ouviu? — insiste ela, aumentando a voz. Sua mão oleosa cobre as palavras do livro e deixa uma mancha mentolada no problema que estou tentando resolver. — *¡Contéstame!*

Dou um puxão no livro e olho para ela com raiva.

— Quer que eu faça meu dever ou vai ficar a noite toda me importunando? Que droga, mãe, você me enche o saco! Não estou mais aguentando!

Assim que falo, mamãe se encolhe, e desejo poder engolir minhas palavras maldosas. Nunca fui tão cruel com ela, mas o que eu quero é fazê-la se sentir um lixo. Preciso da companhia dela aqui no fundo desse poço, onde talvez ela possa me abraçar e me dizer que está tudo bem. Mas o material do qual ela é feita não racha tão fácil. Não consigo levá-la para baixo comigo. Ela se recosta na cadeira e arqueia a sobancelha.

Mamãe solta uma risada grave e balança a cabeça, como se eu fosse a garota mais ridícula que ela conhece. Em seguida, dobra o relatório de desempenho com cuidado, as mãos quase sem tremer quando ela se inclina para a frente.

— Quer saber, Piedad Maria Sanchez? Isso não tem nada a ver com Agustín. O problema é com você. Esse boletim vai ter que melhorar, está me ouvindo? Tem que melhorar, senão vou lá ver o que tem de tão difícil para você nessa nova escola. Entendeu? Eu não fiz tanto sacrifício para...

Fecho o livro com força e sigo para a porta. Está escuro lá fora, e sou eu quem está tremendo agora.

— Aonde você vai sozinha? Está escuro — diz mamãe.

— Para longe de você! — grito em resposta.

* * *

Canso de tocar o interfone, mas Lila não está em casa. Da rua, vejo o apartamento às escuras. Deve ter saído para dançar com o sócio de William Levy. Fico ainda mais irritada quando penso isso, e, para piorar, saí sem pegar casaco e agora estou aqui tremendo em meu moletom. Forço a porta na esperança de que alguém a tenha deixado aberta, mas está bem trancada.

Estou prestes a voltar para casa quando algum morador abre uma porta lá dentro. É Joey Halper. Ele aparece com as botas nas mãos e uma jaqueta militar nos ombros. Parece surpreso em me ver. Até que para do outro lado da porta de vidro, inclina a cabeça e sorri.

— Quer entrar, Sapo? — pergunta ele.

— Abra.

— Qual é a senha?

— “Cala-a-boca-e-abre-a-porta”?

Ele dá uma risada e enfia os pés nas botas desamarradas. Só então abre a porta.

— Ela saiu — diz Joey enquanto passo a toda por ele.

Ele sabe exatamente quem estou procurando, é claro. Do corredor, ouço as risadas artificiais do programa que o pai dele está vendo na TV. Joey vai até os degraus da entrada do prédio e olha para o céu enquanto veste a jaqueta. As estrelas já estão aparecendo.

— Venha comigo — diz ele.

* * *

A entrada para o porão fica na parte de trás do prédio, ao lado da porta do apartamento ocupado pelo zelador. O lugar sempre foi apavorante, e não só por causa do zelador. O piso de cimento é todo rachado, e tem aquelas janelinhas no alto que só mostram os pés das pessoas passando. Quando éramos pequenos e estávamos entediados, Joey e eu brincávamos de pique-esconde por todo o prédio, mas o porão era o único lugar aonde eu não ia procurá-lo, mesmo se tivesse certeza de que ele estava lá. O zelador proibia as crianças de brincarem no porão, e eu tinha medo que ele me trancasse naquele lugar frio e escuro para sempre se me pegasse ali. Esse sentimento nunca passou. Mesmo quando eu já tinha idade para entender as coisas, aquela porta com cadeado continuava a me assustar. No local ficam apenas as unidades de depósito de cada apartamento, mas bem que daria para esconder um corpo ali sem ninguém jamais saber.

Joey destranca a porta e nós entramos. Meus dentes estão batendo de frio, então ele pega do bolso algumas moedas e liga a velha secadora. Em poucos minutos a máquina começa a emanar calor e um cheiro que é um misto de bolor com água sanitária. Sinto um estranho conforto ao apertar as laterais da secadora para aquecer as mãos. Joey alça o corpo e senta em cima da máquina como se fosse uma cadeira; ele fica mordiscando as cutículas enquanto espera eu me aquecer. Pequenas nuvens brancas de vapor brotam dos lábios dele. Reparo que um dos pulsos está inchado com uma tatuagem nova. É uma frase: dor feita em casa.

— Isso não dói? — pergunto.

Ano passado, Joey me mostrou seu equipamento de tatuagem: um isqueiro, uma agulha de costura presa como um arpão à borrachinha de um lápis e um vidro de nanquim que ele roubou da sala de artes.

Ele balança a cabeça negativamente.

— Eu encaro como um homem.

— Claro — digo.

— Vou fazer uma boa quando completar dezoito anos. Uma cobra, bem aqui.

Ele levanta a camisa para mostrar o quadril. A calça jeans deixa aparecer uma tira de sua cueca boxer azul-marinho. A pele de seu abdome é lisa e definida, e a curva do osso do quadril desaparece dentro da calça de uma forma que me faz corar.

De repente Joey pula para o chão e segue para a área dos depósitos. Uma luz fraca é acesa, e vejo que uma das portas enferrujadas está aberta. Ele some por um bom tempo.

— Joey?

Nenhuma resposta.

Sei que eu deveria ir para casa. Sei que deveria pedir desculpas para mamãe. No entanto, um pé avança para a frente do outro até que chego à porta. Um cheiro esmagador de amônia me recebe.

Uma lâmpada pende de uma correntinha no teto. Em um canto vejo uma árvore de Natal artificial e montes de caixas empilhadas. Joey está sentado em um colchão no chão. Ele não levanta o rosto quando entro; continua olhando para alguma coisa no canto. É então que vejo um cesto de roupas velho forrado com uma toalha. Dentro está a gatinha cinzenta que eu tinha resgatado, amamentando dois filhotes. Não é de amônia o cheiro que senti. É de mijo de gato. Meu coração dá um pulo. Eles não são maiores que a palma da minha mão, e são muito fofos, com cabeça grande e olhos ainda fechados para o mundo. Não devem ter mais que duas semanas de vida. Enquanto mamam, mexem as patas e a cabeça de forma desajeitada e cega; o laranja até rola para longe da teta da mãe, indefeso. Joey se levanta e o pega com cuidado, colocando-o fora do cesto; a mãe sibila.

— Chega — diz ele à gata.

— Ah, meu Deus! — exclamo, sentando ao lado dele no colchão.
— Onde você os encontrou?

— Atrás da secadora, semana passada — sussurra ele em resposta. — Coloquei todos aqui. Sempre trago comida, mas deixo a mãe sair para caçar à noite, para ela não ficar entediada.

— Não tem medo de o zelador descobrir?

Joey sorri.

— Não tenho medo de nada.

Ficamos os dois em silêncio por um bom tempo enquanto olhamos para os bichinhos. Depois de alguns minutos, Joey se deita com as mãos cruzadas atrás da cabeça. Tento não olhar para ele deitado desse jeito, embora sinta seu olhar.

— Está feliz de ter se mudado, Sapo? — pergunta ele enfim.

De onde estou, é como se os olhos dele estivessem brilhando como os de um gato. Pela primeira vez Joey não está dando um daqueles sorrisinhos. Parece o mesmo de quando tínhamos dez anos, despreocupado e menos fechado. Olho para ele e balanço a cabeça lentamente.

— Não. É horrível.

Joey tira a jaqueta e a coloca sobre meus ombros. Então me empurra suavemente até estar em cima de mim, seus lábios roçando os meus. O corpo dele é quente, o calor de que eu preciso. Ele toma meu rosto nas mãos tatuadas e, quando fecho os olhos, me beija.

A TV do zelador é um zumbido ao fundo enquanto Joey explora minha boca. Acima do som da secadora, ouço também a voz zangada do sr. Halper, sem dúvida o começo de mais uma discussão, mas Joey parece não prestar atenção ao som das cadeiras sendo arrastadas, talvez arremessadas. Joey passa os lábios pelo meu pescoço, me aconchega como a um dos gatinhos; sinto o cheiro do seu cabelo sujo. Ele passa as mãos pela minha bunda até eu estar me contorcendo de desejo. Não sei por quanto tempo ficamos ali nos beijando, mas, quando ele finalmente começa a enfiar as mãos geladas na parte de trás da minha calça, eu o empurro e me sento no colchão, com medo. Minha boca ainda está formigando; me sinto tonta.

A secadora parou, e o porão está silencioso e frio como uma tumba. Tiro a jaqueta, mas ele não a pega de volta, apenas se vira de lado e olha para os gatinhos dormindo enquanto me dirijo à porta do porão.

— Tenho que ir — murmuro.

Ele não se despede.

Capítulo 13

— Estou doente, mãe.

Aqui, deitada na cama, me sinto partida em um milhão de pedaços. Minha cabeça pesa como um tijolo e minhas pernas não querem me levar para a escola. Puxo o cobertor até o queixo enquanto mamãe sente a temperatura na minha testa, o cenho franzido. Ainda sinto as amigas de Yaqui batendo na minha cabeça.

— É isso que acontece quando você sai à noite sem agasalho — diz ela. — É um milagre não ter pegado uma pneumonia.

Não respondo. Quem quer brigar de novo?

De acordo com a palma da mão dela, devo estar febril. Mamãe vai correndo até a cozinha e volta com uma xícara de chá, uma aspirina e um potinho de Vick VapoRub, que coloca no chão ao lado da minha cama. Estou velha demais para ela faltar ao trabalho por minha causa. Além do mais, ela só falta quando é realmente uma emergência — quando removi o apêndice, por exemplo. E agora, com as festas de fim de ano chegando, o depósito da Attronica está virando um labirinto de caixas, do chão ao teto, em preparação para a temporada.

— Eu ligo na hora do almoço. Fique na cama. — Ela veste um casaco. — Lila está em casa, se você precisar de alguma coisa — acrescenta ela, antes de se afastar em direção à porta.

O alívio toma conta de mim quando ela sai, rumo ao ponto de ônibus. Ficar em casa significa que Yaqui não precisa existir hoje. Não preciso decepcionar meus professores. Não preciso me preocupar com minha bunda reboiativa nem nada hoje. Fecho os olhos e me viro, me aconchegando nas cobertas para descansar. Ouço o ônibus se afastar do meio-fio. Já estou adormecendo.

Sou linda e estou montada no pescoço de um elefante fêmea enorme, coberto de joias. Ela é imensa e graciosa, seu couro de um verde mosqueado, como jade. Ela barre com a tromba e bate as orelhas, avisando as pessoas para ficarem longe. Sinto o temor e o respeito dos curiosos quando passamos. Todos ficam maravilhados com meu cabelo comprido caindo pelas costas, com minhas pernas, meu equilíbrio, meu pleno controle.

Avançamos pelo Parsons Boulevard; não há carros. Ninguém me incomoda. As multidões nos veem passar e aplaudem. Joey Halper chama meu nome. Agustín Sanchez toca piano no telhado só para mim. Ele toca um dó maior no teclado, e de novo, e de novo, e de novo...

Alguém esqueceu o dedo na campainha.

Meu relógio marca onze e meia; dormi por três horas. Rastejo pela cama até a janela e espio pela persiana. Lila está olhando para mim lá de baixo. Quando me vê, balança um saco de papel branco acima da cabeça.

— Abra! — A voz dela é abafada pelo vidro. — Estou congelando!

Eu me enrolo no edredom e aperto o botão do interfone para abrir a porta. Um minuto depois chega Lila, tremendo.

— Jesus, parece dezembro lá fora. — Ela estende um saco oleoso da Dunkin' Donuts. — Almoço. Entrega especial.

Dentro há um donut de creme, meu favorito.

— Ah, eu amo você.

— Não me ouviu tocar? Eu estava quase batendo na porta da coroa para ela me deixar entrar.

Ela joga o casaco no cabideiro e esfrega as mãos para aquecê-las. Noto que seu esmalte novo é azul-marinho.

— Peguei no sono — digo. — E a sra. Boika nunca abriria para você. Não sei qual é o problema dela. Ela não falou mais de duas palavras desde que chegamos aqui.

— Velha racista — murmura Lila, e segue para a cozinha.

Eu me sento à mesa, o edredom volumoso ao redor do corpo como um casulo. Quando dou uma mordida no donut, escorre creme pelo meu queixo. Lila faz uma careta.

— Não me julgue — digo, lambendo os dedos. — Estou morrendo de fome.

Meu cabelo está se soltando do rabo de cavalo, e meus lábios estão secos e rachados.

Ela coloca a chaleira no fogão, abre a gaveta de tralhas de mamãe e pega uma escova de cabelo.

— Pelo menos vou fazer você ficar apresentável. Vou pentear seu cabelo.

Ela se posiciona atrás de mim e baixa o edredom enquanto dou mais uma mordida no donut. De repente, ela inspira com força.

— *¿Y esto?*

— O quê?

Ela bate na minha nuca com a escova, e levo a mão até o local. Será que estou com espinhas nas costas de novo? Catapora?

— Você está com um belo chupão, *mi hija*.

— *O quê?*

Corro para o espelho do banheiro. E lá está: quando viro o pescoço, as beiradas de uma marca escura aparecem. Meu coração dispara. De repente, me lembro de Joey no meu pescoço. Agora, quero vê-lo de novo, mas para arrancar fora aquela maldita boca dele.

— Merda, merda, *merda*.

Pego um espelho de mão e me viro para ver o estrago completo. É enorme e roxo como um hematoma. O cara tem lábios potentes.

Lila me segue até o banheiro e se recosta no batente da porta, achando graça.

— E aí, quem é o sortudo?

Meu rosto fica em um tom de vermelho mais escuro que o do chupão.

— Ninguém.

— É mesmo? — diz ela, gargalhando. — Você deu um *chupón* no próprio pescoço? É um feito e tanto. Devia entrar para o circo!

Olho com raiva para ela e começo a soltar o cabelo do rabo de cavalo amassado. Talvez meu cabelo possa esconder a marca até sumir. Lágrimas surgem nos meus olhos enquanto fios de cabelo saem na minha mão junto com o elástico. Já estou fazendo uma lista mental de todas as blusas de gola alta que tenho. Só duas. Céus! Preciso ir a uma loja. Se mamãe vir isso, estou morta.

Lila segura minha mão para me fazer parar.

— Fique calma. Você não quer ficar com uma parte da cabeça careca também, quer?

— O que vou fazer?

— Espere aqui. — Ela desaparece e volta trazendo um potinho de base em uma embalagem de amostra grátis. — Experimente. Se isso consegue esconder minhas olheiras, consegue esconder qualquer coisa.

Lila não diz uma só palavra enquanto aplico um pouco do líquido amarronzado no local. Um minuto depois, o chupão praticamente sumiu. Não passa de um segredo.

Quando termino, Lila entra no banheiro e me dá um beijo na bochecha. Em movimentos longos, ela penteia meu cabelo até estar liso e cobrindo meu pescoço.

— Fica bonito solto — diz ela, baixinho. — Faz você parecer crescida.

Ela percorre com os mindinhos minhas sobrancelhas cheias e passa as palmas das mãos pelas maçãs do meu rosto, avaliando meu reflexo no espelho.

— O que foi? — pergunto.

— Sua mãe está preocupada com você, Piddy.

Que ótimo. Elas andaram conversando.

— Mamãe está sempre preocupada.

— É verdade. Mas será que agora tem um motivo para estar? Ela disse que você desapareceu ontem à noite. Saiu sem dizer aonde ia. Isso é meio perigoso.

Não respondo.

Lila coloca o rosto ao lado do meu enquanto me admira no espelho. Sinto o perfume que ela sempre passa atrás das orelhas,

até que o cheiro de café vindo da chaleirinha no fogão começa a ficar mais forte.

— Só tome cuidado quando for deixar os garotos tocarem você, Piddy. É gostoso, mas não é brincadeira, por mais que você pense que está se divertindo.

Lanço um olhar confuso para ela. Me divertindo? Eu estava me divertindo com Joey?

— É isso o que você tem em mente quando está com o Raúl?

Lila nem pisca. É uma pergunta justa, e ela sabe disso.

— Não — responde ela. — Mas deveria.

* * *

O telefone toca quando Lila está terminando o café. O identificador de chamadas diz daniel jones high school. Eu atendo.

— Eu gostaria de falar com o responsável por Piedad Sanchez.

A voz do outro lado da linha é estranhamente familiar.

— Sou eu — respondo.

A pessoa que ligou dá uma risada de deboche.

— Ah, *faça-me o favor. Não é você.*

— *Perdón?* — digo, tentando imitar o sotaque de mamãe.

— Pare, Piddy. Sou eu, Darlene.

— Ah. — Solto a respiração. Ligar para questionar faltas dos alunos deve ser uma das tarefas dela como monitora. Ouço telefones tocando e vozes ao fundo. — Levei um susto. O que você quer?

Ela adota sua voz de secretária:

— Estou ligando para confirmar seu estado de saúde.

— Estou doente mesmo, Darlene. Minha mãe sabe.

Darlene baixa a voz:

— E quem se importa com isso? — Parece que ela está cobrindo o fone e a boca com a mão. — Com tantos dias para faltar, Piddy! Você perdeu tudo. Não vai acreditar.

— Acreditar em quê?

— Ela foi pega!

— Quem?

— Como assim, *quem*? A Yaqui Delgado, ora! Veio polícia com cachorros e tudo.

Meu queixo cai.

— Isso é alguma brincadeira, Darlene?

— É sério. Amanhã eu conto tudo. Tenho que ir. Ah, e traga um atestado, senão vou ter que passar uma advertência para você.

O telefone fica mudo.

Capítulo 14

Já ouvi as mulheres no Salón Corazón dizerem que milagres acontecem todos os dias. Você acorda e descobre que a estátua da Virgem no jardim está chorando. O tumor maligno do seu tio se dissolve de uma hora para a outra como um cubo de açúcar. Certa vez, uma das manicures até encontrou cem pratas no bolso do avental bem no dia de pagar o aluguel, embora Gloria jure que não foi ela que colocou o dinheiro lá.

Sempre achei que fosse mentira, mas, agora que ganhei de Deus esse presente de aniversário antecipado, o que posso dizer? É como se o próprio *Señor* tivesse estendido a mão para me ajudar no meu momento de necessidade.

No dia seguinte, encontro Darlene me esperando no pátio da escola quando chego. Ela me conta as boas novas. Yaqui Delgado foi suspensa.

— Os caras vieram e ela foi em cana. — Darlene está praticamente pulando como uma criança; não tem nada a ver ela tentar usar esses termos. — Pegaram Yaqui roubando o celular de alguém no corredor ontem, no flagra e tudo. Eu estava de substituta na secretaria quando fizeram o registro. Isso é furto. Você tinha que ver. Ela mandou o policial para aquele lugar.

— Os pais dela apareceram?

Se eu roubasse alguma coisa, mamãe seria um destino bem pior do que qualquer policial. Além do mais, andei me perguntando que tipo de gente gera uma Yaqui. Não é qualquer um que cria o Ódio Sobre Duas Pernas.

— Só um assistente social. Grande surpresa. — Ela revira os olhos. — Bom, mas aposto que é um delito de quarto grau, ou seja, três

dias de suspensão na certa! Ou talvez ela até vá para a prisão e apodreça lá! Nunca se sabe.

Não consigo acreditar no que estou ouvindo, mas o sorriso de Darlene me diz que o milagre de Deus é verdade. Vou acender nossa vela da Virgem quando chegar em casa.

O sinal toca, e a horda de adolescentes começa a subir a escada. Será que a polícia vai devolver tudo que Yaqui roubou? Será que vou conseguir recuperar meu elefante de jade, afinal? Dou um suspiro e imagino Yaqui deitada impotente no chão de uma cela, com ratos no cabelo. Vai ser um dia ótimo.

* * *

Quando precisa fazer com que eu me sinta melhor em relação aos meus problemas, mamãe sempre me mostra pessoas que estão em situação pior que a nossa. Na época em que eu comprovava baixa renda para ter direito a almoço gratuito na escola, ela me contava sobre as crianças nos países pobres passando fome e pegando vermes pelos pés descalços. Devia achar que assim diminuiria minha vergonha por ter que entregar aquele documento toda vez que ia comer, ainda por cima com meus tênis velhos e bem na frente dos olhos xeretas de todo a escola.

“Você poderia ser uma daquelas crianças famintas”, dizia ela ao colocar o documento na minha mão. “Agradeça por não ser.”

É o que me vem à mente quando chego ao meu armário. Estou tirando as coisas da mochila, ainda um pouco anestesiada pela alegria de um dia livre de Yaqui, quando reparo que tem uma palavra nova escrita no armário de Rob: BICHA. Na escala de insultos, é o que se usa quando “otário” deixa de ser suficiente.

Meu Deus. Onde está a escola que diz não ao bullying?

Talvez o que me dá coragem seja a euforia por meu dia livre de Yaqui falando mais alto. O fato é que, sem pensar, pego meu marcador permanente e me empenho em cobrir as letras com rabiscos grossos. Tive sorte hoje. Por que não retribuir ao mundo?

Estou quase acabando quando de repente alguém me dá um tapinha.

— O que pensa que está fazendo?

É o treinador Malone. Ele sente o cheiro forte do marcador e me olha com cara feia.

— Tinha um palavrão escrito.

Imediatamente me sinto uma mentirosa, apesar de ser verdade. Não sobrou prova alguma. Não dá para ver marcas debaixo do que acabei de fazer.

Ele pega o bloco e a caneta.

— Nome.

* * *

O sr. Flatwell, diretor disciplinar, não é um homem simpático. De acordo com os diplomas emoldurados, ele é formado pela Faculdade John Jay de Justiça Criminal, uma origem bem esquisito para um educador de ensino médio, na minha opinião. É alto e moreno, de cabelo raspado. Reparo que está usando uma falsa gravata, presa por um grampo; deve ser para o caso de alguém tentar enforcá-lo. Seus músculos se sobressaem debaixo da camisa. Não há nada em sua mesa além de um computador, uma pilha de fichas de advertência e um walkie-talkie que não para de estalar e apitar mesmo com o volume no mínimo. Ele avalia minha ficha, aberta na tela do computador; suas mãos volumosas estão cruzadas.

— Pi-e-dad Sanchez — diz ele, olhando o documento. — Vejamos o que a trouxe aqui esta manhã. — Quando termina, ele olha para mim com tranquilidade. — Depredação de propriedade escolar.

— Não é verdade.

Puxo a gola alta da blusa, com nervosismo. A sala dele está quente, ou talvez seja o meu nervosismo.

— É mesmo? Então o treinador Malone mentiu?

Opa. Armadilha.

— Não foi o que eu quis dizer — respondo. — O armário já estava rabiscado. Eu estava tentando consertar as coisas.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Com um marcador permanente?

Ele se recosta e pega do bolso da camisa minha caneta confiscada. Prova A. Contrabando, de acordo com o manual do aluno.

A coisa toda parece idiota, até para mim.

— Alguém escreveu uma palavra feia no armário — explico. — Eu queria fazer aquilo sumir.

— Entendo. O que escreveram no seu armário?

— Não foi no meu armário. Foi no de outra pessoa.

— Tudo bem, de outra pessoa. O que estava escrito?

Tento avaliá-lo. A gente nunca sabe com quem está falando. Ele pode ser um homofóbico disfarçado, e aí seria mesmo meu fim.

— Bicha.

Nenhuma reação.

— Por acaso não foi *você* que escreveu essa palavra, foi? — pergunta ele.

Sinto meu rosto ficando vermelho.

— Não. Eu a estava cobrindo, só isso.

— E por quê?

Por um segundo fico em silêncio. Não faço ideia do motivo. Só não queria que Rob visse aquilo.

— Foi crueldade — digo, por fim.

Ele mexe nas unhas impecáveis, pensando.

— O armário é de quem exatamente?

— Rob Allen.

— Ah. Allen.

Olho fixamente para o sr. Flatwell, mas ele não me dá nenhuma pista sobre o que está pensando. Definitivamente não está surpreso. Ou pensa que Rob é gay e não vai ajudar, ou apenas sabe que implicam com Rob. Por que não faz nada a respeito? Não é o trabalho dele? Decido lembrá-lo disso.

— Não sei se é verdade ou não, mas Rob não precisa disso escrito no armário dele. Não é da conta de ninguém, certo? Além do mais,

era para esta escola dizer não ao bullying, não era? — O pensamento azedo sai pela minha boca antes que eu possa impedir. — É o que dizem os cartazes.

O sr. Flatwell fica me olhando por alguns segundos sem dizer nada. Talvez não tenha gostado do meu “tom”. Ele olha de novo para a tela e vai descendo a barra de rolagem para ver alguns detalhes.

— Você entrou este ano, srta. Sanchez, mas reparei que já está começando a colecionar atrasos e advertências. Não cumpriu seu horário na sala de estudos dois dias atrás. Não é um começo muito bom. Algum motivo para estar tendo dificuldade de chegar às aulas?

— Não.

— E está gostando da escola até agora? As coisas estão indo bem?

Arranco meu esmalte descascado enquanto penso no que dizer.

— Gostava mais da minha antiga escola — respondo com cuidado.

Se eu contar a ele sobre o que tenho sofrido com Yaqui, só vou piorar as coisas. Ser dedo-duro quer dizer que você é fraco demais para cuidar de si mesmo. Que precisa de um adulto como escudo. Aonde isso vai me levar? Vou ser mais pária social do que já sou; vai ser a deixa para qualquer um me perseguir.

Nesse momento, alguém bate à porta aberta atrás de mim. Por uma fração de segundo fico aliviada com a interrupção, mas então vejo que é o treinador Malone. Tento me encolher o máximo possível. Seco os olhos quando o sr. Flatwell afasta o olhar.

— Tem reunião da equipe às quatro hoje — diz o treinador Malone, com todo o entusiasmo de quem anuncia uma colonoscopia. — Ah, e aqui está a lista dos lutadores — acrescenta ele, indo até a mesa do sr. Flatwell. — Me avise qual dos meus favoritos não pode entrar. — Quando entrega a prancheta, ele me vê. — Ah. A artista de armário.

O sr. Flatwell inclina a cabeça na minha direção, como um gato observando um canário.

— Posso ir? — pergunto desesperadamente.

— Ainda não.

Fico olhando para minhas mãos enquanto eles encerram a conversa. Depois que o treinador Malone sai, o sr. Flatwell se recosta na cadeira e espera.

— Tem mais alguma coisa que queira me contar, srta. Sanchez? Por que você gostava mais da antiga escola? Se está tendo problemas, podemos tentar ajudar.

Fico sentada em silêncio e me recuso a deixar que ele me convença. Não posso confiar nele. A suspensão de Yaqui não representa nada além de breves férias. O que vai acontecer quando ela voltar de casa ou da prisão, seja lá onde ela estiver? Não sou idiota.

— Srta. Sanchez?

— Não — digo. — É que ainda estou me adaptando, eu acho.

O sr. Flatwell suspira.

— Depredar propriedade da escola é uma infração séria. Você deveria ter relatado a pichação a um professor em vez de decidir remover você mesma. — Ele baixa a voz e se inclina na minha direção. — Não podemos ajudar se não soubermos o que está acontecendo.

Ajudar? Ajudar?

O ridículo da situação toda me envolve e me sufoca. Minha cabeça fica leve e dormente, minhas mãos começam a tremer e uma risadinha sobe pela minha garganta. Antes que eu possa impedir, lágrimas escorrem pelas minhas faces. Não consigo parar de rir, por mais esforço que eu faça.

— Alguma coisa engraçada?

— Não. — Respiro fundo e mordo o lábio com força para me impedir de sorrir. — E agora, posso voltar para a aula, por favor? Tenho que correr com os trabalhos.

O sr. Flatwell cerra os olhos. Pelo visto ele não gosta de ficar de fora de uma piada.

— Pode, mas vai precisar disto.

Ele me entrega um formulário de aparência formal.

— O que é isso?

— Você vai cumprir detenção no sábado, exatamente às oito e cinquenta e cinco. É a punição por depredação de propriedade. Seus

pais precisam assinar.

De repente fico séria. Já estou até ouvindo os gritos da minha mãe.

— Isso é uma brincadeira?

— Brincadeiras não são meu ponto forte, srta. Sanchez.

— Mas... sábado é meu aniversário — digo, sem pensar.

— Ah. — Ele se vira para a tela do computador para conferir minha data de nascimento. — É verdade. Feliz aniversário.

Então abre um arquivo e começa a ler o formulário seguinte da lista.

Agora estou desesperada.

— Mas, sr. Flatwell, eu trabalho nos fins de semana... — insisto.

Ele não levanta o rosto.

— Não neste, infelizmente. Até mais.

Capítulo 15

Sinto como se o papel do sr. Flatwell estivesse queimando um buraco no meu bolso quando eu e mamãe descemos do ônibus em nosso antigo prédio às seis da noite de sexta-feira. Não o mostrei a minha mãe, mas talvez eu consiga convencer Lila a assiná-lo se conseguir falar com ela a sós. O que não deve ser fácil: as festas de Lila são certeza de casa cheia.

No saguão do prédio, encontramos um cartaz feito à mão preso perto das caixas de correio. A imagem de um lobisomem olha para nós.

VENHA A UMA FESTA DE MÁSCARAS!
TEREMOS RUM, MÚSICA E MÁSCARAS DE BELEZA
HOJE, NO 305
PRODUTOS AVON FORNECIDOS POR LILA FLORES

Mamãe dá um suspiro.

— Odeio festas — comenta.

O portão do prédio se abre bem na hora em que ela diz isso. É a sra. Halper, com a chave da caixa de correio na mão. Ela tem o mesmo cabelo louro de Joey, mas nada do atrevimento e do brilho dele. É uma senhora magra e quieta. Ela olha para o papel e cumprimenta minha mãe com um breve aceno de cabeça.

— Olá.

O olhar de mamãe recai sobre os braços da sra. Halper, assim como os meus. Cinco pequenos hematomas, como pérolas negras, contornam o pulso dela.

— Vamos, Piddy — diz mamãe.

Subo a escada rapidamente, tentando não olhar para a porta de Joey enquanto passamos.

Lila ainda está com bobes térmicos no cabelo quando abre a porta, em um vestido preto colante e de chinelo.

— Ay, graças a Deus vocês chegaram. Estou tão atrasada!

A mobília foi toda empurrada para perto das paredes, e por todo lado há velas aromáticas acesas. Ela dá uma olhada em mamãe e faz beicinho.

— Vocês me prometeram que viriam fantasiadas.

— Estou fantasiada de funcionária de depósito explorada pela empresa — diz mamãe, com certo humor. Ela aponta para a camiseta do Salón Corazón que coloquei por cima da blusa de gola alta. Tem uma imagem de Gloria e Fabio com nariz e focinho se tocando. — E ela está de ajudante de cabeleireiro.

Lila balança a cabeça e se vira para mim.

— Aqui. Coloque isto na mesa.

Ela me entrega uma garrafa de Bacardi e um saco de balinhas multicoloridas.

— Vai embebedar suas convidadas? — Mamãe pendura o casaco e observa a arrumação das garrafas. — Bela estratégia de negócios!

— Não comece — diz Lila, tirando um dos rolinhos. — As travessas de comida estão na cozinha.

Ela dá um beijo na bochecha da minha mãe e desaparece para o banheiro.

Mamãe vai até a cozinha, coloca um avental e estala a língua quando vê a travessa exígua de queijo e salame.

— Me dê as sacolas — diz ela.

Entrego o que compramos na padaria do Junction Boulevard. São vinte e quatro croquetes de presunto, folhados de carne e uma caixa de *pasteles* de goiaba. Que bom que ela insistiu em dar uma passada lá. Às vezes acho mesmo que mamãe tem percepção extrassensorial.

— Você tem que alimentar as pessoas se quiser que elas comprem — murmura ela, arrumando a comida em um prato e, depois,

avaliando se é o bastante. — Vamos cortar em tamanhos menores. Cadê aquela faca boa?

Sei que está na terceira gaveta, mas esta é minha chance.

— Vou perguntar.

Lila está inclinada para a frente diante do espelho do banheiro, terminando a maquiagem.

— Se você me ama, assine isto — digo, entrando e fechando a porta.

Com só uma das sobrancelhas pintadas, seu olhar parece torto enquanto ela lê o papel da detenção.

— Bela tentativa, *mi hijita*. Dê isso à Clara. Sua mãe é ela, não eu.

— Por favor, Lila. Vou ter que cumprir detenção por apagar a palavra *bicha* do armário de um garoto.

Faço o sinal da cruz em cima do coração e beijo os dedos para provar que é verdade.

A voz de mamãe se espalha pelo apartamento. Ela está abrindo e fechando gavetas com força, reclamando:

— Caramba, você não tem uma única faca afiada, Lila?

— Na terceira gaveta! — grita Lila. — O que ela está cortando?

— Por favor, por favor, *por favor*, assine. — Faço meu olhar mais infeliz. — Mamãe vai surtar se eu mostrar isso a ela. Além do mais, vai ficar mal-humorada durante toda a festa. E você *sabe* como é.

Ela olha para mim intensamente por um bom tempo.

— Não gosto de todos esses segredos, Piddy.

— Estou implorando.

— Tem certeza de que você estava tentando ajudar?

— Tenho.

— Porque se eu descobrir que você está mentindo, Piddy Sanchez, a Clara não vai ser seu maior problema. Eu mesma vou transformar você em *mofongo*, está entendendo?

— Eu juro.

A campainha toca.

— *iAy, caray!* — Ela assina meu formulário com o lápis de sobrancelha e me expulsa do banheiro. — Vá fazer sala para elas.

* * *

Às oito, o apartamento está cheio de mulheres perfumadas, todas experimentando o mundo de Avon. Reconheço algumas do quarteirão, mas a maioria são clientes de Lila do Salón Corazón. Algumas fizeram muita festa para minha mãe quando entraram, pois elas só se veem poucas vezes ao ano, quando Lila as chama para uma festa de maquiagem. *Clara, não vejo você faz séculos! Ah, meu Deus, o tempo é tão generoso com você. Qual é o seu segredo?* Blá-blá-blá. Mas a pior é Beba. Quando viu mamãe, seus olhos se encheram de lágrimas e ela a enlaçou pela cintura.

— Clara, *mi vida!*

Mamãe parecia estar sendo obrigada a beijar um parente fedorento.

— Oi, Beba — foi tudo que ela disse, seu corpo rígido como se ela quisesse estar em qualquer outro lugar menos ali.

No som toca El Gran Combo em alto volume, e está um forno no apartamento. Lila pegou listas telefônicas velhas para apoiar as janelas e mantê-las abertas, mas ainda assim estou suando em minha blusa de gola alta. Fico sentada à mesa com uma calculadora, pronta para somar os pedidos, que não estão exatamente se acumulando. Até o momento, Lila vendeu três batons e uma corrente folheada a ouro. Já os folhados de carne estão sumindo das travessas. Mas Lila não está preocupada; ainda é cedo, e Lila tem muito tempo e muito rum para cansá-las. Pego um punhado de balas e fico observando sua maestria ao fazer sua primeira vítima. É uma mulher de rosto de lua cheia que nunca vi. Lila está lhe ensinando a usar blush.

— *El secreto* é usar o tom mais escuro nessa área de baixo. Depois, você coloca o tom mais claro aqui nas suas *mejillas*. Viu? — Lila ergue um espelho de mão. — Veja essas novas maçãs do rosto! Você poderia ser irmã da Penélope Cruz!

Cara de Lua não tem a menor chance.

Depois fico vendo por um tempo as pessoas dançando, mas na verdade estou pensando em Joey. Toda hora eu olho pela janela,

mas não o vejo lá fora. Ele deve ter visto o cartaz de Lila perto das caixas de correspondência, portanto sabe que estou aqui, mas nem sinal dele. O que devo concluir disso? Talvez eu desça daqui a pouco com o lixo, como desculpa para dar uma olhada no porão. Talvez ele esteja lá me esperando com os gatos.

Enquanto isso, Beba está dando um show na pista de dança. Tenho que admitir: ela poderia ser presa por causa desse rebolado. Beba usa uma faixa de cabelo esquisita, com minúsculas abóboras presas por molas, e, com o rosto coberto de máscara de pepino, ela parece uma alienígena dançando merengue no espaço apertado. Parte de mim tem vontade de se levantar e se soltar como ela, mas fico aqui no meu canto e deixo que Beba continue com seus movimentos caprichados. Infelizmente, acho que rodopiar só de meias não é uma boa ideia para quem fez visitas demais à mesa do Bacardi.

De repente ela se empertiga e leva um dedo à orelha. Uma nova música chamou sua atenção. É um acordeão forte que reconheço da coleção de Lila.

— *¡Oye!* É Paquita la del Barrio! — exclama ela, em um gritinho agudo. — Paquita! Paquita! Paquita!

No segundo seguinte, metade da sala está cantando junto com “Rata de Dos Patas”. É um hit, mas fico imaginando como seria a letra traduzida. *Rato imundo sobre duas patas. Seu demônio do inferno! Sua escória da terra! Você me magoou demais. Víbora, como eu desprezo você!*

E por aí vai, só amabilidades desse tipo.

Lila está cantando com entusiasmo, e não demora para todas estarem berrando como marinheiros bêbados, principalmente o refrão. Não dá para não me juntar à diversão.

Beba está dançando com ainda mais fervor agora. Ela gira uma, duas vezes e tomba na minha direção. Meu refrigerante voa pelo ar, os cubos de gelo se espalhando pelo piso de linóleo. O líquido quase encharca os poucos recibos de compra. Lila franze a testa enquanto tiro as coisas do caminho.

— *¡Comadres!* — exclama ela. — Não destruam a casa. É tudo que eu tenho! — Ela pisca para mim. — Piddy, *mi vida*, tudo bem

com você?

— Tudo bem.

Mas o líquido derramado escorre da mesa para os meus sapatos.

Beba fica de quatro e tenta botar o gelo de volta no copo de plástico, mas está tonta demais para a tarefa.

— Não se preocupe — digo a ela. — Eu pego.

Ela pega minha mão e a aperta contra sua bochecha verde. Está parecendo uma coruja com os círculos limpos ao redor dos olhos, e mal consegue mexer os lábios.

— Sinto muito, Piddy. *Perdóname* — diz ela.

— Não se preocupe, Beba. Foi sem querer, um acidente.

— Sim, um acidente — repete ela.

— Vou limpar — digo.

Ela ergue o rosto, ainda envolvida na música. Faço menção de me afastar, mas ela me segura com força e me abraça apertado, tudo de uma vez. Sinto seu bafo de álcool e sou esmagada por seus seios perfumados.

— Todo mundo comete erros. — Ela segura meu rosto com ambas as mãos e olha nos meus olhos como uma hipnotista de péssima qualidade. — Principalmente no amor.

Sinto meu rosto ficar vermelho e mexo na gola da blusa, que desceu um pouco, deixando à mostra a obra de Joey. Como ela pode saber sobre o que fizemos no porão? Tento me afastar, mas ela me aperta com mais força.

— Todos cometemos erros, Piddy — sussurra ela. — Todos nós. Veja sua pobre *mami*.

Beba não tem chance de prosseguir. Lila se aproxima na ponta dos pés, para desviar do líquido derramado. Ela observa a poça, balançando a cabeça.

— Beba! O que seu marido vai dizer? Você está bêbada. — Ela a levanta e a ampara. — Venha. Acho que seu rosto secou. — Ela toca a testa de Beba para verificar. — É hora de ver se essa máscara a rejuvenesceu como deveria.

As duas vão em ziguezague até o banheiro, Beba dançando um pouco de chá-chá-chá e rindo durante todo o caminho.

Mamãe está na pia, de costas para a porta, quando chego à cozinha. Está muito mais tranquilo ali, mais fresco. Ninguém diria que ela já foi amiga dessas mulheres. Passou a noite toda escondida na cozinha, a chata de sempre, só indo à sala para pegar copos e encher travessas de comida, como uma empregada. Agora está com luvas de borracha amarelas, lavando alguns garfos de plástico na água quente. Ela odeia desperdício.

Estou prestes a entrar quando reparo em uma coisa que me faz parar. Para meu choque, ela está mexendo os quadris em um rebolado sedutor, da esquerda para a direita. Paro à porta e presto atenção para ter certeza de que o calor não está me fazendo ter alucinações. Mas não: mamãe está *definitivamente* dançando, mesmo sozinha. Nunca a vi fazer isso antes, nem uma única vez. Ela faz uma pausa quando entra o solo de piano; inclina a cabeça e tira as mãos da água. Seus dedos ensaboados dançam sobre teclas imaginárias, acompanhando os acordes.

— Uau — digo.

Então ela vê meu reflexo na janela e fica completamente imóvel.

— Que susto! Não chegue sorradeira assim. — Mamãe fica vermelha e indica com a mão cheia de sabão a pilha de pratos sujos.

— Essas mulheres comem como cavalos — diz ela. — Estão comprando alguma coisa, pelo menos?

— Não muito.

— Claro. — Ela balança a cabeça, lamentando, e mergulha mais alguns copos na água cheia de sabão. — Mãos de vaca. O que elas acham? Que a Lila é cheia da grana? Minha vontade é enxotar todas daqui.

— Por que não vai dançar? — sugiro. — Você é muito boa.

Ela fica olhando para a água suja, em cuja superfície acinzentada flutuam pedaços de massa de salgados. Mas vejo um pequeno sorriso curvando seus lábios. Mamãe deve ter passado o dia inteiro de pé na Attronica; dá para ver pelos seus tornozelos inchados.

— E quem tem tempo para dançar, garotinha?

Vou até a pia e desenrolo um pedaço grande de papel toalha. Quando me viro para voltar à sala, mamãe segura meu braço.

— O que é isso?

Ela indica meu pescoço com o queixo.

Levanto a mão, mas é tarde demais. Minha gola deve ter descido quando fui ajudar Beba. Pior: com o suor, toda a base saiu. Ela franze a testa e se aproxima para ver melhor, os olhos injetados. Seu rosto está pálido, como sempre fica quando ela está cansada. Mas agora ela está furiosa.

— Não é nada — digo. — Tenho que limpar o chão, mãe, me solte.

— Não sou burra. Isso é um *chupón*. Quem fez isso em você?

Hesito com o bolo de papel toalha na mão. Ela aperta meu braço com mais força. A água encharca minha blusa.

— Você está me machucando, mãe, me solte.

Mas ela só afunda mais os dedos.

— Então foi isso que você foi fazer aquela noite? Estava rolando por aí com um garoto como uma vagabunda.

Puxo o braço com força. Agora quem está furiosa sou eu.

— Não sou vagabunda. E você não sabe de nada, mãe. — Estou prestes a acrescentar *Olhe só quem fala sobre ser promíscua*, mas então me lembro da promessa que fiz a Lila. Mordo a língua e sigo para a porta, onde paro e olho para ela com raiva. — Me desculpe por não ser mais seu anjinho.

* * *

O relógio marca meia-noite quando a festa finalmente acaba. Poderia ter durado a noite toda, mas alguém começou a bater no teto com uma vassoura para reclamar, e Lila não gosta de confusão. No final, Lila faturou trezentos dólares. Quando foi abraçar mamãe para se despedir, colocou uma nota de cinquenta no bolso dela.

— Tenha paciência — ouço Lila sussurrar para minha mãe. — Não lembra como era ser jovem?

Continuo olhando na direção do prédio enquanto entramos e sentamos no ônibus. Mamãe não quer falar comigo; isso está bem claro. Ela acena para Lila, que está olhando da janela para verificar

se estamos bem. Lila joga um beijo na nossa direção e desaparece atrás da persiana. O mundo está silencioso como algodão nos meus ouvidos quando coloco as mãos em concha na janela e olho para fora uma última vez.

Mamãe me dirige um olhar frio.

— Quem você está procurando? — pergunta ela.

Eu me viro no banco e finjo que não ouvi.

Em toda essa escuridão, não vi Joey em lugar nenhum.

Capítulo 16

No dia seguinte, estou na porta da escola exatamente às oito e cinquenta e cinco da manhã, embora mal consiga manter os olhos abertos. Nem escovei os dentes. Quase não consegui chegar a tempo, pois mamãe perdeu a hora, de tão cansada que estava. Justo hoje! Tive que vestir a mesma roupa de ontem à noite e sair correndo para a escola pelos fundos, enquanto ela esperava o ônibus para o trabalho.

É claro que o sr. Flatwell já está esperando no local marcado, na frente da escola. Ele insiste em levar as vítimas da detenção em grupo, provavelmente uma técnica de diretor de presídio que aprendeu na faculdade. Está usando um boné de feltro e uma espécie de sobretudo. O vapor sobe do copinho descartável de café turco que ele segura.

— Bom dia, srta. Sanchez — diz ele, tomando um grande gole.

Estou ofegante, mas não posso nem me recostar nas portas para recuperar o fôlego, pois já estão cobertas de ovos e creme de barbear por conta do Halloween. Uma explosão estelar de gemas de ovo também decora a calçada.

Somos cinco. Pelo canto do olho, vejo que não tem ninguém aqui que eu queira conhecer. Um garoto do tamanho de um gorila, com a calça caída (os bolsos ficam na altura da parte de trás dos joelhos) e o rosto tão inexpressivo que dá medo. Uma loura de farmácia com pernas absurdamente finas e narinas cheias de feridas, tremendo em uma jaqueta de couro. E um garoto baixinho que usa alargadores de orelha com estampa de oncinha; por acaso lembro que o nome dele é Pipo.

Depois de um minuto ou dois, o sr. Flatwell olha para o relógio e nos faz entrar, passando pelo rapaz da portaria, que sorri para nós. A secretaria está trancada e às escuras, mas a sala do Programa de Serviços Comunitários está aberta, como sempre. Uma turma de inglês para estrangeiros está tendo aula no final do corredor. Duas criancinhas orientais correm do lado de fora, provavelmente esperando as mães. A voz anasalada da professora preenche o corredor vazio:

— Repitam comigo: “A conta, por favor.”

A turma balbucia a frase, mas o resultado não chega nem perto do desejado.

O sr. Flatwell pega a chave e abre uma sala, que ainda cheira a poeira e suor. Vou me dirigindo para a última fileira, mas ele me detém, as luzes fluorescentes se acendendo com resistência.

— Hoje não, srta. Sanchez. Vamos sentar aqui na frente, como uma família unida.

Olho de soslaio para meus companheiros de detenção e me instalo na segunda carteira sem dizer nada. Tem um lugar vazio ao meu lado.

Na mesma hora ele abre a gaveta da mesa e começa a coletar nosso “contrabando”: celulares, mp3 players, chiclete, nada disso é permitido. Falar é estritamente proibido. Como se tivéssemos algo a dizer uns aos outros.

— Vocês vão ter uma pausa para ir ao banheiro às dez e meia, e...

Ouvimos botas se aproximando pelo corredor. Ele se vira. Alguém aparece na porta.

— E eu pensando que você tinha esquecido — diz o sr. Flatwell.

Quando me viro para ver quem é, meu sangue gela. Lá está Yaqui Delgado, parada na porta. Eu me encolho na cadeira e olho para o quadro, minha mente a mil. Darlene não disse que ela tinha sido suspensa? Ela não deveria estar apodrecendo na prisão?

— O ônibus atrasou — justifica-se ela.

— O anterior não — retruca o sr. Flatwell.

Quando ela entra, sinto como se todos os pelos do meu braço se arrepiassem. A cadeira vazia ao meu lado de repente parece um ímã gigante. Não consigo respirar.

O sr. Flatwell levanta a mão.

— A ordem era chegar às oito e cinquenta e cinco, srta. Delgado. São nove e seis. Vai ter que vir mais dois sábados por conta disso. Me procure na segunda.

Imediatamente tenho vontade de abraçá-lo.

Já Yaqui não fica muito satisfeita. Ela está tão perto que quase sinto o cheiro de sua fúria.

— Isso é sacanagem. Eu cheguei só cinco minutos atrasada.

— Onze — responde o sr. Flatwell. — Faça as contas. — Ele abre uma pasta na mesa e começa a virar páginas. — Vejo você semana que vem.

— Eu não venho semana que vem — diz Yaqui.

O sr. Flatwell levanta o rosto com uma expressão cordial.

— Bem, essa é *uma* escolha possível. Mas é claro que há consequências para tudo, certo?

Ela se vira sobre os saltos gastos para sair, o rosto vermelho de raiva. Eu me encolho na cadeira, mas é tarde demais: ela me vê sentada ali com minha camiseta suja do Salón Corazón. Mesmo com os olhos grudados no quadro, sinto seu ódio quando ela me olha de cima a baixo. O sr. Flatwell também detecta alguma coisa suspeita. Ele olha de Yaqui para mim, um cão de caça que farejou algo.

— Até logo, srta. Delgado.

Ele se coloca entre nós. E, com isso, fecha a porta.

* * *

Tentaram roubar a bolsa de Lila há alguns anos. Ela estava sozinha, passando debaixo da linha do trem na rua 158, quando dois caras pararam o carro e a atacaram por trás. Mas os bandidos se deram mal: ela começou a distribuir socos como Oscar De La Hoya e acertou um dos caras no nariz com tanta força que ele não conseguiu chegar até o carro a tempo, e o parceiro saiu em disparada. Lila deu uma surra nele.

“Senti tanto medo”, ela nos contou depois, enquanto lixava as unhas quebradas. Mas essa é a questão em relação a Lila: ninguém desconfia que ela sente medo de alguma coisa.

Comigo é bem diferente.

Continuo tremendo mesmo tendo se passado uma hora que Yaqui foi embora. Enquanto faço as tarefas que o sr. Flatwell nos passa, volta e meia olho pela janela, sonhando acordada, imaginando todas as coisas que eu poderia ter dito ou feito naquele primeiro dia em que Vanesa me procurou e me deu o recado de Yaqui. Eu poderia tê-la empurrado longe. Poderia tê-la mandado beijar minha bunda grande e sacolejante. Poderia ter me inflado e ficado imensa e assustadora, como aquelas inofensivas salamandras do deserto que colocam cascavéis para correr só no blefe.

Mas não fiz nada disso. Engoli tudo como uma idiota, e agora não consigo deixar de sentir que cometi um erro. Não dá para voltar atrás e refazer minha reação. Só me resta ficar olhando enquanto ela se aproxima.

Concentre-se, digo a mim mesma enquanto começo a fazer a pilha de trabalho que levei comigo. Mas o aquecimento está forte demais, me deixando meio sonolenta. Pipo deve estar achando o mesmo, pois fica batendo cabeça enquanto faz o dever que o sr. Flatwell passou para quem não trouxe nada. É uma múltipla escolha de algum teste padrão no qual Pipo provavelmente nunca vai passar. De tempos em tempos o sr. Flatwell sacode a mesa de Pipo para acordá-lo.

Eu me obrigo a seguir em frente, matéria por matéria, tentando acalmar os nervos. Meus deveres e trabalhos se acumularam mais do que quando meu apêndice quase me matou. As notas vão ser fechadas esta semana, lembro a mim mesma. Se eu entregar tudo, talvez consiga evitar sofrer um exorcismo horrendo nas mãos de mamãe. Por outro lado, quem sabe se vou chegar viva ao fim da semana?

Resolvo os problemas de geometria o melhor que consigo neste calor e respondo quatro páginas de perguntas sobre células de animais e plantas, para biologia. Inglês é a última matéria na minha lista. Avalio a lista de tarefas que a sra. Shepherd propôs para quem

quiser ganhar uns pontos extras na média. A única de alma piedosa entre os professores, ela oferece a opção de fazer alguns trabalhos a mais para quem precisa salvar o pescoço. Ela bolou um trabalho no clima do Halloween — o que não é de se surpreender, considerando as teias artificiais que espalhou por toda a sala de aula na semana passada. Podemos ler *Frankenstein* ou *Drácula* e fazer um teste sobre o livro escolhido, mas o prazo é segunda-feira. Nunca vou conseguir ler tanto em tão pouco tempo, mesmo que eu encontre o livro na biblioteca. Talvez a redação seja uma ideia melhor. Seco o suor dos olhos e leio a proposta:

Monstros sempre fizeram parte da literatura. Fossem mulheres com cabeça de cobra, vampiros ou alienígenas do espaço sideral, monstros sempre representaram o lado sombrio da natureza humana. Se você fosse inventar um monstro dos dias modernos, como ele seria? Descreva-o. O que ele representaria?

Sinto um calafrio, embora minha camiseta esteja grudada nas costas de suor. O vapor sai sibilando pelos canos do aquecedor; deixo minha mente vagar, ser preenchida pelo rosto cheio de ódio de Yaqui. Não demora muito e minha caneta já está arranhando o papel, o som como de ratos cavando no escuro.

* * *

— Srta. Sanchez.

O sr. Flatwell está de pé em frente à minha mesa. Ergo a cabeça e esfrego os olhos. São onze e cinquenta e nove. Meus dedos estão doloridos de segurar o lápis por tanto tempo e meus papéis estão amassados e úmidos no lugar em que apoiei a cabeça.

— Está liberada.

Quando olho ao redor, reparo que os outros já foram embora. Na minha mesa há seis páginas cheias de garranchos. Reúno todas

rapidamente.

— Trabalho de inglês?

Balanço a cabeça em negativa e afasto os papéis rapidamente. Será que ele andou lendo o que escrevi?

— É só uma redação.

Guardo meu material enquanto ele coloca o casaco e o boné, sem nem uma gota de suor no corpo. A mesa dele permanece impecável desde que chegamos.

Ele apaga a luz e fica me esperando na porta.

— Qual é o tema?

Coloco a mochila nas costas, constrangida de repente.

— Nada. É só... Não é nada.

O medo incha no meu estômago enquanto sigo pelo corredor ao lado dele. E se Yaqui estiver me esperando lá fora? Os últimos alunos de inglês para estrangeiros estão indo embora; diminuo o passo para eles poderem sair primeiro, até que por fim somos só eu e o sr. Flatwell, que segura a porta para eu passar.

— Algum problema, srta. Sanchez?

A luz do sol entra pela porta aberta. Eu deveria estar feliz por ter terminado a detenção, mas só de pensar no que pode haver lá fora sinto meus pés fincarem no chão. Tenho que me obrigar a seguir em frente e sair.

Nem me dou ao trabalho de vestir o casaco, saio logo correndo.

— Srta. Sanchez! — grita ele.

Eu me viro, mas meus pés continuam em frente. Minha cabeça ainda pesa por causa do calor, e tenho medo do caminho até em casa. O frio crava os dentes em meu corpo, como um vampiro. Minha coragem está sendo sugada como sangue.

— Espero não vê-la aqui de novo! — completa ele.

Saio em uma corrida desesperada para casa.

Capítulo 17

— Você está linda — me diz Lila.

É meu aniversário. Vamos sair para jantar com Raúl. Ela arrumou meu cabelo, deixando-o cair sobre os ombros, e me emprestou um par de sapatos de salto alto para combinar com o vestido de estampa étnica que comprei com Mitzi.

Mamãe faz uma expressão de irritação, ainda mal-humorada com o incidente do chupão. Esse vestido só alimenta a opinião cada vez pior que ela tem de mim.

— Será que você não pode pelo menos sorrir? — diz mamãe para mim. — Qual é o problema? Teve um dia ruim no Corazón?

Sorrir? Depois de ver Yaqui de manhã, levei o dia inteiro para conseguir me acalmar.

Lila é rápida no gatilho, entregando um cardápio a mamãe na mesma hora.

— O que parece bom? — pergunta ela.

Mamãe também se arrumou, e olha que isso só acontece quando morre alguém. Colocou o vestido preto com pérolas falsas e até completou com os escares de bico fino. Está tão diferente que quase esqueço que é mesmo ela — exceto quando abre a boca, claro. Acho que ela tem a mesma impressão em relação a mim, porque toda hora eu a pego olhando para o decote do meu vestido. E para a marca já quase sumindo do chupão.

E não é só isso que está diferente hoje. Pela primeira vez Lila traz um namorado para sair conosco. Não sei o que pensar. Ela disse que foi ideia de Raúl comemorar meu aniversário ali, que, quando contou a ele que eu adoro assado de carne de porco tanto quanto ele, Raúl disse: "Ah, eu conheço um lugar com o *lechón* certo para ela."

A princípio, mamãe disse não.

“Por que não?”, argumentou Lila. “Piddy está mais velha agora. O aniversário de dezesseis anos é um momento especial para as americanas, como Piddy. Não vamos dar uma festa. E não podemos mais levá-la ao zoológico, Clara.”

Para ser sincera, sinto certa saudade do zoológico, mas sei que estou velha demais para isso. Então viemos ao El Rincón Criollo, em Jackson Heights. Não estou muito no clima de comemorar nada hoje, nem mesmo meus dezesseis anos. Mamãe ficou mais animada no ano passado, quando completei quinze anos, embora eu não tenha tido a tradicional *quinceañera*. Eu teria que usar coroa de strass e vestido bufante, como uma boneca na caixa. *No, gracias*. Mamãe não tinha dinheiro e eu não tinha *ganas*. A de Mitzi já foi bem ruim. A mãe dela planejou uma grande festa no renomado salão Leonard’s Palazzo, ano passado, mas Mitzi é tão tímida que a mãe teve que implorar para que as pessoas a chamassem para dançar. Foi horrível.

“Quero morrer”, disse Mitzi enquanto eu fechava o zíper do seu vestido de cetim. Ela passou a noite inteira infeliz, cercada de adolescentes que mal conhecia.

Eu queria que Mitzi estivesse aqui hoje, mas ela não pôde vir. Teve que ir com o time de badminton jogar a final de algum campeonato em alguma parte de Riverhead. Ela estava toda animada com isso ontem, quando me contou. Ao fundo dava para ouvir suas amigas novas tagarelando.

— No próximo fim de semana a gente comemora — prometeu ela, às pressas.

Não deu nem tempo de eu contar a ela a saga da detenção por causa do armário pichado.

Morri de raiva. Ela alega que nunca recebeu minha mensagem de texto contando que Yaqui me roubou, mas sei lá... Será que Mitzi mentiria para mim? Tenho tantas coisas para contar a ela, e está ficando cada vez mais difícil. Ela não sabe sobre Joey e eu e o chupão. Aposto que nunca, *nunca* vai acreditar. Mitzi sempre o achou bonitinho, mas filhotes de urso também são e não é por isso que as pessoas vão para a cama com eles, diria ela. Ultimamente,

toda vez que eu ligo ela está ocupada. Talvez ela não queira mais saber de mim e dos meus problemas.

Tento me concentrar nas coisas boas, como o fato de estarmos jantando em um restaurante chique, para variar. Olhando de fora, o El Rincón Criollo parece uma espelunca com insulfilm nas janelas, mas por dentro é outra história. A recepcionista usa vestido e sapato alto, luzes coloridas brilham nas palmeiras artificiais e dos alto-falantes ressoa música de bom gosto. O salão de jantar todo cheira a alho, cominho e carne succulenta. Estou no paraíso.

— Este lugar tem classe, não tem? — sussurra Lila para mim.

Ela acena para Raúl, que está conversando no balcão do bar. Ele conhece o dono, e tem um grande amigo, José, que faz bico aqui como barman. Alguns homens jovens estão olhando na nossa direção, provavelmente para Lila, embora um deles na verdade sorria para mim. Até me viro para trás, para ver se ele não está olhando para outra pessoa.

Mamãe leva uma eternidade para ler o cardápio, embora eu tenha certeza de que ela está ouvindo meu estômago roncar.

— Vamos dividir algum prato — diz ela.

— Mas eu estou com fome.

— Esses lugares servem comida demais. Você não vai comer tudo. Vai ser um desperdício.

Lila franze os lábios.

— *Ay, Clarita.* É o *cumpleaños* dela. Deixe a garota comer. Raúl vai pagar.

Mamãe assume uma expressão tensa.

— *De eso nada.* De jeito nenhum. Eu vou pagar nossa parte, ou então não vamos comer.

Suspiro.

— Tudo bem — murmuro. — Vamos dividir.

— Aqui está, moças.

Raúl coloca dois mojitos na mesa e dá uma piscadela para Lila ao se sentar ao lado dela. Finalmente estou entendendo o motivo de tanta agitação no Salón Corazón: Raúl é alto e tem músculos em toda parte do corpo, até no maxilar. Ele tem cabelo curto e espetado, os olhos castanho-claros como a pele. E cheira a loção

pós-barba, um aroma gostoso de especiarias. Mamãe diz que ele é muito cheio de frescura com a aparência, o que, segundo ela, nunca é bom sinal em um homem. No entanto, exagerado ou não, ele é bonito, e é impossível não se sentir segura ao lado de um cara que carrega uma Glock.

— Ah, adoro essa música! — Lila fecha os olhos e se balança ao som de uma rumba, inclinando o copo para beber. A música tem um excelente *tumbao* no piano. — Você sabia tocar isso, não sabia, Clara?

— Não lembro — responde mamãe, fungando em desprezo.

— Vamos dançar, então — diz Raúl a Lila. — Venha.

Lila está prestes a se levantar quando olha para mim e me lança um sorriso malicioso.

— Tenho uma ideia melhor: dance com a Piddy. Ela é ótima! Estou ensinando a ela tudo que sei. — Ela se inclina para a frente e sussurra para mim: — Aqueles bobos do bar vão ter com o que fantasiar.

Quase cuspo o refrigerante, mas Raúl parece nem reparar. Sei que ele prefere ter Lila nos braços, mas mesmo assim abre um sorriso, mostrando aqueles dentes grandes que agora estou achando bonitos, e estende a mão para mim.

— Você me concede o prazer?

No fim das contas, descubro que Raúl não é tão bom na pista de dança. No começo me sinto como uma vassoura nos braços dele, toda dura sob o olhar de mamãe, até que acabo deixando a música tomar conta de mim e começo a relaxar, coisa que tem sido difícil ultimamente. Meus quadris começam a se mexer como devem. Lila é toda sorrisos na mesa enquanto giro, giro e giro na salsa sem errar um único passo, como ela me mostrou. Pelo canto do olho noto que os caras no balcão do bar pararam de falar. Estão me vendo dançar. Até mamãe parece estar relaxando, embora eu não consiga adivinhar o que está pensando. Yaqui Delgado some da minha mente, ao menos por alguns minutos.

— É isso aí! — grita Lila, levantando o copo.

Finalmente, quando a música termina, Raúl me conduz de volta para a mesa e puxa a cadeira para mim, como um cavalheiro. Minha

pele está brilhando de suor, que sinto sob o vestido; mais parece que eu estava fugindo de um animal selvagem.

— Tem razão, Lila, ela é ótima na dança — diz Raúl. Ele então se vira para minha mãe. — Sua filha vai partir muitos corações, Clara. — Ele inclina a cabeça na direção do bar. — Talvez até hoje.

Mamãe assente e volta a analisar o cardápio.

— Nem me lembre.

Durante o resto da noite, Lila e Raúl contam histórias para nos fazer rir enquanto comemos. Ele cresceu com quatro irmãos em Washington Heights. Os irmãos viviam se metendo em brigas, e foi assim que ele acabou conhecendo os policiais do bairro. No entanto, seu irmão mais velho, Luis, se envolveu com drogas e não conseguiu se recuperar. Ele morreu.

— É por isso que eu sou policial — conclui Raúl.

Mamãe mexe a bebida sem parar enquanto ouve. Fico pensando que o coração da cidade deve ser empolgante, ao menos melhor que o Queens. Raramente vamos a Manhattan, porque mamãe odeia o metrô, diz que é cheio de germes. Fico pensando também como deve ser morar em uma casa com garotos brincando de luta e fazendo barulho, ter um pai ou um irmão por perto o tempo todo, mesmo que problemáticos. A sensação deve ser de segurança, conluo. Segurança.

Então Raúl menciona algo que me chama a atenção:

— Mas é bem mais difícil atualmente. O Bland é uma área barra-pesada.

— É a sua área? — pergunto. É o bairro de Yaqui Delgado. — Você está lá todo dia?

Raúl assente.

— Em qualquer esquina em que eu parar a viatura, vai ter problema para resolver o dia inteiro, infelizmente. — Ele balança a cabeça. — Semana passada encontramos um adolescente com um tiro na cabeça no saguão do prédio.

Mamãe faz o sinal da cruz.

Nesse momento, a garçonete aparece com mais drinques preparados por José e quatro tortas em porções individuais. A minha tem uma vela acesa no meio. O restaurante todo canta uma "Las

Mañanitas” desafinada e depois “Parabéns para você”. Até mamãe sorri e aplaude quando acaba.

* * *

A volta para casa é tranquila. Mamãe e eu vamos no banco traseiro do carro, e Lila, ao lado de Raúl. No rádio toca um bolero bonito, do tipo que se dança devagar com a pessoa amada. Talvez seja isso o que eles vão fazer mais tarde, na casa de Lila. A noite está fria, mas os dois parecem bem aquecidos e confortáveis. Quero guardar este momento para sempre.

— Você já foi casado, Raúl?

A pergunta de mamãe parece sair do nada, só para estraçalhar o silêncio.

Vejo os belos olhos dele pelo retrovisor, mas minha mãe continua olhando para fora, como se estivesse a um milhão de quilômetros daqui.

— O quê?

— Clara... — começa Lila.

— Ca-sa-do. Você já foi casado?

O sorriso de Raúl não some, nem mesmo quando ele desvia o olhar para Lila.

— Já. Já fui casado, sim, muito tempo atrás.

— Onde está sua esposa agora?

— Mãe... — murmuro.

O que ela tem com isso?

— *Ex-esposa* — corrige ele. — Estava morando em Bayside da última vez que tive notícias dela. Por quê?

Lila está vermelha de vergonha. O ar dentro do carro parece prestes a explodir em uma bola de fogo.

— Por nada — responde Lila, com firmeza, ao mesmo tempo em que vira o pescoço para lançar um olhar severo para mamãe. — Clara é minha melhor amiga. Só está sendo xereta.

Mamãe finalmente desgruda os olhos da janela e se volta para Lila, mas não diz mais nada. Ela parece tão triste; as pequenas linhas ao redor de sua boca estão marcadas.

Seguimos em silêncio pelo restante do caminho, quebrado apenas pela música no rádio. A magia foi quebrada por um veneno cujo nome ninguém menciona.

— Obrigada pelo *lechón* — digo a Raúl quando ele nos deixa em frente ao nosso prédio, pouco depois. Eu me debruço na janela para me despedir. — Estava delicioso.

— De nada. Obrigado pela dança — responde ele.

Lila olha para mamãe, que está atrás de mim, depois me puxa para perto e me dá um grande beijo.

— *Te quiero mucho* — diz ela.

Sigo apressada para a porta. Mamãe entra, mas Lila me chama pouco antes de eu entrar também.

— Feliz dezesesseis anos, Piddy.

Eu me viro e aceno em despedida. Os faróis desaparecem conforme o carro avança pela rua, o bolero particular deles se desfazendo no ar.

Capítulo 18

Só tem um banheiro em toda DJ em que não se corre o risco de ser importunado por alguém, segundo Darlene: o que fica ao lado da diretoria. Mas, para minha sorte, o faxineiro bloqueou a porta com baldes. Darlene até tenta entrar, mas ele nos detém com o esfregão cheirando a desinfetante.

— Vaso entupido — informa ele, apontando para a poça que começa a alcançar o corredor. — Usem os vestiários.

Darlene o fuzila com o olhar.

— Certo. — Então se vira para mim. — Vamos à enfermaria no próximo intervalo. É só dizer que ficou menstruada e eles deixam você entrar.

Até que essa semana tem sido bastante calma. Yaqui ainda está suspensa, embora eu tenha descoberto que é uma suspensão *interna*, o que não é tão reconfortante. Ainda assim, ela está confinada no segundo andar, bem longe de qualquer parte do meu trajeto obrigatório pelas dependências da escola. Entreguei meus trabalhos na segunda-feira e cheguei na hora em todas as aulas. Faço um grande esforço para não me preocupar com a próxima semana, quando Yaqui vai estar livre de novo. Só de pensar já me dá vontade de fazer xixi.

— Oi, Piddy — diz Rob quando estamos entrando na sala para a aula de inglês.

Ele anda me encarando ainda mais que o habitual. Será que Rob sabe que fui eu quem cobriu a pichação no armário dele? Darlene me apressa.

— Meu Deus, ele é repugnante — sussurra ela.

— Oi, Rob — respondo mesmo assim.

— Todos sentados.

A sra. Shepherd está devolvendo os trabalhos corrigidos. Se eu tiver feito uma redação decente, vou ganhar uns pontos e talvez consiga um B- no boletim, apesar da série de zeros. Mamãe não vai gostar, mas é melhor que o D que eu tiraria — que a deixaria cuspidando fogo. Darlene está sorrindo para o A que recebeu e guardando o trabalho em seu fichário separado por cores. Fico esperando, mas a sra. Shepherd chega ao fim da pilha de trabalhos e minha mesa continua vazia. Tenho certeza de que entreguei a redação.

— E o meu? — pergunto.

Ela se vira e me observa por um segundo. Será que não ficou bom? Pensando bem, acho que eu estava delirante quando escrevi aquele texto durante a detenção com o sr. Flatwell. Aliás, a ideia me deixa tensa de repente. O monstro que descrevi era uma Yaqui. Ele se disfarçava de menina, uma estudante com coque apertado e olhos duros que come o coração das pessoas sem nenhum propósito específico. Fiz até com que tivesse dentes pontudos, bunda gorda e pele ruim.

Mas a sra. Shepherd lentamente abre um largo sorriso.

— Bem, tenho uma boa notícia, e agora é uma boa hora para contar. Mande os melhores textos deste semestre para a revista da escola. E o seu estava incluído.

— Desde quando a escola tem uma revista? — pergunta Darlene.

— Desde agora — responde a sra. Shepherd. — Esta turma vai compor o primeiro comitê editorial. Já tenho até um editor em mente.

Darlene levanta a mão para interrompê-la:

— Sinto muito, sra. Shepherd, mas estou ocupada demais este semestre para cuidar da revista da escola.

A sra. Shepherd sorri.

— Na verdade, convidei Rob para cumprir essa função.

Darlene fica boquiaberta como um peixe fora d'água. Quando olho para Rob, noto que suas orelhas estão cor-de-rosa. Então volto a olhar para a sra. Shepherd, em pânico.

— Cadê a minha redação? — pergunto de novo.

— Os textos selecionados estão expostos no mural do departamento de língua inglesa, como amostra da nossa primeira edição — explica a sra. Shepherd, sorrindo. Ela coloca a mão sobre a minha. — Foi uma ótima abordagem do tema dos monstros.

Isso não pode estar acontecendo. Qualquer um com meio neurônio vai reconhecer o verdadeiro monstro que descrevi naquela redação. É o meu fim.

— A senhora tem que me devolver — exijo.

— Vai ficar lá só por uma semana. Devolvo depois disso. Prometo. Balanço a cabeça em negativa.

— Não quero minha redação lá.

— Por que não? — pergunta ela, com suavidade. — Você escreve muito bem. Pode ter orgulho do...

— Porque é particular! — Minha voz sai aguda. Devo estar parecendo uma pirralha teimosa. — Porque não quero meu trabalho naquele quadro. A senhora devia ter pedido minha permissão!

— Calma, Piddy — diz a sra. Shepherd. — Podemos discutir isso depois da aula.

— Não. Preciso da minha redação agora mesmo. Onde fica esse mural?

Todo mundo está prestando atenção em nossa discussão. A sra. Shepherd coloca as mãos na cintura e se mantém firme. Ela é legal, mas também tem seus limites.

— Pois você não vai tê-la de volta *agora mesmo*. Eu a devolvo sem problemas, mas *depois* da aula. Mais tarde falamos sobre isso.

Fico fumegando de raiva durante uma hora. Ela não deveria ter pedido minha permissão? Mas, na verdade, a única culpada sou eu. Onde eu estava com a cabeça? Minha única esperança é que ninguém veja, especialmente Yaqui e suas amigas.

Ainda assim...

Quando o sinal toca, a sra. Shepherd me chama até sua mesa, mas saio em disparada pela porta. Não sei de que mural ela estava falando nem onde fica, mas tenho que encontrá-lo rápido. Passo pelo aglomerado de alunos e percorro o primeiro andar inteiro, mas não encontro nada além de uma velha vitrine de troféus com placas dos anos 1990. Então lembro que o gabinete do departamento de

língua inglesa fica no segundo andar, não muito longe da sala de suspensão interna. Subo a escada dois degraus por vez e chego lá ofegante. O cartaz que anuncia a nova revista tem letras grandes e brilhantes, não tem como não ver. O mural já foi rabiscado e a moldura de papel corrugado pende como uma fita. Todas as redações estão grampeadas ali. Passo os olhos por cada uma o mais rápido possível, mas não encontro a minha. Em seguida olho de novo, dessa vez mais devagar, embora o sinal já tenha tocado. É então que meu coração afunda. Mais ou menos no centro do mural há um espaço vazio. Dois grampos resistiram, ainda prendendo os cantos rasgados do papel, mas o resto da folha foi arrancado.

Minha redação foi retirada dali.

— Todos em sala! — grita alguém.

* * *

Observo os olhos de todo mundo no almoço, atenta principalmente à mesa de Yaqui. Não digo uma palavra sobre a redação para ninguém.

— Qual é o seu problema? — pergunta Darlene. Não contei a ela sobre o tema do meu texto. — Está de TPM, por acaso?

Jogo fora minha comida intocada e espero em silêncio as portas para a escada serem abertas. É quando o professor responsável vai trazer os alunos em suspensão interna para a fila do almoço. Talvez eu consiga ver no rosto de Yaqui se ela sabe o que escrevi.

Rob se senta ao meu lado.

Darlene olha para ele com irritação.

— Ah, que ótimo. É o Rob.

— Cala a boca — digo a ela.

Darlene parece surpresa, mas dá de ombros e toma um gole de água.

Nesse momento a porta se abre e o desfile de alunos da detenção começa. Eles vêm atrás do treinador Malone, que parece tão entusiasmado com essa tarefa quanto fica com as reuniões de

professores. Há apenas quatro alunos com ele hoje, três garotos e Yaqui. Juro que a única coisa que falta são as algemas no tornozelo. Finjo que vou pegar o fichário, mas meus olhos estão grudados em Yaqui, que segue em frente com um andar arrogante.

— Ya-qui — grita alguém da mesa dela.

É Alfredo. Um *fiu-fiu* soa em seguida.

Ela sorri, e continua sorrindo mesmo quando o treinador Malone lhe dirige um olhar de advertência. Os quatro em detenção entram na fila do almoço, vão pegando talheres e guardanapos sob meu olhar.

Quando finalmente chega ao salão do refeitório, Yaqui olha ao redor. Seus olhos ficam gélidos quando ela me pega a observando, mas não consigo identificar se sabe de alguma coisa ou se é só sua expressão habitual de ódio. A imagem de Yaqui se fixa a ferro e fogo em minha mente. Mesmo depois que ela e os outros vão embora, meus olhos ainda a veem.

Minutos depois, o sinal finalmente toca. Rob vem atrás de mim.

— Piddy — chama ele, tentando me alcançar quando chego à escada.

Trinco os dentes e finjo não ouvir. Não consigo ser legal com ninguém agora. Faltam apenas mais duas horas para eu poder sair daqui. Só quero que as aulas de hoje acabem. Quero ir para casa.

Mas Rob está determinado. Quando chego na metade do lance de escada, ele segura meu cotovelo.

— Piddy, quero contar uma coisa para você.

Eu me viro, subitamente irritada. Não aguento o rosto esquelético dele, essa aparência de fraco e repulsivo. É tudo que eu não quero ser.

— Olhe, Rob, não é nada pessoal. Só quero ficar sozinha.

Ele fica vermelho e engole em seco.

— Mas...

— Por favor, vá embora.

Começo a me afastar, mas ele segura minha mão.

— Me solte! — Puxo a mão com força e até dou um empurrão de leve nele. — Será que você não se toca?

Não sei qual de nós dois fica mais surpreso. Então vejo a tristeza anuviar seu rosto; ele larga alguma coisa aos meus pés e vai embora rapidamente.

Quando olho para baixo, meus joelhos ficam meio fracos e sou tomada de vergonha ao ver o que é. Minha redação, cuidadosamente dobrada em um quadradinho. Os cantos do alto estão rasgados, mas o resto está todo ali. Ele deve ter percebido minha angústia e a pegou do mural.

E agora, quem é a cretina?

Rob já está no patamar seguinte da escada quando o sinal toca.

— Ei! — grito, correndo atrás dele. — Volte aqui!

Mas é tarde demais. Rob ativou seu campo de força pessoal contra ataques, e não consigo penetrá-lo.

Rasgo a redação em pedacinhos e sigo para a aula, atrasada mais uma vez.

Capítulo 19

“Nunca vale a pena ficar em dívida com alguém”, mamãe sempre diz. Agora vejo que ela tem razão.

Confiro se o endereço na porta do prédio bate com o que consta no papel que Darlene me deu. Eu tinha a esperança de que ela ainda tivesse coração e esquecesse o que prometi em troca do horário de aulas de Yaqui. Que ingenuidade a minha. Ela me procurou ontem, depois que a sra. O'Donnell anunciou nossa prova final de vetores.

— Temos um acordo — disse ela quando tentei escapar. — Amanhã, na minha casa. Aqui está o endereço.

O prédio de Darlene ainda exhibe o nome em letras douradas na entrada: THE GLEN ORA. Tem um caminho de ardósia, saguão com espelhos e um porteiro que se lembra de podar os arbustos e varrer as guimbas de cigarro. Devia ser um edifício de luxo antigamente, ainda abriga consultórios médicos no térreo e tudo. Mas a construção não foi totalmente poupada. Dá para ver a pichação coberta pela pintura na parede do interfone.

Assim que saio do elevador no sexto andar, encontro Darlene me esperando na porta do apartamento. Ela olha para o relógio, me lembrando de que estou dez minutos atrasada.

— Esta é a Cleópatra — diz ela, me conduzindo para dentro. Uma gata cinzenta velha rosna para mim do sofá. Dá para ver todos os ossos da coluna do bicho. — Ela tem dezesseis anos. — Darlene segue pelo corredor do apartamento. — Por aqui.

O quarto dela é pequeno, mas bonito. Os móveis combinam entre si, e o tapete ainda cheira a novo. Naturalmente, ela tem uma coleção de troféus e certificados de premiação emoldurados que

remontam aos primeiros anos do ensino fundamental. A escrivanhinha fica junto a uma janela grande com vista para a rua. Daqui de cima, os carros estacionados e as árvores parecem organizados, planejados. O apartamento é silencioso.

Darlene se senta na cama, ao lado do livro de física aberto.

— Detesto a sra. O'Donnell — diz ela. — É a pior professora que já tive.

Darlene me mostra o último teste, que vem marcado com um 72 em vermelho e circulado. Ela pega o livro e lê a primeira questão em voz alta:

— O carrinho de uma montanha-russa chamada Dragão de Aço parte do alto de uma grande elevação à velocidade inicial de três metros por segundo e alcança a velocidade de 42,9 metros por segundo na base do percurso. Se o carrinho partisse do pé da elevação, qual seria sua velocidade no topo? O atrito é desprezível.

— Ela olha para mim com nojo. — Sério. Quem se importa?

— Não eu.

— Você tem as respostas?

Enfio a mão no bolso e entrego a ela minha folha com as questões resolvidas.

— Fiz ontem à noite.

Darlene ergue as sobrancelhas e dá uma risadinha de felicidade enquanto passa os olhos rapidamente pela folha.

— Vou trocar as palavras para nossas respostas não ficarem idênticas.

— Não tão rápido — digo, arrancando o papel da mão dela. Nada me faria mais feliz do que ir embora agora mesmo, mas não sou uma pessoa de muita sorte, e isso poderia dar muito errado para o meu lado. — Eu prometi ajudar você a estudar. Não a colar.

— Eu não *colo*.

Respiro fundo.

— Tudo bem, então responda: o que vai fazer se o professor mandar você explicar como chegou a uma determinada resposta? Colar é violação do código da escola ou alguma coisa assim, não é?

— É delito de grau dois — esclarece ela, com ar solene, mas vejo que está reconsiderando minha ideia.

Dou o golpe final:

— Se pegarem a gente, você perde a vaga na monitoria e vai ter que ficar mofando na sala de estudos.

Passamos uma hora estudando as energias cinética e potencial, velocidade e gravidade. Não é fácil. Preciso ficar o tempo todo lembrando Darlene que o que ela chama de “bom senso” não é compatível com a lógica científica.

— Olhe — digo —, esqueça o que você acha que deveria acontecer. O mundo real não funciona assim.

Voltamos à lei da gravidade. Quando finalmente terminamos, ela se recosta na cadeira.

— Nada mau.

— O quê?

— Seu conhecimento de física. Imagino que você vá se inscrever na McCleary.

— O que é McCleary? — pergunto enquanto me levanto para pegar o casaco.

Ela revira os olhos.

— J. C. McCleary. Dei o formulário para você, burrinha. É a academia de ciências, que oferece aulas especiais para alunos do segundo e do terceiro anos. Você ganha créditos para a faculdade ainda no ensino médio. Soube que eles têm bons programas de engenharia, se você não se incomodar com os nerds. Você é inteligente, deve conseguir entrar. — Ela me avalia por um segundo. — Além do mais, tem essa vantagem da latinidade na hora da admissão.

Seria legal esmagar o crânio dela agora mesmo.

— Eu não quero ser engenheira — digo.

— Já sei: quer ser escritora. Talvez até colabore com a revista idiota da sra. Shepherd.

Darlene diz isso com os cantos dos lábios curvados para baixo em desdém. Acho que ainda está chateada por não ter sido escolhida como editora. Ela parece bem magoada até, embora talvez seja mais pelo fato de terem preferido Rob. Para Darlene, orgulho é tudo.

— Não vou participar da revista — digo.

Ela assente, com um ar pensativo.

— Eu sei. Quem iria querer fazer parte daquela equipe idiota? Meu Deus, com *Rob* no comando.

— Não é isso — digo com firmeza.

Ela abraça o travesseiro e se reclina na cama.

— E o que você vai fazer quando acabar o colégio? — Como não respondo, ela se inclina para a frente e continua: — Meus pais querem que eu estude contabilidade na Universidade de Hofstra — ela enfia o dedo na garganta, fingindo vomitar —, mas vou abrir minha própria empresa. Minha tia tem uma fábrica de bolsas. Todo verão eu trabalho no escritório com ela. Minha tia diz que eu sou uma líder nata.

— Ah. — A ideia de Darlene tendo autoridade ilimitada é de gelar a espinha. — Faz sentido.

— E você?

Nunca contei a ninguém além de Mitzi o que eu quero ser, e não tenho a menor intenção de contar a Darlene. Não podemos confiar nossos sonhos a qualquer um, muito menos a uma realista terminal como ela.

— Quero estudar animais.

Eu me levanto e pego o casaco.

— Você? Veterinária?

Meu olhar se desvia para Cleópatra, que se aconchegou no parapeito da janela há alguns instantes. Suas patas artríticas tremem quando ela tenta limpar as orelhas.

— Mais ou menos — digo.

Ela pega Cleópatra e me conduz até a porta.

— Piedad Sanchez, veterinária. Já ouvi coisas mais malucas.

— Tchau, Darlene — digo ao passar por ela.

— A McCleary também tem biologia.

Olho para ela com frieza enquanto a porta do elevador se fecha.

Capítulo 20

Estou varrendo cabelo no Salón Corazón no sábado. Montanhas e montanhas de cabelo de todas as cores. O salão está lotado de mulheres querendo aproveitar a promoção especial de novembro: lavagem, corte e escova por vinte dólares. Parece que todas as latinas do Queens estão tentando arrumar um horário antes do Dia de Comer Peru. Até Lila está tendo dificuldade de acompanhar o movimento. Eu queria que chegasse logo o Dia de Ação de Graças. E não só pela comida. Adoro o peru da minha mãe, embora eu tenha certeza de que nenhum peregrino comia banana frita como acompanhamento. O que realmente me atrai são os quatro dias sem ir à DJ. Talvez Mitzi venha me visitar, se ela resolver retornar minhas ligações em algum momento.

Estou agachada sobre a pá de lixo quando Gloria me dá um tapinha no ombro e sussurra uma pergunta no meu ouvido:

— Amigas suas?

Sigo o olhar dela. Pela janela, vejo lá fora um grupo de garotas sentadas no capô de um carro estacionado. São as latinas do refeitório, incluindo Vanesa. Como elas sabem onde eu trabalho? Então me lembro do que eu estava vestindo no dia da detenção. Yaqui é mais inteligente do que parece. Ela pode ter descoberto com facilidade pela minha camiseta. Mas o que essas garotas estão fazendo aqui agora? Não pode ser coisa boa.

— Elas estão esperando já faz um tempo — diz Gloria, enquanto arruma mais biscoitos no prato para deixar na recepção. — Pode ir falar com as suas amigas, só não demore. Isso aqui está lotado hoje, *mi vida*.

— Elas não são minhas amigas.

Continuo com o olhar fixo na janela, meus pés grudados no chão.

— Não? Então vá ver se elas querem entrar. Não podemos deixar que fiquem lá fora parecendo vadias. Fica mal para os negócios. — Ela franze os lábios. — Aquela magrela está precisando de um corte, se você quer saber. — O telefone toca, e ela se vira para atender. — *Salón Corazón. Buenos días...*

Sigo para a porta, agarrando com força o cabo da vassoura. Instintivamente, olho de um lado para o outro, procurando. Não vejo Yaqui em lugar algum, mas Vanesa está fazendo sinal para eu sair. Ela usa uma jaqueta de pele falsa e faz bolas de chiclete.

Fabio começa a correr em círculos ao redor dos meus pés. Sou obrigada a empurrá-lo com a vassoura.

— Agora não — digo, mas assim que abro a porta ele sai correndo, gruda o olhar enevoado nas garotas e começa a farejar os pés delas com cuidado.

Nesse momento, meu desejo é que ele fosse um doberman ou um rottweiler, qualquer coisa mais assustadora do que essa pequena bola de pelos.

Paro na frente da janela, onde as pessoas possam me ver, e seguro a vassoura com força, para o caso de ter que acertar a cabeça de alguém (ao estilo Lila).

— O que vocês querem? — pergunto.

Vanesa vai direto ao assunto:

— Yaqui quer brigar.

Tento não deixar o medo transparecer em minha voz, apesar dos meus joelhos bambos e da minha boca seca.

— Você é a garotinha de recados dela?

— Hoje — completa Vanesa, ignorando minha pergunta.

— Não vou brigar com Yaqui — digo. — Nem hoje, nem nunca. Não fiz nada contra ela.

Vanesa dá um passo à frente.

— Você se acha isso tudo, srta. Piranha? Se acha tão inteligente? Acha que pode sair por aí sacudindo essa sua bundinha branca para todos os caras? Não tem respeito, não?

— Respeito por quem? Por uma pessoa que rouba minhas coisas e joga caixas de leite em mim? Diga a ela que não vou.

Vanesa ri.

— Está com medo?

— Não. Estou *trabalhando*. — Aponto para o óbvio, apertando os olhos para parecer cruel. — Está movimentado aqui hoje.

— No parque Bowne, às seis.

O parque Bowne fica perto do Northern Boulevard, não muito longe daqui — nem do Bland. Quando eu era pequena, mamãe me empurrava no balanço e segurava um dos lados da gangorra. Penso nos becos entre os prédios daquela área, lembro que já vai estar escurecendo a essa hora.

— Não.

— Se você não aparecer, ela vai encontrar você de qualquer jeito. E aí vai fazer você pagar bem mais caro.

Até o momento, Fabio estava rosnando de leve. Então, sem aviso, ele desanda a ladrar tão alto que suas gorduchas patas da frente se erguem do chão a cada latido. Ele arreganha os dentes, mas só consegue parecer mais ridículo. Vanesa revira os olhos.

É quando o sininho da porta soa e Lila aparece. Ela seca as mãos em uma toalha, pega Fabio e o coloca dentro do salão, depois se aproxima de mim. Lila olha Vanesa da cabeça aos pés, com uma expressão que nunca vi em seu rosto antes.

— Quem é essa? — pergunta Lila, sem sorrir.

Não sei como responder. Em parte estou em pânico, em parte aliviada.

— Vanesa já está indo embora. — Dou as costas para as garotas e falo por cima do ombro: — Como eu disse, estou ocupada hoje.

O olhar de Vanesa vai de mim para Lila.

— Vejo você outra hora, então — diz ela.

As outras garotas descem do capô do carro e seguem Vanesa até a barraquinha de frutas da esquina, do outro lado da rua. Lila permanece no lugar, observando o grupo.

— Não vai entrar? — pergunto, segurando a porta aberta para ela.
— Está frio.

Mas Lila não responde. Mantém os olhos fixos nas garotas até elas sumirem de vista. Nem pisca quando Vanesa mostra o dedo do meio para ela.

— O que está acontecendo, Piddy? — pergunta Lila.

— Venha — digo, entrando no salão.

O telefone está tocando freneticamente. Mechas de cabelo se multiplicam por toda parte.

— Piddy, varra essa área da esquerda, por favor — ordena Gloria.

Lila está bem atrás de mim, dando uma olhada na agenda do salão, mas vejo que está pensando nas minhas visitantes misteriosas.

— Quem é a próxima a ficar linda? — pergunta ela.

* * *

É claro que não vou ao parque Bowne.

Quando saio do trabalho, ainda estou abalada com a visita de Vanesa. Digo a Lila que meus pés estão muito cansados para voltar a pé para casa, e ela concorda em pegar um ônibus. Lila lavou oitenta cabeças hoje, um recorde. Compramos comida coreana para viagem e vamos para casa.

— E aí, você vai me contar quem são aquelas garotas? — pergunta ela no ônibus.

Mantenho os olhos fixos no mundo que passa por nós lá fora.

— Só umas garotas da escola. Estavam me chamando para ir a um lugar aí, mas não gosto delas. São umas babacas.

— Não diga. Bem, fique longe delas.

— Estou tentando.

Quando chegamos ao portão do prédio dela, descobrimos que chegaram as encomendas da Avon. São os pedidos da festa. A caixa é enorme; ela vai precisar da minha ajuda para organizar tudo.

Fico de olho no relógio enquanto conferimos na lista quem pediu cada item e colocamos tudo dentro de sacolas plásticas para as clientes. Cinco horas: batons e rímel para Amada Lopez, do fim da rua. Cinco e dez: spray corporal e brincos para Beba. Cinco e vinte: máscara firmadora para Maria Estela. E assim por diante. O tempo todo fico me perguntando quem estará me esperando no parque

Bowne. O que elas vão fazer quando perceberem que realmente não vou comparecer?

Trabalhamos direto até as nove horas. Finalmente, Lila endireita as costas e olha para a confusão de sacolas e recibos no chão. Em seguida, olha para mim.

— É melhor você ir para casa dormir, *chica*. Você é jovem demais para ter essa aparência tão cansada.

Olho pela janela. São só alguns pontos de ônibus até nossa nova casa, mas estou com medo de Yaqui estar me esperando.

— Quer saber? — diz Lila, baixinho. — Também estou precisando de um pouco de ar fresco. Que tal eu pegar o ônibus com você?

O alívio toma conta de mim quando ela me dá um beijo no ombro e coloca algumas amostras de batom no meu bolso.

— Se você quiser... — sussurro. — Obrigada.

* * *

A luz da sala ainda está acesa quando chego em casa. Mamãe está no andar de cima, cochilando na frente da TV. Está só de roupão, sem sutiã por baixo, a boca aberta. Sobre uma caixa a seu lado vejo um prato com restos de ovos fritos e arroz.

Não a acordo. Coloco o prato na pia da cozinha e cubro mamãe. Depois, vou até o banheiro e tranco a porta para pensar um pouco. Sinto como se estivesse sendo puxada para baixo por âncoras. O que vou fazer? É só uma questão de tempo até eu ter que enfrentar Yaqui e as capangas dela.

Abro a água quente, tiro a roupa e fico me olhando no espelho por bastante tempo, um olhar atento e duro. Odeio minhas formas e curvas, que só me causaram problema até hoje. Se ter um corpo bonito é tão legal, por que fez da minha vida um inferno?

Puxo o cabelo para trás, para colocar a touca de banho, mas então paro. De repente me ocorre que é mais ou menos assim que Yaqui prende o cabelo. Mexo na gaveta de mamãe em busca de grampos e termino de prender o coque. Não entro no chuveiro.

Remexo nos bolsos da calça e pego uma das amostras de batom que Lila me deu. É de um tom bem escuro de vinho, que mamãe nunca me deixaria usar. Pinto os lábios, com cuidado. Em seguida, vasculho embaixo da pia em busca da velhíssima bolsinha de maquiagem de mamãe e encontro a pinça. Tiro os pelos com cuidado, em um processo doloroso. Minhas sobrancelhas vão ficando cada vez mais estreitas, até que estou com lágrimas nos olhos, a pele vermelha e inchada; até sobrar apenas uma linha muito fina. Quando termino, recuo um passo e me avalio de novo no espelho. Pareço sem expressão e estranhamente cruel. Se mamãe passasse por mim, talvez nem me reconhecesse. *Essa não é a minha filha*, pensaria.

De fato, não seria.

Talvez essa seja a nova eu que preciso encontrar. Uma garota durona, capaz de enfrentar Yaqui. Mas então por que ainda sinto medo?

Capítulo 21

Não conto a Mitzi que vou a sua casa. Vai ser surpresa. Combinamos de nos encontrar neste fim de semana, para compensar pelo meu aniversário. Vamos nos sentar no quarto dela e vou contar tudo. Ela vai saber o que devo fazer.

Mamãe não tentou me impedir quando falei que ia até lá. Ela chama Mitzi de *boa influência*. Talvez ache que é disso que eu preciso no momento, considerando meu trabalho estético recente.

“O que você fez?”, perguntou ela quando me viu hoje de manhã, pousando a xícara de café na mesa e balançando a cabeça. “O que está acontecendo com a minha filha?”

“Não sei”, respondi, com sinceridade.

O ônibus segue pelo Northern Boulevard por um tempo, mas, passando a região de Great Neck, logo chego aos bairros arborizados, cada um se fundindo ao seguinte. Há menos gente nas ruas por aqui, menos tipos de gente também. Tudo parece limpo. Estou sentada sozinha nos fundos do ônibus, vendo o mundo lá fora ficar mais tranquilo a cada quilômetro percorrido. Passo por delicatessens e padarias italianas, por sapateiros e lojas de doces. Não consigo deixar de me perguntar se Mitzi se lembra de como é no Queens. Às vezes penso que ela está começando a me esquecer também.

Levo mais tempo do que pensei para chegar (quase duas horas, incluindo a baldeação entre os ônibus), mas encontro o endereço com facilidade. É uma casa pequena, a alguns quarteirões da avenida principal. Uma daquelas construções pequenas como casas de boneca, com telhado pontudo, como se tivesse saído de “João e Maria”.

Por um segundo a sra. Ortega não me reconhece ao abrir a porta. Ela franze a testa, mas logo arregala os olhos.

— Piedad! É você?

E então escancara a porta. A sra. Ortega é uma mulher pequena de cabelo bem preto e olhos cintilantes. Uma versão rechonchuda e mais velha de Mitzi. Ela me esmaga em um abraço.

— Entre, entre! Mitzi esqueceu que você vinha?

Balanço a cabeça em negativa e baixo o capuz do casaco. Dentro da casa está quente, em comparação com a rua. Sinto cheiro de alho e carne assada; os Ortega fazem uma refeição no meio da tarde, todo domingo, por isso eu sabia que Mitzi estaria em casa.

— Não. É surpresa.

— *¿Sí?* Ah, que perfeito! Então você vai comer com a gente. Mas por que não vai encontrá-la, na quadra de basquete? Ela está com Sophia e algumas outras garotas.

— Quem é Sophia?

— A nova amiga de Mitzi — responde a sra. Ortega, com orgulho.

— Elas estão treinando basquete. Os testes para o time do colégio estão chegando.

Meu coração se aperta um pouco, embora a sra. Ortega pareça prestes a explodir de felicidade com a ideia.

— Mitzi não joga basquete — observo.

Ela sempre odiou correr, por causa dos peitos e das piadas sem fim.

— Agora joga. Quem imaginaria? Talvez até entre para o time!

Ela me conduz até a porta da casa e aponta a direção na rua.

— Siga por três quarteirões nessa direção e vire à esquerda. Não tem como errar. Igreja de Santa Ana. Você vai ver as garotas na quadra.

* * *

Sinto os pés pesados enquanto caminho até lá.

Ouço as garotas jogando antes mesmo de vê-las. Estão rindo e grunhindo, falando alguns palavrões aqui e ali. Eu me demoro junto aos arbustos, observando. A Igreja de Santa Ana é uma construção bonita, com alguns prédios escolares contíguos. Ao lado há campos de futebol cercados por uma pista de corrida. Na quadra de basquete há outras cinco garotas. Ao que parece, Mitzi está jogando como armadora; e mal.

— Levanta esses braços, Ortega! — grita uma delas, contornando Mitzi para lançar a bola.

Cesta. As outras comemoram.

— *Ugh!* — faz Mitzi. — Nunca vou conseguir.

— Não diga isso! — retruca uma garota de cabelo cheio. — Temos duas semanas para preparar você. É tempo suficiente.

Ela tem um rosto comum, mas é bonita. Usa o cabelo cacheado preso em um rabo de cavalo e veste uma calça de moletom com uma camiseta esportiva. Parece saída de um anúncio de comida saudável ou de ioga.

Quando elas estão prestes a recomeçar, eu me aproximo.

— Oi.

Mitzi olha para mim por um segundo sem entender, como se não conseguisse me reconhecer. Abaixo o capuz e dou um sorriso.

— Piddy? — pergunta ela.

— Surpresa!

Ela larga a bola e vem correndo até mim.

— Oi! Ah, meu Deus, o que você está fazendo aqui?

Fico me mexendo de um jeito constrangido quando as outras garotas se viram. Ela esqueceu que combinamos de nos encontrar, mas pelo menos parece feliz em me ver ali.

— Nada. Só achei que a gente ia se ver este fim de semana.

Mitzi abre um sorriso largo e me dá um abraço. Em seguida, se vira para as outras.

— Venha conhecer o pessoal. Estas são Heather, Miranda, Chloe, Olive e Sophia. Pessoal, esta é a Piddy.

— Oi — consigo dizer. Nunca vi Mitzi falar com tanta gente ao mesmo tempo. Ela parece uma estranha aos meus olhos. — Basquete, hein?

Mitzi fica vermelha.

— Pois é. — Ela baixa um pouco a voz ao continuar: — Estamos quase acabando, eu acho. Só mais alguns minutos. Estamos treinando para...

— Os testes. Eu sei. Sua mãe me contou.

A frase sai em um tom de acusação, apesar de não ser minha intenção. Olho rapidamente para as amigas de Mitzi. São todas razoavelmente simpáticas, mas sinto que estão tentando saber o que pensar de mim, de minhas roupas. Mitzi observa meu rosto, talvez reparando nas minhas novas sobancelhas. Também reparo algumas coisas nela; os tênis novos, por exemplo, de um branco ofuscante.

Observo os campos de esporte a minha volta.

— Parece um country clube isso aqui, né? Tão bucólico.

Mitzi parece constrangida.

— Pois é.

Sophia, que estava prestando atenção à conversa, se aproxima.

— Vamos comer alguma coisa depois daqui. Você podia ir com a gente, Patty — diz ela, educadamente.

— Piddy — corrijo. Minha grosseria surpreende até a mim mesma, mas não sei nada sobre Sophia e essas garotas, o que por si só já me deixa pouco à vontade. — Não, obrigada.

— Piddy... — começa Mitzi, franzindo um pouco a testa.

— É que a sua mãe me convidou para o almoço — acrescento rapidamente, para suavizar as coisas.

Mitzi se vira para Sophia com um sorriso sem graça.

— Sinto muito, pessoal, tenho que ir comer em casa. Vocês se importam se eu for embora mais cedo?

Sinto os olhares das garotas nas nossas costas durante todo o quarteirão. É como se eu estivesse levando embora o prêmio delas.

* * *

Mitzi e eu passamos uma tarde difícil, e sei que é por culpa minha. Mal toco na comida enquanto a sra. Ortega tagarela sobre o clube disso de Mitzi, o clube daquilo de Mitzi. Quando ela me pergunta como vai a escola, só consigo oferecer um mísero “Vai bem”. O que mais eu poderia dizer?

Mais tarde, quando estamos no quarto dela tomando sorvete, não consigo desabafar sobre o que está acontecendo. A vida dela está indo tão bem aqui que eu me sentiria uma fracassada se contasse sobre Yaqui.

Na hora de ir embora, ela me leva até o ponto de ônibus, as mãos enfiadas nos bolsos. Está quase escuro, mal consigo ver seu rosto, mas mesmo assim sei qual é sua expressão. Os cantos dos seus lábios estão curvados para baixo.

— Você está muito diferente — diz ela.

— Não estou nada.

— Mal falou. Olhou todas as coisas no meu quarto como se fosse um detetive.

— É você quem está diferente. Eu continuo no Queens, não lembra? O mesmo de sempre. — Acabo falando com mais aspereza do que pretendia.

Mitzi para de andar.

— Mas você não é mais a mesma.

— Como assim não sou mais a mesma? Foi *you* quem se mudou para cá e arrumou um monte de amigas metidas, não eu. Faz duas semanas que eu estou tentando falar com você.

— Elas *não* são metidas. E qual é o problema de fazer novos amigos, Piddy? Você queria o quê, que eu ficasse emburrada e de má vontade com a escola nova, que me isolasse?

Olho feio para ela.

— Então eu estou de má vontade? É isso que você acha?

— Estou dizendo que se você desse uma chance a Sophia e às meninas, veria que elas são inteligentes e legais. Não sei se eu posso dizer o mesmo sobre você agora. Qual é o seu problema, afinal? Nem a reconheço mais! — Ela aponta para meu cabelo, para meu rosto. — Você está até com *cara* de má.

Em toda a minha vida, nunca quis magoar Mitzi, mas se eu pudesse dar na cara dela neste momento, eu daria. Felizmente, meu ônibus aparece dobrando a esquina. Faço sinal e saio correndo.

— Não tem nada de errado, Mitzi. Nada. — Estou praticamente gritando. — Está tudo perfeito. Por que você não me esquece e vai aproveitar sua nova vida?

E, com isso, sigo para casa.

Capítulo 22

Eu deveria ter visto que elas estavam de tocaia, mas se esconderam no recuo da entrada de um prédio, de forma que só as vejo quando passo. Foram espertas, tenho que admitir. É sexta-feira. Durante toda a semana, ninguém se meteu comigo. Eu deveria saber que era bom demais para ser verdade.

Quando passo, elas saem do esconderijo e me seguem pelo quarteirão como uma matilha de lobos preparando a caçada.

Acelero o passo para tentar chegar em casa o mais rápido possível, mas lá no fundo sei que é tarde demais. Ouço as risadas delas atrás de mim. Alguém joga uma pedra. Uma voz sussurra:

— Piranha.

Já quase correndo, estou tão perto do meu prédio que consigo ver as pontas murchas das roseiras da sra. Boika. Mas não adianta. De repente, Yaqui vem correndo por trás e me agarra pelo cabelo, puxa minha cabeça para trás até meus pés se embolarem. Vanesa empunha o celular para registrar meu rosto. *Clique, clique, clique.* Alguém puxa meu casaco e o arranca do meu corpo.

Yaqui ataca com fúria, os punhos bem fechados. Sou vários centímetros mais alta que ela, mas nem meu tamanho ajuda. Ela já fez isso antes. Chuto e me contorço, tentando me soltar, mas nada a detém. Ela se joga sobre mim, me derrubando, e esmaga meu rosto na calçada. Depois me dá um chute forte nas costelas, enquanto suas amigas fazem "Ooh" e cobrem a boca para rir.

— Pare! Me solte! — grito.

Luto com toda a minha força, enfiando as unhas nos braços dela, mas estou em uma terra de ninguém agora. Apesar de a Daniel Jones ainda estar em meu campo de visão, me encontro fora do

terreno da escola. Não tem ninguém para me ajudar. Os transeuntes param e apontam para a cena. Só um policial poderia me salvar agora, mas não tem nenhum por perto. A sra. Boika olha por entre as cortinas da cozinha em choque, o medo a impedindo de vir em meu auxílio.

Yaqui me levanta do chão pela barra da camiseta e a puxa para cima, cobrindo meu rosto para me impedir de enxergar. Dou chutes cegos. Luto para manter os braços dentro das mangas da camiseta, as garotas gritando ainda mais alto nessa hora. Ela não vai tirar minha roupa.

De repente o tecido se rasga, e, com um barulho horrível, caio no chão seminua. Corro para o portão do prédio e bato. Minhas mãos tremem demais, eu não conseguiria pegar a chave.

— Abra o portão, sra. Boika! Por favor! — grito.

Yaqui se lança sobre mim mais uma vez. Sinto sua fúria em cada tapa e mordida que levo; é como se estivesse sendo devorada viva. Por fim, ela executa a humilhação final: rasga uma das alças do meu sutiã de renda e puxa a peça dilacerada até minha cintura. Fico encolhida no portão cobrindo os seios com as mãos, só de calça jeans, para todo o Parsons Boulevard ver. Os carros passam mais devagar, os motoristas torcem o pescoço para olhar.

Quando termina, Yaqui enrola minha blusa no pescoço, deixando as pontas caindo pelos ombros como uma toalha. Está sem fôlego, mas radiante. Mechas de cabelo se soltaram e agora esvoaçam ao redor de seu rosto, e ela transpira orgulho dos arranhões sujos de sangue. Está vitoriosa; quase bonita, até.

— Quer isto?

Ela me dá um empurrão final e joga alguma coisa no chão. É meu colar de elefante quebrado, que ela esmaga no chão.

— Fique longe do Alfredo.

E, dizendo isso, sai andando com as amigas em um desfile lento pela rua.

* * *

Lila dá uma olhada no meu rosto e entra, com uma exclamação de susto. Seus dedos ainda estão enrugados de tanto lavar o cabelo das clientes no Salón Corazón. Liguei para lá assim que cheguei em casa.

“É uma emergência!”, gritei ao telefone para Gloria. “Diga para Lila vir aqui agora.”

Ela toma minha mão e me leva direto para o banheiro, sem dizer uma palavra. Depois de afastar a cortina com um puxão, aponta para a beirada da banheira.

— Sente-se.

Estou tremendo da cabeça aos pés, tomada por uma dor que nunca senti antes. Meus machucados estão cheios de pedrinhas incrustadas. Lila limpa meu rosto e as palmas de minhas mãos com um pano ensaboadado, para tentar tirar a sujeira. Começo a chorar mais uma vez.

— *Sh, sh, sh, sh...*

É o som que ela faz de nervosismo, o mesmo ruído de uma panela de pressão. Quando me vira, como uma costureira tirando as medidas de uma modelo, ela observa os pequenos círculos de marcas de dentes em meus ombros, as marcas nas costelas. Para no arranhão rosado que desce pelas minhas costas, traçado pelo gancho do sutiã.

— Tire toda a roupa.

A última vez que alguém me viu nua, eu tinha seis anos. Cubro os seios com as mãos enquanto Lila dissolve um punhado de sais de banho no forte jato d'água que enche a banheira.

— Respire fundo e prenda o ar nos pulmões. Vai arder um pouco, mas só assim vamos conseguir limpar esse desastre — diz ela, me ajudando a entrar.

Eu me agacho na água, os joelhos tocando o peito. É como álcool em um corte. Lila me segura no lugar quando tento sair.

— Espere. Já vai melhorar.

Aperto os olhos com força até cada arranhão começar a ficar dormente. Quando finalmente me acostumo com a dor, Lila se senta

na beirada da banheira e acende um cigarro. No começo, não diz nada.

— Quem foi a *ramera* que fez isso com você? — pergunta ela, por fim. — A que apareceu lá no Corazón?

— Uma amiga dela. Uma garota chamada Yaqui — respondo.

— Yaqui de quê?

— Delgado. Ela é do Bland.

Lila dá uma longa tragada enquanto pensa.

— Você roubou o namorado dela?

— Não!

Ela solta a fumaça lentamente pelas narinas.

— Por favor, não conte para minha mãe — sussurro. — Prometa.

Lila me lança um olhar severo.

— Ficou maluca? *Temos* que contar para a Clara.

Derrubo água pela lateral quando agarro a mão de Lila. Envolver minha mãe nisso me apavora mais do que Yaqui.

— Não! Você não pode contar para ela!

A calça de Lila ficou encharcada, mas ela não se mexe em meio à poça que fiz ao redor dela.

— E como você acha que vai explicar seu rosto, Piddy? — Ela joga a guimba do cigarro no vaso. — Parece que você se jogou na frente de um caminhão em disparada, caso não tenha percebido.

Começo a chorar. Sei que é verdade.

— Você não entende? Minha mãe vai querer ir à minha escola. Vai fazer um *escândalo*, Lila. Na frente de todo mundo. Sabe o que vai acontecer depois? Vou ser arrastada para a sala do diretor com a Yaqui e ser obrigada a apertar a mão dela e pedir desculpas, porque ninguém é expulso da DJ, não importa o que tenha feito.

— Fique aí. Acalme-se...

Estou chorando desesperadamente agora. Minha voz ecoa alto demais nos azulejos.

— Não vou ficar aqui sentada. Não me mande ficar calma! Yaqui só vai me dar uma surra pior da próxima vez, ela ou uma das amigas dela. Juro por Deus, se você contar para a minha mãe, vai estar cavando meu túmulo.

Cambaleio pela lateral da banheira e puxo uma toalha para me cobrir.

— Guardei o seu segredo sobre meus pais. Agora você tem que guardar o meu. Se não, vou odiar você para sempre.

Lila não vem atrás de mim quando saio correndo para o quarto e bato a porta.

* * *

Quando ouço a chave de mamãe na fechadura, estou à mesa da cozinha, as duas mãos em volta de uma caneca de chá para impedir que tremam. Lila fez arroz e abriu uma lata de feijão para mamãe. Puxei as mangas do meu moletom limpo até os punhos para que ela não veja todos os meus machucados.

No começo, mamãe não repara em nada exceto no cheiro de cigarro. Ela balança a cabeça em reprovação quando vê Lila fumando à mesa da cozinha. O cinzeiro está transbordando.

— Meu Deus, quantas vezes tenho que dizer? Piddy é alérgica a fumaça. E você vai ter câncer!

Mamãe sacode a mão no ar para afastar a fumaça, e está prestes a arrancar o cigarro da boca de Lila quando me enxerga direito pela primeira vez. Ela fica pálida e leva a mão ao pescoço.

— Virgem Maria! O que aconteceu com você? — Ela se aproxima de mim com as mãos esticadas. — *iDime qué te pasó!*

Ela tenta tocar minha pálpebra inchada, mas me afasto bem na hora.

— Foi essa escada idiota — digo. — Escorreguei e bati com a cara na ponta do corrimão. Ainda bem que Lila passou aqui depois do trabalho. — Enquanto falo, sinto dor a cada respiração. — Não quebrei nada.

Mamãe olha de mim para Lila.

— Você caiu da escada.

Não é uma pergunta. Mamãe não é burra, e as engrenagens da cabeça dela estão girando. Sinto o cheiro de dúvida. Quase consigo

ver centenas de imagens minhas nas telas de TV da Attronica, meu rosto inchado. Ela vai até a porta e a abre.

— Onde exatamente? — A voz dela transborda pelo corredor, talvez chegando até o apartamento da sra. Boika. — Em que parte da escada você caiu?

— Bati o rosto em algum lugar lá no final. Não dá para fazer um mapa, mãe. Foi muito rápido.

Tomo um gole grande de chá, torcendo pelo fim do interrogatório. Tento não deixá-la ver que estou tremendo.

Mamãe fecha a porta e volta para a cozinha. Ela está a um passo de pegar minha mentira, mas é cautelosa, avançando lentamente sobre o galho frágil em que se equilibra. Quer que eu confesse, que conte o que realmente aconteceu. Mas fico em silêncio. Ela tira o casaco devagar, se vira para Lila e cruza os braços.

— *Imagínate*. Passamos tantos anos naquele prédio antigo, subindo e descendo aquela escada caindo aos pedaços, e olhe só onde minha filha vai cair. Muito estranho, não acha, Lila?

Meu coração se aperta durante o longo silêncio que se segue; não consigo respirar. A fumaça serpenteia acima de nossas cabeças enquanto mamãe espera pela resposta de sua melhor amiga.

Lila apaga o cigarro e se levanta para esquentar a comida.

— É um mundo estranho, Clara. Você sabe disso.

Capítulo 23

Passo o fim de semana inteiro no quarto, me observando no espelho a todo momento. A garota no reflexo é uma pessoa nova. Mitzi me manda duas mensagens de texto para tentar fazer as pazes, mas não respondo. Se ela visse essa garota agora, o que diria? Minhas sobrancelhas estão finas, tortas e cruéis, como as de alguém capaz de matar. Minha pálpebra esquerda está inchada a ponto de só aparecer uma fina abertura, e o branco dos olhos está vermelho como o demônio. O arranhão no queixo faz meu rosto parecer torto. Hematomas apareceram por todo o meu corpo, profundos e negros, mesmo em lugares que ninguém consegue ver.

— Piddy! — chama mamãe.

Piddy morreu, mãe, quero explicar. Já era. Adiós. Imagino a mim mesma como uma daquelas caveiras de Dia dos Mortos, com um sorriso sinistro.

Mas talvez mamãe já saiba, porque, quando chego à cozinha para ver o que ela quer, ela me olha por bastante tempo em um silêncio nem um pouco natural, como se estivesse em um enterro. A preocupação em seus olhos é como soda cáustica na minha pele.

— Está precisando de uma aspirina? — pergunta ela.

— Não.

— Não seja teimosa. — Ela aponta para o galo na minha testa. — Esse *chichón* deve estar dando uma bela dor de cabeça, *niña*. Passe uma pomada, pelo menos. Ou me deixe pressionar uma moeda em cima.

Eu me viro para ir embora.

— Piedad Sanchez — chama ela, com severidade.

— *Que foi?*

Minha voz ressoa alta na cozinha, de uma hora para a outra mais agressiva e mais insolente que a dela.

Mamãe para, olha para os pimentões que está picando, confusa com esta sua nova filha. Por fim, suspira e aponta com a faca para o saco de lixo.

— Leve para fora. Amanhã é dia de lixo. E segure no corrimão!

* * *

Hesito no portão do prédio, observando a rua quieta. O medo é meu novo melhor amigo. Ele está sempre por perto, em um silêncio gelado. A ideia de ir até os fundos do prédio, onde ficam as lixeiras, faz meu coração disparar. Qualquer um pode estar escondido nas árvores ali perto. Yaqui, Vanesa, qualquer um. Mesmo quando fecho os olhos para me acalmar, ainda vejo Yaqui e suas amigas. Quase chego a sentir seu hálito no meu pescoço. Ser assombrada por espíritos é exatamente assim, tenho certeza.

Justo quando estou reunindo coragem, algo se mexe no jardim da frente, me fazendo dar um pulo de susto. Mas é só a sra. Boika, inclinada sobre suas roseiras idiotas, envolvendo os galhos com aniagem para o inverno. Uma planta, ela pode proteger. Uma vizinha sendo espancada como um cachorro? Esqueça. Ela se empertiga e olha para mim por entre os galhos cheios de espinhos. Eu me recuso a desviar o olhar e sorrir. Em vez disso, deixo que ela tenha uma boa visão do que deixou acontecer. *Odeio você, sra. Boika*, digo a ela com meus olhos demoníacos. *Volte para os seus espinhos.*

Finalmente me obrigo a andar. Sigo para os fundos da casa, andando mais rápido conforme me afasto do portão. Em pânico, jogo o saco na direção das latas de lixo fechadas. Algum animal provavelmente vai sujar tudo ali e mamãe vai ter um ataque, mas não me importo; é o melhor que posso fazer. Volto correndo para o portão, desesperada para entrar. Gotículas de suor cobrem a pele acima do meu lábio superior. De repente, reparo em uma coisa na calçada.

É verde-claro e pequeno — meu elefante de jade, ou pelo menos o que sobrou dele. A correntinha sumiu e a tromba está quebrada. Um dos lados ficou arranhado e perdeu a cor sob o pé de Yaqui. Ao ver meu pingente estragado, sinto a fúria brotar novamente. Bem que eu queria ter esmagado Yaqui debaixo de uma pata de elefante e tê-la largado na rua sem blusa. Meus olhos se enchem de lágrimas quando me abaixo para pegar o pingente.

— Piddy?

Eu me encolho de susto ao ouvir a voz. Quando levanto o rosto, vejo Darlene. Deve ter vindo cobrar de novo minha dívida. Ignorei meu celular durante toda a manhã. Não estou atendendo nenhuma ligação. Nem as de Darlene, nem as de Lila. Apaguei todas as mensagens assim que chegaram. Mas, pelo visto, Darlene não se toca. Ela tira os fones de ouvido e me olha em choque. Tento afastar o rosto e me esconder, mas não adianta.

— Cacete — sussurra ela.

Pego meu pingente do chão e me levanto, tentando agir com naturalidade enquanto ela faz um inventário detalhado dos danos que sofri. Meus machucados parecem ainda piores sob o olhar estupefato dela.

— Não posso ajudar com o seu dever hoje — digo. — Estou ocupada.

— Não foi por isso que eu vim. Não acreditei, mas vi...

— Vá embora, Darlene. — Eu me viro para o portão, mas então penso melhor. — O que você viu?

Como resposta, ela procura o celular na bolsa. Quando encontra, mexe rapidamente no aparelho e vira a tela para mim. Um arrepio de medo sobe pela minha espinha.

Um vídeo com imagens granuladas começa a rodar. Um grupo de garotas grita em volta de outra. Sou eu, claro, ou pelo menos a antiga eu. Meu estômago se contrai enquanto vejo a briga acontecer toda de novo. A câmera capta um tapa após o outro, minha blusa sendo rasgada, minhas mãos quando tento me cobrir.

Darlene para o vídeo na hora em que a Piddy na tela está esmurrando o portão, nua da cintura para cima.

Fecho os olhos e apoio a cabeça no muro do prédio. Estou arruinada.

— Setecentos e quatro cliques até agora — diz ela. — Quer dizer, visualizações. Sinto muito, Piddy.

Capítulo 24

Segunda-feira.

Vejo o sol subir por entre os prédios e árvores da calçada enquanto penso na escola. Não tem como disfarçar o que aconteceu, nenhuma maquiagem seria capaz de esconder o que o pessoal da escola já sabe.

Yaqui Delgado quebrou a minha cara.

Quantas pessoas já viram o vídeo?, eu me pergunto. Quando olhei ontem à noite, já havia comentários postados, a maioria sobre meu “belo rabo”. Um garoto me chamou de puta. Aperto bem os olhos para não voltar a chorar. Eu me imagino entrando na DJ. Todo mundo vai ficar cochichando, debochando de mim ou sentindo pena. Talvez até me batam também, já que obviamente sou um alvo fácil.

Mamãe começa a perambular pelo apartamento, se arrumando. Ouço a água do chuveiro correndo pelos canos. Pouco depois, ela acende a luz do corredor e abre a porta do meu quarto. Seu cabelo ainda está molhado e ela exala um cheiro enjoativo de hidratante de amêndoas. Fico deitada imóvel como um cadáver e aperto o pingente de elefante na mão até machucar. Finalmente, ela balança minha perna para me acordar.

— Hora de ir para a escola — sussurra ela.

Apertando os olhos por causa da luz, eu me sento na cama lentamente. Tudo dói. A ferida no meu cotovelo se abre.

— Você estava tão agitada esta noite — diz mamãe. — Até falou dormindo.

— Foram só sonhos.

Mas uma coisa é certa.

Eu *não* vou voltar à DJ. Nunca mais.

* * *

— Você pode me ajudar ou não?

Estou à janela do quarto de Joey, um velho recurso que usávamos quando éramos crianças. Eu tinha muito medo de o pai dele aparecer à porta com seu rosto avermelhado. E a mãe de Joey, tão triste e quieta, me lembrava um fantasma. Jogar pedrinhas no vidro era nosso sinal de que eu estava lá fora, pronta para brincar.

Sei que é loucura estar aqui, onde Lila pode me ver, mas estou contando com o fato de que o Salón Corazón abre ao meio-dia às segundas-feiras e que, se puder, ela nunca acorda antes das nove.

Além do mais, Joey é minha única esperança. Ele é especialista em matar aula por dias e dias seguidos sem que ninguém encha seu saco — exatamente o que pretendo fazer. Ninguém nem se dá mais ao trabalho de relatar as faltas aos pais dele. “Eles ficam felizes quando eu não apareço”, ele se gabou uma vez. Talvez me faça companhia.

Ainda sonolento, ele passa os dedos pela cabeça raspada, o cabelo louro só começando a crescer. Vejo que está com olheiras quase tão feias quanto as minhas. Provavelmente mais uma noite de briga entre os pais dele.

Joey dá uma boa olhada no meu rosto e inclina a cabeça.

— Quem fez esse estrago? — pergunta ele.

Desvio o olhar, pensando em todas as vezes que vi Joey coberto de machucados e nunca perguntei nada. Quantas vezes a mãe dele esperou na escada do prédio, tremendo e com os olhos vermelhos? Eu disse oi e passei direto, cuidando da minha própria vida todas as vezes.

— Esquece — digo.

— Espere.

Alguns minutos depois, Joey me encontra atrás do prédio. Ele pega do bolso uma lata de comida de gato, a abre e desce até o

porão. Um segundo depois ele volta, joga a lata fora e estala os dedos.

— Você gosta da cidade? — pergunta Joey.

* * *

O metrô cheira a poeira e mijó. Joey parece não se importar, nem com o fedor nem com o frio. O ar no subterrâneo está tão gelado que faz meu nariz escorrer e minhas bochechas inchadas ficarem rígidas. Dois garotinhos olham para meu rosto machucado por trás das pernas da babá; Joey acha isso hilário.

— Eu sempre soube que você era esquisita, Sapo — diz ele enquanto me conduz até o fim da plataforma.

Ratos correm pelos trilhos. Seiscentos volts sob suas patas sujas e mesmo assim eles parecem nem se preocupar.

— Talvez a gente veja um deles fritar — diz Joey, esperançoso. — Podemos levar churrasco para os gatinhos.

— Não seja nojentó. — Eu observo por um minuto e me lembro de algo que o professor de ciências nos contou no oitavo ano. — Além do mais, não vai rolar. Os corpos deles são pequenos demais para tocar o trilho e o chão ao mesmo tempo. É preciso um circuito fechado.

— Valeu, professora.

A plataforma vai enchendo e logo estamos espremidos. Joey exala um leve cheiro de sabonete, e estou tão cansada que fecho os olhos e apoio a cabeça em seu peito. Ele não me afasta. Na verdade, até me esquentá. No mínimo, estar com ele me ajuda a evitar homens estranhos com dificuldade para controlar o olhar. É preciso cuidar da própria bunda no metrô. Lila já me contou cada história...

Os trens estão lentos esta manhã, deixando as pessoas cada vez mais irritadas. Elas suspiram e andam de um lado para o outro, algumas balançam a cabeça, entediadas. A plataforma está lotada até as extremidades, e, naturalmente, não demora muito para que alguém engrosse.

— Tira essa sua mochila suja de cima de mim, cara!

Um homem alto na beira da plataforma faz cara feia para alguém às suas costas. As pontas dos seus sapatos estão sobre a linha amarela. Prendo a respiração, me perguntando o que vai acontecer. O homem que ele insultou não parece do tipo que foge de uma briga. Um empurrão errado e alguém já era. Joey pode acabar assistindo a um show maior do que esperava.

Por sorte, a plataforma começa a estremecer e os faróis do trem expresso chamam a atenção de todo mundo. Quando a composição para na estação, a multidão começa a empurrar na direção das portas, sem nem esperar quem está lá dentro sair. Estou prestes a me juntar à horda quando Joey passa o braço pela minha cintura e me segura. O toque dele atinge um ponto sensível perto das minhas costelas. Fico sem ar.

— Vamos esperar o próximo — diz ele no meu ouvido, e sinto um calafrio.

Os dedos dele provocam uma dor estranhamente agradável nos meus machucados enquanto espero.

O trem parador chega alguns minutos depois, bem mais vazio. Conseguimos sentar na extremidade, onde somos só nós dois, nossas pernas se tocando.

Não falamos quase nada enquanto o trem segue sacolejando e guinchando, deixando o Queens para trás. Meu rosto está tão feio que não quero Joey me encarando, mas sinto seu olhar constante mesmo assim. Eu me concentro nas botas dele, estação após estação.

O trem começa a descer para o subterrâneo que permite atravessar o rio East. Tudo fica mais e mais escuro conforme avançamos. De repente, Joey se levanta.

— Aonde você vai? — pergunto.

Ele abre a porta traseira do vagão, exatamente como o aviso alerta para não fazer. Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, ele coloca os pés na pequena plataforma de metal do vagão, um em cada, equilibrando-se sobre o vão que se abre abaixo. Então estende uma das mãos. Uma de suas tatuagens está um pouco inchada, infeccionada.

— Vamos seguir viagem aqui — diz Joey.

Sei que é uma estupidez, mas, a essa altura, o que *não* é estupidez? Saio com cuidado e me posiciono diante dele. Quando o trem dá uma guinada repentina, a porta se fecha bruscamente como uma guilhotina, nos deixando do lado de fora na escuridão. O trem ganha velocidade, e logo estamos disparando como um raio através da escuridão, fagulhas voando das rodas. Eu me seguro com toda a força, mas relaxo a cintura para que oscile ao movimento, em um chá-chá-chá próprio.

Estamos só nós dois aqui fora, no escuro, e o som é ensurdecedor. O ar passa cortante por nós, enchendo minha boca e meu nariz de fuligem e sujeira, e a cada poucos segundos uma luz do túnel nos ilumina, como se estivéssemos sob uma luz estroboscópica. Mesmo no escuro vejo que Joey não está se segurando. Ele ri; ri do meu medo quando finge perder o equilíbrio.

— Solte! — grita ele quando o trem começa a traçar uma curva.

Minhas mãos estão suadas, mas não posso dar a ele a satisfação de me assustar, mesmo quando o trem se inclina e as rodas chiam na curva. Um monte de adolescentes faz isso todo dia, digo a mim mesma. Já ouvi falar de alguns que até andam em cima do trem como o Homem-Aranha, invencíveis. Afrouxo um pouco os dedos e faço o que posso para não cair nos trilhos.

Parece uma eternidade, mas finalmente chegamos à estação. Meu cabelo está desgrenhado por causa do vento e meu coração está acelerado, mas, quando paramos, Joey se inclina na minha direção e passa o dedos sobre meu lábio inchado. Com os olhos abertos e fixos nos meus, ele me beija.

Quando o trem volta a mergulhar na luz do dia, ainda estou sem fôlego de medo e de algo que parece amor.

Capítulo 25

Onde foi parar o dia? Tudo é uma confusão. Era um tumulto de gente indo para o trabalho, seguindo em todas as direções, e nós tínhamos que andar rápido, apesar de não termos nenhum compromisso. Era como se fôssemos sem-teto, com um milhão de lugares aonde ir e nenhum onde nos sentíssemos em casa. Em minha cabeça ainda ecoam os sons de táxis e bicicletas, as luzes dos outdoors a piscar; a vitrine escura da entrada do Madame Tussauds, onde não podíamos entrar pois não tínhamos os trinta e seis dólares do ingresso; um pretzel nos degraus da biblioteca pública, como eu fazia com Mitzi; todas as crianças de pré-escola de Manhattan na Toys "R" Us enquanto perambulávamos pelos corredores da loja.

— Matei você — disse Joey, fingindo atirar em mim com a arma verde e amarela que ele montou na mesa de LEGO.

Não me importo. Ao longo dos anos, ele me matou com todos os tipos de coisas: galhos, dedos, rolos de papel higiênico vazios. Já me acostumei.

São duas e meia quando voltamos, com fome e frio. Minha mãe vai ligar daqui a pouco para saber como foi meu dia. *Bom, vou dizer. Sem problemas. Sim, me sinto bem melhor.*

Procuro a chave enquanto Joey espera e rói as unhas. Pela primeira vez a sra. Boika não está por perto. Abro a porta e me viro para agradecer a Joey e me despedir, mas ele entra. Mamãe morreria se visse isso. Ou melhor, eu é que morreria.

— Você não pode subir — digo.

— Por que não?

— Minha mãe me mataria.

— Ela não vai saber.

Minha hesitação permite que ele veja a escada. Seus olhos estão cinzentos nesta luz, suas faces, vermelhas. Ele está, percebo neste momento, tão lindo quanto eu estou feia.

— É cedo demais para ir para casa, Sapo — diz Joey.

Em seguida dá um daqueles seus sorrisos loucos e sobe sem dizer nada.

* * *

Joey nunca entrou no nosso antigo apartamento, e nunca tive permissão de entrar no dele. Mamãe declarou a casa dele território proibido na primeira vez que ouvimos o sr. Halper dar uma surra na esposa. Sem palavras, só o rugido da voz dele, com os ganidos dela de *Pare, Frank!*

“Nenhum homem vai botar as mãos em você assim, entendeu?”, sussurrava mamãe cada vez que eles começavam.

Por fim, ela disse que eu e Joey tínhamos que ser amigos “de rua”, ponto, nada de ir na casa um do outro, e mesmo assim não gostava de nos ver juntos. “Tal pai, tal filho”, dizia ela.

Não sei que tipo de amigos eu e Joey somos agora. Sinto-me como um dos passageiros do metrô de hoje de manhã, olhando para o túnel escuro sem saber o que vem nem quando.

Não posso dizer que me incomodo com sua presença, embora ele pareça esquisito entre as nossas coisas, como algo estranho e errado no ambiente. Ele bisbilhota com cuidado, da mesma forma que um cachorro resgatado sairia farejando sua nova casa, avaliando se pode confiar no ambiente.

Então ele vê o piano.

— Você toca?

Ele abre o teclado e começa a tocar sua versão de “O bife”.

— Não — digo. — *Shhh!* A vizinha de baixo vai ouvir.

Ele passa os dedos pelas teclas mais graves em protesto, antes de eu fechar o piano nos seus dedos tatuados.

Vou até a cozinha e coloco água no fogo para fazer um chá. Quando volto, encontro-o no sofá, brincando com meu celular.

— Você recebeu uma mensagem, Sapo.

Ele coloca os pés sobre uma das caixas que usamos como mesa de centro. É então que percebo que ele não está falando do meu celular, mas do telefone fixo. Está piscando, o identificador de chamadas dizendo: DANIEL JONES HIGH SCHOOL. Um cansaço toma conta de mim. As mentiras que vou ter que contar. O plano que não existe para o que vai acontecer amanhã ou depois.

Joey segue meu olhar até a secretária eletrônica. Por um segundo nenhum de nós dois se mexe.

— Observe — diz ele.

Respiro fundo quando ele aperta APAGAR para fazer as palavras desaparecerem.

Então ele se levanta e pega minha mão.

— Onde é o seu quarto?

* * *

Não arrumei a cama. Os lençóis estão com manchas de sangue e ainda fedem a pomada. O chão está coberto de calças jeans sujas e sutiãs suados. Joey se senta na beira da cama e sorri.

Fecho os olhos quando ele me puxa para perto. Ou talvez não seja eu, mas essa nova garota com a cara arrebitada e a boca cheia de mentiras. Dentro da minha cabeça ouço minha mãe falando sobre decência. As palavras de Lila também dançam em meu pensamento. *Não é brincadeira.* Mas Joey sabe como é ter que criar uma couraça para se proteger de socos. Quem mais pode me manter longe de Yaqui, ao menos por hoje?

Ele me deita na cama e sobe em cima de mim. Digo a mim mesma que estou pronta para qualquer coisa, que esse nó na garganta não é nada. Imagino a mim mesma de cabelo bem preso e sobrancelhas finas.

Ele toma meu rosto nas mãos e beija cada pálpebra, minha boca ferida. Então fecha os olhos e passa os dedos por baixo da minha blusa. Seu toque faz a pele do meu braço se arrepiar. Não o impeço de abrir os botões da minha blusa nem o fecho do sutiã. No momento seguinte, meus ombros machucados estão nus. Mantenho as mãos ao lado do corpo, assustada e cansada demais para me mexer enquanto os lábios dele roçam minha pele acima dos seios. Quando ele acaricia minhas costas, não consigo evitar uma careta de dor.

Joey abre os olhos.

— O que foi? — pergunta ele.

Seu rosto assume um ar sombrio quando minha blusa cai e ele vê tudo que aconteceu com meu corpo. Estou coberta de manchas roxas e verdes, minhas tatuagens são ferimentos já formando cascas. Tenho inchaços e caroços onde não deveria.

O canto do olho dele treme e sua boca se curva para baixo enquanto ele me examina. Depois de um longo minuto, ele circula com o dedo as marcas de mordida nos meus ombros e no peito, percorrendo-as como se estivesse seguindo um mapa para um lugar que não quer encontrar. Joey está pálido. Por um segundo posso jurar que vai vomitar.

Fico envergonhada sob seu olhar. Lágrimas me vêm aos olhos, mas fecho-os com força, desejando-o em cima de mim de novo, pressionando o corpo contra o meu. Eu me pergunto o que vai acontecer, como vai ser a sensação de tê-lo dentro de mim. Não vai haver volta, mas quem se importa? Sou quase uma mulher, certo? Talvez eu ria alegremente disso, como as mulheres no Salón Corazón. Vou falar sobre o assunto como se não fosse Nada de Mais. *Lágrimas são uma bobagem, coisa de criancinha*, digo a mim mesma.

Mas Joey se ergue e se senta na beirada da cama. Ele une as mãos e olha para um ponto no chão enquanto pensa.

— Não pare — digo, desesperada para que ele me ajude a me sentir melhor. — Por favor.

Mas Joey se levanta devagar e me cobre com o lençol. Começo a chorar intensamente, humilhada.

— Desculpe — digo sem pensar.

Minhas palavras são como um tapa forte que faz o rosto dele se contorcer. Joey agora sente repulsa por mim.

— Não diga isso — diz ele, os olhos pegando fogo. — Nunca.

Ele me entrega minha blusa e vai embora.

Capítulo 26

Ligo para Darlene e imploro para que ela registre minha falta como justificada.

— Não posso ir à escola assim. Tenha compaixão — peço. — Por favor.

— Vai custar alguns deveres de física — diz ela. — Um monte.

Concordo; fazer o dever dela não me parece nada de mais agora, embora eu tenha faltado e não faça a menor ideia do que estão dando em aula.

Mais tarde, depois que mamãe sai, pego um ônibus até a nova escola de Mitzi, para ver se consigo encontrá-la no almoço. Cubro a cabeça com o capuz e tento ignorar os olhares das pessoas. Preciso tanto ver Mitzi e tentar contar a ela o que aconteceu, mesmo sem saber se ela vai querer falar comigo. Muito tempo atrás, fizemos a promessa de sermos nossas confidentes quando tivéssemos nossa primeira vez com um garoto. Contamos uma à outra sobre nossa primeira menstruação antes de contar a qualquer outra pessoa. Contamos sobre os garotos de quem gostávamos. Sem dúvida, contaríamos sobre a primeira vez. O que nunca imaginei é que seria assim. Comigo tão maltratada e feia que nem o pior garoto que ela conhece me quis.

O que Mitzi vai pensar sobre mim e Joey? Sempre sobrava para ela a tarefa de acompanhá-lo até a sala do diretor todos os dias. Mitzi reclamava que ele cheirava a cebola.

Fico esperando perto dos arbustos quando chego. Está quase na hora do almoço, e algumas das garotas se espalham em mesas de piquenique do lado de fora, apesar do frio. Elas usam suéteres azul-marinho de manga comprida por cima das saias xadrez. Há algo de

doce no som de garotas conversando e rindo que nunca reparei antes. É como sinos de vento. Mitzi está sentada com Sophia — a normal, penteada e sorridente Sophia —, cercada pelas outras amigas. É claro que Mitzi ia simpatizar com Sophia. Ela é a própria luz do Sol. Daqui posso sentir o calor que ela emana. Fico observando o grupo por bastante tempo, tentando imaginar como me aproximar. No final, vejo que não tem jeito. Mitzi está aqui agora, muito longe de onde a conheci. Ela nem conseguiria imaginar uma Yaqui ou um lugar como a DJ. Para ela, a pior parte do dia é uma prova difícil.

Por fim, o sinal toca e todas elas entram. Penso em Mitzi e Sophia enquanto volto para casa, a luminosidade das duas queimando um buraco dentro de mim.

* * *

Na quarta-feira, quase me dou mal. Eu me visto e vou até a casa de Darlene para lhe entregar meu dever de casa antes da aula. Estou esperando ao lado do interfone quando alguém abre a porta e chama meu nome.

— Piddy? Que surpresa!

É uma das clientes de Lila, Maria Estela. Eu mesma embalei os produtos da Avon que ela encomendou, mas nunca soube que ela morava para esses lados. Que ótimo, a grande rede da Avon se voltando contra mim.

— Não se lembra de mim, da festa? Sou amiga da Lila.

Engulo em seco.

— Lembro, sim. Oi.

— O que traz você ao meu prédio?

Vejo que ela está observando o que sobrou do meu olho roxo.

Engulo em seco quando vejo Darlene vindo pelo corredor na nossa direção.

— Minha amiga mora aqui. Vim encontrá-la para irmos andando juntas até a escola.

Darlene abre a porta na hora em que Maria Estela está ajeitando o cachecol para seguir seu caminho.

— Ah. Bem, foi bom ver você. Tenha um bom dia de aula. — Ela se vira antes de sair. — Ah, e diga a Lila que estou adorando a máscara firmadora.

Prometo a ela que vou dizer.

— Trouxe? — pergunta Darlene assim que Maria Estela se afasta um pouco.

— Aqui.

Entrego na mão dela as respostas do dever de física e volto para casa.

À noite, quando Lila me liga para perguntar como foi a escola, prendo a respiração, só esperando ser desmascarada. O prédio de Darlene fica bem depois da DJ, não faz sentido que eu tivesse ido até lá para me encontrar uma amiga e irmos juntas até a escola.

— Mais algum problema? — pergunta ela.

— Não, tudo bem. Elas me deixaram em paz.

Há uma longa pausa.

— Descobri uma coisa hoje.

Ah, não. Aí vem. Fico enjoada, o mesmo enjoo que sinto em elevadores.

— Os Halper talvez sejam despejados — diz Lila.

— O quê?

— É o que está todo mundo do prédio dizendo. Faz seis meses que eles não pagam o aluguel, de acordo com a viúva do 201. O síndico colocou um aviso na porta deles.

— Mas para onde eles vão? — pergunto, sentindo o estômago despencar de novo.

— E eu que sei? Mas, a essa altura, vai ser bom me livrar daquele lixo de gente. Tem uma carga muito ruim naquela casa! Tenho pesadelos com os gritos daquela mulher. Não aguento mais.

— Joey não é lixo — digo, e desligo.

* * *

Darlene passa lá em casa depois da aula. Ela tem uma expressão preocupada e suas mãos estão tremendo.

— Por pouco não me ferrei hoje, graças a você — diz ela. — A sra. Gregory, da orientação, quase me pegou fingindo falar com a sua mãe quando puxou a linha sem querer. — Ela joga a cabeça para trás e empertiga os ombros. — Não vou mais ajudar você. Não vou arriscar mais nada por você. Além do mais, você está ficando ruim nos deveres. Tinha duas questões erradas nas respostas de hoje. Amanhã você tem que aparecer na escola com um atestado médico ou *alguma coisa*.

— Você não pode dizer que morreu algum parente meu? — insisto.

Sinto como se em parte fosse verdade, embora seja uma mentira deslavada.

— É mesmo? — diz ela, sem paciência. — Quem morreu?

— Isso é particular.

— Aham. — Ela olha em volta, avaliando cada móvel gasto, a decoração em que nada combina com nada, provavelmente para poder comentar com quem quiser ouvir. — Olhe, eu estou mentindo dizendo que falei com o seu responsável, mas você não vai à escola há, tipo, *dias*. Não posso continuar encobrendo as suas faltas. Você faz ideia de como posso me encrencar por causa disso? Céus. E acho que você não vai nem conseguir passar de ano com tantas faltas. Existem *regras*, sabe?

— Não estou por aí cometendo crimes, Darlene. — Faço um gesto com os braços, indicando o apartamento que me cerca. — Isso aqui por acaso parece um antro de drogas?

— Como eu vou saber? — Ela funga. — Poderia ser. Mas pense só: você vai ser colocada nas turmas dos burros se não correr atrás do prejuízo. No mínimo, não vai ser nem ser considerada para a McCleary. Você precisa de recomendações para ser aceita, sabe?

Firmo o maxilar e minto:

— Não estou nem aí.

— Você que sabe — diz ela. — Vire uma fracassada. Mas não diga que não avisei. Se não aparecer amanhã com um atestado, vai ter

que se virar sozinha.

— Ok — respondo, sem disfarçar a raiva na voz. — Amanhã eu vou.

Há uma longa pausa antes de ela responder:

— Escute, me sinto mal por você, Piddy, de verdade. Quem iria querer ir à escola toda machucada e tal? Mas, depois de hoje, *chega*.

Ela vai embora antes que eu consiga me despedir.

* * *

Nunca tive sorte, embora eu me esforce, pode acreditar. Não passo por baixo de escadas e nunca tive um gato preto (na verdade, é mais porque mamãe diz que não temos dinheiro para sustentar um bicho). Todo verão Mitzi e eu procurávamos trevos de quatro folhas no parque Kissena, mas eu sempre voltava de mãos vazias. Uma vez até implorei para minha mãe comprar uma pata de coelho para mim.

“Um pedaço seco do corpo de um coelho? *Niña*, não seja boba.” Em vez disso, ela comprou para mim um *ojo de Santa Lucia* em uma loja em Elmhurst e prendeu aquele olhinho preto na minha blusa. “Todo mundo sabe que *isso* é que funciona de verdade.”

Mas, no final, nem o amuleto de mamãe ajuda. Como se eu já não estivesse bastante azarada ultimamente, não só Darlene falta na sexta por estar passando mal como a sra. Gregory, ao ser alertada de minha quinta falta seguida, liga para o trabalho de minha mãe. E o pior: ela fala um espanhol perfeito.

São dez e meia da manhã e estou no sofá, enrolada em um cobertor, vendo um programa sobre maridos que tem um caso com a melhor amiga da esposa, quando ouço minha mãe colocando a chave na fechadura. Ela entra como uma louca e joga as mãos para o alto, enojada.

— É melhor você ter uma boa explicação!

Falta apenas uma semana para o Dia de Ação de Graças, o começo da temporada enlouquecida. Mamãe ainda está com a capa

de chuva da Attronica reservada à área de carga e descarga, onde os funcionários passam caixas como bombeiros de antigamente passando baldes de mão em mão para apagar um incêndio. Através da capa de plástico vejo que ela está usando a cinta lombar, sua única defesa contra a dor nas costas da qual reclama à noite. Seu cabelo está úmido e cheio de frizz. É a estoquista louca.

— Ligaram da escola, Piedad! — grita ela quando não respondo.
— Você não tem ido à aula. Por quê?

Não consigo nem pensar em como responder, de tão longa que é a lista dos motivos.

— Estou passando mal — digo por fim.

Mamãe arranca o cobertor de cima de mim.

— Estou cheia de trabalho na Attronica, Piddy. Tive que bater o ponto para vir aqui, e não tem ninguém para me substituir. Não tenho tempo para brincadeiras. Por que você não está na escola?

Olho para ela com raiva.

— Não estou de brincadeira.

Mamãe me segura pelo braço quando me levanto para ir para o quarto.

— Disseram que você faltou a semana toda. O que você anda fazendo, hein? — Ela olha para o ponto do meu pescoço onde estava a marca do chupão, e sua voz vira um rosnado. — É esse garoto de novo? Quem é ele? Você o trouxe aqui para casa? É isso que você fica fazendo em vez de ir para a escola?

— Não!

— Essas roupas novas — continua ela. — Esse seu jeito diferente. Você está agindo como uma...

Minha raiva explode e não me contendo mais:

— Como uma o quê? Uma vagabunda? Deus me livre! É só isso que importa para você, não é? O seu problema é que você só fala merda.

Mamãe olha para mim com uma expressão chocada. Nunca disse um palavrão para ela.

— Não fale assim comigo.

— E daí se eu tiver trazido um garoto aqui? — continuo. — Quem é você para dizer alguma coisa? Até parece que é uma santa. —

Minha voz vai ficando aguda enquanto mamãe permanece parada ali, chocada e indefesa contra tudo que sei. — Isso mesmo! As pessoas falam, mãe. Eu descobri que meu pai era casado. Que legal, hein? Muito obrigada por nunca ter me contado que você teve um caso!

— Quem contou isso para você?

— Não importa. É tudo verdade, e parece que todo mundo sabe menos eu. Quem é você para me julgar? A verdade é que você é uma *chusma*, mãe.

Em toda a minha vida, mamãe nunca me bateu, mas agora sua mão atinge meu rosto com força. Fico tão enfurecida que dou um empurrão nela sem nem pensar no que estou fazendo.

— Não toque em mim! — grito.

Os olhos de mamãe estão enfurecidos, seu rosto de um vermelho vivo.

— Que tipo de demônio você está se tornando? — pergunta ela.

Pego meu casaco e saio no meio da tempestade que cai.

— Volte aqui! Aonde você vai?

Corro pela rua sem pensar, as palavras dela me perseguindo como maus espíritos. *Aonde você vai? Aonde você vai?* Por mais rápido que eu corra, a voz dela está lá nos meus ouvidos.

Capítulo 27

A escuridão do metrô me faz bem, apesar de as pessoas desviarem o olhar ou até recuarem um pouco quando passo. Como deve estar minha aparência, toda surrada e encharcada? Estão mantendo distância de mim, imagino, uma maluca em potencial. Talvez mamãe tenha razão, no fim das contas. Sou algum tipo de demônio, um dos monstros da sra. Shepherd, como o Minotauro vagando por meu labirinto.

Passo o dia inteiro descendo em estações das quais nunca ouvi falar e trocando de linha. Sigo para o norte pelo Bronx e volto até o Brooklyn, olhando para meu reflexo nas janelas enquanto o trem percorre velozmente os túneis. Encaro com ferocidade os homens que ficam conferindo meus atributos, troco de trem quando um cara de dentes quebrados começa a se tocar por dentro da roupa. Saio na Grand Central. Perambulo diante das lojas, músicas vagando pelas calçadas por toda a tarde. Um violoncelo. Um trompete esganiçado. Uma bateria de baldes de tinta. Mais tarde, quando a estação se enche de gente voltando do trabalho, viajo espremida contra estranhos e me pergunto se Joey também está matando aula, se está em algum lugar deste labirinto comigo, seguindo sozinho para lugar nenhum enquanto o mundo escurece. Será que ele vai morar aqui como um rato de trilhos quando não tiver mais para onde ir?, eu me pergunto.

Mamãe me liga o dia todo, mas me recuso a ouvir suas mensagens. Depois de um tempo, simplesmente desligo o celular.

Quando finalmente desço na estação perto de casa, já passa das dez da noite. Nunca fiquei até tão tarde fora de casa sem dizer a

mamãe aonde tinha ido. *Foi merecido*, digo a mim mesma, para me sentir menos mal. Até parece que ela nunca escondeu nada de mim.

A temperatura caiu. Estou gelada até os ossos, mas vou para casa a pé. Sigo em frente sem me importar em desviar das poças, as mãos enfiadas bem fundo nos bolsos do casaco. Longas fileiras de prédios residenciais, separados por becos, lançam nas sombras as ruas secundárias. Cruzo com uma ou duas pessoas, mas fora isso está tudo deserto à medida que me distancio dos pontos de ônibus e das lojas fechadas. Então me dou conta de que, se eu fosse na outra direção, seriam poucos quarteirões até onde Yaqui mora. Se eu quisesse, poderia ir até o prédio dela agora, me esconder no recuo da entrada e atacá-la, como ela fez comigo. Sou um ser bruto agora, um demônio, afinal.

Vozes masculinas pairam nas ruas vindas de algum lugar próximo; risadas, alguns palavrões. Mas meus olhos estão fixos à frente. A antiga Piddy talvez tivesse medo, como mamãe a ensinou. Mas não me importo agora. *Me ataquem, se quiserem. Desapareçam comigo. Façam minha cara ser estampada nos cartazes de DESAPARECIDO. Quem se importa?*

Quando vou atravessar a rua, vejo um carro de polícia na esquina. Nem avancei muito quando ouço a porta se abrir.

— Ei.

Eu me viro no momento em que uma onda de luzes vermelhas e azuis enche a rua. A lâmpada no alto gira silenciosamente como um globo de discoteca.

— Piddy Sanchez?

As vozes na rua se calam quando um dos policiais se aproxima de mim em meio às luzes. Só quando ele está bem na minha frente é que o reconheço: é Raúl.

— Achei que fosse você.

Ele abre um sorriso simpático, mas não retribuo. O frio transformou meus pensamentos em uma gosma densa. Esta é a área dele, lembro.

Raúl faz sinal para a parceira, que ficou no carro, depois se aproxima mais um passo e baixa a voz:

— Você está bem, Piddy?

Estou confusa, congelando. Meus dentes batem.

— Sim — respondo.

Raúl assente, como se estivéssemos tendo uma conversa agradável. A parceira dele está esperando no carro, ouvindo os estalos do rádio da polícia; ela informa à central sua localização.

— Sabe o que é? — diz ele. — É que está tarde, e tem algumas pessoas preocupadas com você.

Então mamãe mandou a cavalaria atrás de mim.

— Não precisa se preocupar. Viu? Eu estou bem.

Mas meus lábios tremem.

— Espere.

Ele vai até a viatura, pega um cobertor azul no porta-malas e o entrega para mim quando se aproxima de novo.

— Está frio — diz ele. — E você está longe de casa. Que tal uma carona?

Não pego o cobertor. Apenas balanço a cabeça em negativa e me viro para ir embora.

— Obrigada, mas não estou indo para casa.

O rosto de Raúl está sério quando ele bloqueia meu caminho. De repente me dou conta do tamanho dele, do distintivo, da arma no coldre. Vejo sua respiração no ar entre nós.

— Sua mãe e Lila estão preocupadas. Já me ligaram duas vezes.

— Ele fala do mesmo jeito que já vi pais falarem na TV. Sua voz quase parte meu coração. — Agora vamos.

* * *

Quando chego em casa, passo direto por mamãe e Lila sem dizer nada e tranco a porta do quarto. Lila fala baixinho: *Gracias, mi vida*. Minha mãe acrescenta suas bobagens típicas. *Onde ela estava? Poderia ter congelado. Não sei qual é o problema dela. Adolescentes, blá-blá-blá*. Não me importo. Tiro as roupas molhadas e me enfito debaixo das cobertas, apesar de meu estômago estar roncando e de os dedos dos meus pés estarem dormentes e

coçando. Vou ter que esperar Lila ir para casa e mamãe começar a roncar para então me esgueirar como o animal que sou em busca de comida.

Mamãe tenta girar a maçaneta.

— Piedad, abra a porta — sussurra ela do outro lado.

Mas eu apenas rolo para o outro lado, sinto ferver de novo o ódio por ela e me preparo para mais uma noite de sonhos agitados. Nunca mais vou falar com aquela hipócrita.

Capítulo 28

— Com fome?

Mamãe está sentada ao piano de pijama, uma xícara de chá intocada na tampa superior.

Eu a ignoro completamente. São quatro horas da manhã e saí da cama sorradeira, morrendo de fome. Só me dou conta da presença dela quando já estou com um pão inteiro e um pote de creme de amendoim nas mãos.

— Sente-se, Piedad — diz mamãe, indicando o espaço vazio ao seu lado no banco.

Continuo parada.

— Não vamos conversar sobre a escola. Vamos conversar sobre o seu pai.

Meu pai. Ela nunca usou essas palavras antes.

— Tenho certeza de que sei a história agora, mãe. Não graças a você.

— Sabe, não é tão fácil explicar coisas assim para os filhos. Você ainda não sabe disso, mas é difícil conversar sobre certos tipos de erros.

— Por quê? Porque você teria que devolver seu distintivo de fiscal da moralidade?

Estou pegando pesado agora, mas mamãe apenas respira fundo.

— Você acha que eu roubaria o marido de alguém de propósito? É essa a imagem que você faz de mim?

Não respondo. A verdade é que mamãe nunca fez nada de errado na vida. Ela mal bebe. Trabalha sem descanso. Não namora. Seu único crime é ser uma freira azeda.

— Não vai dizer nada? — pergunta ela.

— Não tenho nada para dizer a você — respondo. — Sou só ouvidos.

— Então ouça.

Fecho os olhos. Tudo o que quero é comida e minha cama, mas é inútil tentar escapar da rede de mamãe. Vou até ela e me sento ao seu lado no banco.

— Não — digo quando ela se levanta para acender a luz. — Machuca meus olhos.

Mamãe acende uma vela de copinho que fica em cima do piano. É nossa *Virgen de la Caridad* da loja de um dólar.

— É verdade que Agustín era casado quando o conheci — diz mamãe. — O nome dela era Laura.

Observo a luz bruxuleando dentro do vidro opaco. Os braços da virgem estão abertos para acalmar os pescadores assustados abaixo dela, mas sua luz faz as teclas lascadas do piano brilharem intensamente.

— O que você *não* sabe é que seu pai nunca me contou nada sobre a esposa quando nos conhecemos. Ele só me seduziu com sua música de igreja e com seu jeito de falar sobre como eu tocava. Foi assim que consegui este piano, na verdade. Ele tinha um amigo que tocava aos domingos em um bar dentro do Hilton. Agustín o comprou para mim quando estavam preparando uma reforma no local. Fiquei louca de alegria.

Ela passa os dedos pelas teclas, mas não aperta nenhuma.

— Você nem toca mais — digo.

— Não. — Mamãe dá de ombros. — Essa coisa velha me cegou para tudo, e acho que não consigo me perdoar por ter sido tão ingênua. Achei que tivesse encontrado alguém que valia a pena, alguém que realmente queria me fazer feliz. Mas o presente dele me enganou; ele enganou a Laura e a mim, na verdade.

Meus olhos estão fixos à frente, mas em minha visão periférica consigo distinguir a silhueta de mamãe no escuro quando entra em foco. Ela está sentada ereta, as mãos cruzadas. Sempre foi difícil imaginá-la tendo um namorado, mais ainda fazendo sexo. Mas agora outra coisa me ocorre: mamãe foi enganada. De repente, isso é mais difícil de imaginar do que qualquer outra coisa.

— E como você descobriu? — pergunto finalmente.

Mamãe torce os lábios e fica em silêncio por um bom tempo. Finalmente, respira fundo.

— Estávamos noivos e morando juntos em nosso novo apartamento, no prédio de Lila. Agustín tinha viajado para visitar a mãe, ou ao menos foi o que ele disse. Quando relembro isso, vejo que eu devia ter reparado que era mentira. Nenhum homem adulto é tão ligado a sua *mami*, nem mesmo um filhinho da mamãe latino. Presentes e dinheiro e... — Ela balança a cabeça. — Bem, eu estava trabalhando meio período no Salón Corazón, preparando as coisas para quando você nascesse. Já tinha seu berço e tudo.

“Até que, certa tarde, eu estava no salão quando uma mulata alta entrou. Ela disse: ‘Estou procurando a vagabunda de Agustín Sanchez.’ Imagine! Era uma das primas de Laura, que morava em Elmhurst. Houve boatos, e alguns xeretas do bairro contaram que Agustín estava enganando a *primita* dela com outra mulher. Naturalmente, ela fez perguntas e logo descobriu meu nome e onde eu trabalhava.

A situação toda surge diante dos meus olhos. Mamãe barriguda, de vassoura na mão, a ferroadada do olhar das pessoas nas costas. Uma jovem Gloria lutando para manter o sorriso no rosto. *Este é um estabelecimento decente, senhora*, ela talvez tenha dito. *Somos todas boas mulheres aqui. Você cometeu um erro. Venha. Venha comer um biscoito.*

— O que aconteceu depois? — pergunto.

— Eu disse: “Estou carregando o filho de Agustín Sanchez, então tome cuidado com quem chama de vagabunda, *señora*. Sou a noiva dele. O que você quer com Agustín?” Então ela me contou toda a verdade. — Mamãe suspira. — Havia uma família que não tinha nada a ver comigo. Ele nem se deu ao trabalho de voltar para explicar. Por mais cartas que eu tenha mandado exigindo respostas, acho que ele acreditava que podia manter duas famílias em segredo para sempre. Depois disso, fiquei furiosa. Queimei tudo dele que consegui encontrar. — Ela faz uma pausa de um segundo. — Quer dizer, quase tudo.

Mamãe se levanta e coloca a vela e o chá sobre uma das muitas caixas ao nosso redor. Então abre a tampa e tira, de dentro do piano, algo que estava preso no interior do instrumento. Pego o objeto e o aproximo da chama da vela. Vejo a foto de um homem bonito com cabelo brilhoso e olhos verdes como os meus.

— Você se parece muito com ele — diz mamãe.

É a primeira foto que vejo do meu pai, aquilo que mais procurei em minha vida. Mas então um estranho vazio me preenche quando pergunto a mamãe aquilo que sempre tive medo de saber:

— Algum dia ele realmente me quis, mãe? Meu pai sabe que eu tenho o sobrenome dele?

Quando olho para ela e vejo lágrimas em seus olhos, já adivinho a resposta. Meu estômago se aperta até ficar do tamanho de um limão.

Mamãe se inclina para a frente e diz, em um sussurro:

— Ele não sabia o que queria, Piddy. Mas *eu* queria você, mais do que tudo. Você é a única coisa boa que aquele homem me deu.

Olho para a foto no meu colo e faço que sim com a cabeça estupidamente. O fato de mamãe me querer deveria ser o bastante, mas, por algum motivo, não é.

— Uma garota merece um homem decente como pai, mas não foi isso que você teve, Piedad, e eu sinto muito — diz mamãe. — A pergunta que importa agora é: quem *você* vai ser?

Ela se levanta e vai para a cama, o chá ainda intocado.

Capítulo 29

É Lila quem liga para dar a notícia no sábado de manhã. São quase nove horas. Tendo dormido apenas algumas horas, mamãe está pálida e atordoada. Ela escuta. Sei que a notícia é ruim antes mesmo de ela me contar.

— Aquele animal — murmura ela, fazendo o sinal da cruz. — É culpa dele. A polícia está aí agora?

— O que foi? — pergunto do sofá, onde adormeci com a foto do meu pai. Mamãe balança a cabeça e se vira de costas, mas eu insisto. — O que houve? — pergunto, dessa vez mais alto.

Ela cobre o fone com a mão e olha para mim.

— *Sio, niña*. Não consigo ouvir a Lila.

Mas Lila não deveria nem estar acordada a essa hora, muito menos ligando para alguém. Fico bem ao lado de mamãe.

— O que a Lila tem?

— *Por Dios*, Piddy. Ela está bem. Teve uma confusão no prédio, só isso.

— Que confusão?

Ela faz uma pausa, pesando as palavras.

— O que foi? — pergunto.

Mamãe solta um longo suspiro.

— São os Halper.

— Eles foram despejados?

O mundo todo para enquanto espero as palavras seguintes.

— Ela está ferida.

Não vejo sinal de Joey quando chego ao prédio, ofegante, mas uma fita amarela isola o local e há uma viatura estacionada em frente. A ambulância está com as luzes acesas, mas sem som. Alguns vizinhos tomam café à janela. Finalmente, vejo Lila em um canto. Ela está fumando de novo, o cabelo preso debaixo de uma bandana — como ela usa quando fica doente. Ela deveria estar no trabalho a essa hora, mas ainda está com a calça legging e o moletom de ontem à noite. Quando me vê, ela joga fora a guimba do cigarro e olha para mim com receio. Há um mundo inteiro de perguntas sobre ontem em seus olhos, mas, no final, Lila apenas me abraça com força, deixando que eu inspire o aroma dos cigarros e do seu perfume.

— O que aconteceu com a sra. Halper? — pergunto.

Durante todo o caminho vim pensando na mãe de Joey, magra e quieta, em sua voz ecoando alto pelos canos. *Pare, Frank. Por favor, Frank. Me desculpe.* Fico pensando nos dias em que ela ficava sentada na escada cerzindo as meias velhas de Joey, esperando que o sr. Halper recuperasse a sobriedade. *Ele a matou?*, é o que quero perguntar, mas não consigo pronunciar as palavras.

A porta do saguão se abre e todos ficam em silêncio enquanto a maca é empurrada. A sra. Halper está envolta em lençóis, como uma lagarta no casulo esperando as asas. Seu rosto está inchado e cheio de hematomas, mas sua pele está tão pálida que parece azul.

— O que você acha? — responde Lila. — Ele ficou bêbado e bateu na coitada até ela parar de gritar — sussurra Lila, estremeando. — O garoto a encontrou caída na cozinha hoje de manhã. O pai estava desmaiado.

Meu estômago se contrai quando penso em Joey.

Nesse momento ele aparece à porta do saguão acompanhado por um policial. Eu me escondo atrás do poste telefônico para que ele não me veja olhando estupefata, o que ele detestaria. Seus olhos estão vazios, ainda mais distantes do que naquele dia no meu quarto. Se ele vê algum dos curiosos na rua, não demonstra. Ele olha através dos vizinhos que acompanham sua catástrofe e sobe na traseira da ambulância, junto com a maca. Seu rosto está rígido, os olhos fixos à frente.

O sr. Halper sai em seguida, acabado como sempre, os pulsos presos por algemas de plástico que parecem enormes lacres. Ele pisca várias vezes para a luz da manhã, como se tivesse acabado de acordar. Ainda está de camiseta e com a calça de trabalho. Também está acompanhado por um policial. Os dois fazem uma pausa junto à traseira da ambulância, mas Joey não olha para o pai, nem mesmo de soslaio. O policial então sussurra alguma coisa para a equipe da ambulância e leva o sr. Halper para a viatura.

— *Hijo de buena madre* — murmura Lila.

Minha cabeça está cheia de lembranças, de todas as vezes que os policiais foram até lá por causa dos Halper. *Não tem problema nenhum. Lamento a confusão. Ele só está bêbado, só isso.* Era o que a sra. Halper sempre dizia. Mas agora não consigo deixar de me perguntar: Por que ela não dizia a verdade? Por que sempre pedia desculpas?

Meu estômago se embrulha e se comprime em um nó; minha boca se enche de saliva quando a ambulância se afasta. Lila passa o braço pelo meu ombro para me amparar, mas isso tudo é demais.

— Piddy?

Eu me inclino sobre os arbustos e vomito.

Capítulo 30

Não fui para o salão depois, mas Lila não discutiu. Depois que os policiais foram embora e os vizinhos encerraram a sessão de fofoca, ela me fez deitar em sua cama com lençóis de cetim, ligou para mamãe e se arrumou para ir trabalhar. Passei a tarde inteira sentada à janela, brincando com os vidros vazios de perfume e esperando algum sinal de Joey. Mas mesmo tarde da noite, quando Raúl finalmente me levou para casa, ele ainda não tinha voltado.

Os sinos da Igreja de Saint Michael badalam as horas ao longe e uma chuva fria deixa meu moletom úmido quando vou até os fundos do prédio de Lila. O apartamento de Joey continua às escuras. Falei para mamãe que ia até a padaria russa comprar os pãezinhos chala que ela adora, mas na verdade eu precisava voltar para tentar saber de Joey. Jogo uma pedrinha, olho para a janela escura e espero. Nada. E se ele nunca voltar? Para onde vai? Eu me abaixo para pegar outra pedrinha quando vejo uma lata de comida de gato perto da lata de lixo aqui fora. Está vazia e cheia de formigas.

Os gatinhos.

Mesmo com Lila ao meu lado, um calafrio familiar de preocupação percorre minha espinha quando abrimos o porão escuro. As latas de lixo estão enfileiradas do lado de fora para a coleta de amanhã, e tudo fede a lixo aqui em volta. Com o cabelo todo desgrenhado e segurando a frente do roupão para mantê-lo fechado, Lila me segue até a área de depósito. Deixei o dedo na campainha até ouvir a voz grogue dela. "Preciso da sua chave do porão", falei. "Agora mesmo."

— Você vai me contar por que me arrastou para fora da cama?

Ela está apertando o nariz e me olhando desconfiada. Colo o ouvido na porta da sala de depósito e tento encontrar a chave certa.

Parte de mim torce para encontrar Joey ao abrir a porta. Talvez esteja dormindo como um querubim no colchão mijado. Ou talvez me chame de Sapo e diga que a mãe vai ficar bem. O que não quero é encontrar dois gatinhos mortos.

O cadeado se abre com um clique. Empurro a porta.

— Olá — chamo, tateando como uma cega até encontrar a cordinha da luz.

— Ratos! — grita Lila.

Dois pares de olhos brilham no canto.

— *Shhh!*

Pego os gatinhos rapidamente para mostrar a ela. São lindos, claro, com grandes olhos azuis e pelo levemente dourado, mas percebo que estão apáticos. Eles me deixam acariciá-los no queixo; a fome os deixou inertes demais para me atacarem com as patinhas. Tem cocô de gato para todo lado.

— O que é isso? — pergunta Lila, assustada.

— A gata teve filhotinhos, estão morando aqui. Mas agora não tem ninguém para cuidar deles.

Lila abre a boca e balança a cabeça lentamente.

— Não, Piddy. Não podemos ficar com eles. Sou alérgica a gatos. Precisamos deixá-los lá fora para aprenderem a se cuidar. Não olhe para mim desse jeito! É o melhor que podemos fazer, *chica*.

— Acho que estão doentes — sussurro.

Ela morde o lábio enquanto pensa.

— Por favor, Lila.

De repente a porta do porão se abre.

— Quem está aí?

É o síndico, xeretando como sempre.

Dou um puxão na cordinha para apagar a luz.

— Sou só eu — grita Lila.

Ela coloca um gatinho dentro de cada bolso do roupão e me empurra para fora antes de sair da sala de depósito e fechar a porta. Fecho o cadeado com os dedos tremendo. O síndico está na entrada do porão, o cabelo sujo úmido por causa da chuva.

— Como esse lixo fede — comenta Lila, tranquilamente, quando passamos por ele.

Subimos os degraus sem esperar uma resposta.

Capítulo 31

Vamos deixar de bobagem. Me desculpe. Saudades.

Essa é a mensagem de Mitzi que pisca no meu celular na manhã do Dia de Ação de Graças. Depois, outra:

Entre pro time. O primeiro jogo é sábado à noite. Vá, por favor.

Estou entorpecida por dentro. Parece uma mensagem enviada de outro planeta, penso. De um lugar onde coisas como jogos de basquete ainda importam.

O pai do Joey Halper quase matou a mulher a pancadas, digito. Ela ainda está no hospital. Mas logo apago as palavras e largo o celular de lado. Foi justamente por causa de pessoas como os Halper que os Ortega se mudaram.

O cheiro de peru inunda o apartamento, mas não tenho vontade de comer. Tento ficar longe da cozinha para evitar uma conversa com mamãe. Ela está com raiva, embora seja feriado, um dia de festa em que supostamente deveríamos estar felizes. Sei que a culpa é minha. Esta semana teve apenas dois dias e meio de aula, então fiquei em casa. Infelizmente, porém, a secretária ligou de novo. "Sua filha tem que largar a escola e arrumar um emprego, senão vai ser considerada uma vadia, senhora." Ela ameaçou acionar o conselho tutelar e denunciar mamãe por negligência educacional se eu não aparecesse logo.

O desfile de Ação de Graças da Macy's já começou. Todo ano eu assistia com Mitzi e Lila. É o nosso favorito, principalmente a parte dos números inspirados em shows da Broadway.

O interfone toca. Lila está tremendo de frio lá fora, segurando uma caixa grande. São só dez da manhã, mas vamos comer cedo hoje (ao meio-dia), por causa da Loucura de Liquidação Pós-Ação de

Graças da Attronica. Mamãe vai ter que dormir algumas horas à tarde, porque foi escalada para o turno da uma da madrugada na grande liquidação. Só os malucos fazem compras a essa hora, diz mamãe, mas mesmo assim vai haver plantão de vendas.

Quando abro a porta, vejo Lila com os olhos vermelhos e fungando.

— Aqui — diz ela, praticamente jogando a caixa nos meus braços.

— Seus bebezinhos me custaram trezentas pratas!

Abro a tampa e encontro ali dentro os dois gatinhos; dormindo, mas vivos. É como uma miragem. Fico vendo a barriga deles subir e descer, sem tocá-los. São tão pequenos e indefesos!

— Aquele veterinário imprestável é um ladrão, sabia? — Lila espirra e assoa o nariz. — Disse que os bichos estavam desidratados. “Então dê água a eles!”, falei. Mas *não*. Tinha que dar soro e vacinas e sabe lá Deus o que mais. — Ela balança a cabeça, exasperada. — Sorte sua que eles são fofinhos.

— Obrigada — digo. — Depois eu dou o dinheiro para você.

— Vai pagar o quê à Lila?

Mamãe está na porta da cozinha, secando as mãos. Ela olha para Lila e para mim, até que seus olhos pousam na caixa.

— Você trouxe sobremesa?

Lila assoa o nariz de novo e dá beijinhos em mamãe.

— O que teve de bom no desfile até agora?

E, dizendo isso, se manda para a sala, me deixando aqui para me defender sozinha.

* * *

Mamãe não fica nem um pouco feliz com nossos convidados peludos, mas nem ela tem um coração tão duro a ponto de jogar filhotinhos na rua em pleno Dia de Ação de Graças. Durante toda a manhã, brincamos com eles e vemos o desfile. Imploro sem parar até ela ceder e dizer que posso ficar com um, mas só um.

— Como é que eu vou escolher? — pergunto. Mamãe se faz de surda.

Mas talvez haja esperança. Quando pensa que não estou olhando, mamãe corta pedacinhos de asa de peru e os coloca na caixa. Nem Lila, com os olhos vermelhos e coçando, consegue resistir a eles.

— Essas duas bolas de pelo definitivamente têm algo pelo que dar graças — murmura ela quando os deixo andar pelas teclas do piano, tão leves que nem chegam a fazer barulho.

Quando nós três damos as mãos antes de comer, baixo a cabeça em oração. Não sei o que mamãe e Lila estão pedindo, mas já tenho minha lista pronta.

— Obrigada, Deus, por proteger a vida desses gatinhos — digo. — E obrigada por me deixar ficar com eles.

— Só um — avisa mamãe. — *Uno*.

Depois, passo para minha lista particular:

Por favor, Deus, faça com que um incêndio destrua a DJ antes de segunda-feira, para eu não precisar voltar. Se isso for pedir muito, que pelo menos Yaqui seja transferida.

Por favor, Deus, que Joey e a sra. Halper fiquem bem.

Por favor, Deus, me ajude a lidar com toda essa confusão.

Capítulo 32

Logo cedo no sábado, Lila aparece lá em casa sem tocar o interfone. Levo um susto quando ouço o barulho da porta se abrindo. Mamãe está trabalhando, claro, e esqueceu de me contar que finalmente deu um jeito de fazer uma cópia da chave para a amiga. Corro até a porta só de camiseta e calcinha, já esperando o pior.

— Não está pronta ainda? — Ela está de calça preta e salto alto, o casaco aberto. — Ande logo! Gloria está com pouca gente e hoje é o primeiro sábado depois do Dia de Ação de Graças. O salão vai ficar mais lotado que o metrô!

Ela se dirige à cozinha antes que eu possa responder. Os gatinhos estão brincando pela casa com suas patinhas leves, tentando pegar as cordas da persiana. Em apenas dois dias já ficaram mais fortes.

— Xô! Vou acabar borrando meu rímel — diz ela quando os filhotinhos a veem.

Ela pega uma caixa de leite da geladeira, cheira e enche um copo. Em seguida, olha para mim.

Estou parada como uma estúpida. A verdade é que não tenho energia para ser um antídoto reconfortante para as clientes de Gloria hoje. Além do mais, e se Yaqui aparecer no salão?

— Não estou me sentindo bem — murmuro.

— Pode ser fome. Já comeu?

— Não.

— Vamos passar na padaria, então. — Ela olha para o relógio. — Ande logo!

— Não vou trabalhar hoje — digo. — Estou ocupada.

— Ocupada?

— Tenho que achar um lar para um dos gatinhos, lembra?

Lila cruza os braços.

— Piddy, eu amo você mais do que se fosse minha filha, mas você está começando a me irritar.

— Não, é sério. Estou me sentindo... mal.

— Humm... — Ela bate com as unhas vermelhas na borda do copo enquanto pensa. — Já sei o que vai dar uma animada em você. Espere aqui.

Ela volta alguns minutos depois com a bolsa de maquiagem de mamãe, a que tem sombras mais velhas que eu.

— Lamentável — murmura ela ao avaliar o conteúdo. — *Da vergüenza*. Já era para ela ter aprendido alguma coisa comigo a essa altura.

— Não preciso de maquiagem — digo.

Mas mesmo assim Lila me leva até uma cadeira e se senta perto de mim.

— Ora, por favor. Todo mundo precisa de maquiagem. — Ela espreme a última gotinha de corretivo nas costas da mão. — Olhe para cima.

Com Lila tão perto assim, dá para ver as linhas ao redor de sua boca. O rímel está empelotado em alguns pontos, mas seus olhos têm uns rajados de verde que acho lindos. Ela se concentra, franzindo a testa, e cobre minha pálpebra com o dedo mindinho, disfarçando o que restou do machucado da melhor maneira possível. Em seguida, pega um lápis para maquiagem e desenha minha sobrancelha antiga. Ela exala um hálito de leite, como de bebê. Fico aliviada por ela não criticar a porcaria que fiz no meu rosto.

— Piddy, o que está acontecendo?

Dou de ombros.

— Como assim?

— Nos últimos tempos não tenho visto a Piddy que eu conheço. Você diz que não tem mais ninguém a perturbando na escola, mas não vai à aula. Briga com a sua *mami* o tempo todo, desaparece de casa. Não quer trabalhar. — Ela para e toma meu rosto nas mãos. — *¿Qué te pasa?*

— Eu odeio a DJ... só isso — digo. — Não vou voltar lá nunca mais.

Lila joga a cabeça para trás e gargalha.

— *iNo me digas!* Largar a escola no segundo ano do ensino médio. Que lindo. E como vai se sustentar?

— Não sei. Vou aprender a cortar cabelo ou sei lá o quê. A Gloria se saiu muito bem, não foi? Tipo, ela é milionária.

— Pois aquela milionária continua trabalhando seis dias por semana, *mi hija*.

Não sorrio. Lila se recosta na cadeira e suspira.

— É aquela garota da escola, não é? — pergunta ela. — Yaqui? Ela ainda está atrás de você?

Não respondo, o que é a mesma coisa que sim no dicionário de Lila.

— Meu Deus, por que não me contou antes? Eu poderia ter quebrado as pernas dela para você.

Como continuo sem responder, ela se inclina, aproximando mais o rosto.

— Eu prometi que não ia contar à sua mãe o que aconteceu, e não contei, mas preciso saber o que está acontecendo. A história toda.

Um medo gélido comprime todo o meu corpo, mas estou tão cansada de me preocupar com Yaqui que finalmente suspiro e me rendo.

— Tem um vídeo — começo. — Alguém filmou no dia em que ela me atacou. A essa altura a escola toda já viu. Eu estava seminua no final.

Meus olhos se enchem de lágrimas antes que eu me dê conta. Lila pega um guardanapo e seca as linhas cinza de rímel que estão começando a se formar.

— Um vídeo — murmura ela. — Na minha época, arrebatavam a nossa boca e pronto. — Ela fecha os olhos e respira fundo. Ser responsável nunca é fácil para Lila. — A questão é a seguinte: você ainda tem que voltar para a escola na segunda-feira.

É como se despejassem água gelada na minha cabeça.

— Não.

— Escute o que vou lhe dizer — pede ela, com carinho. — Você não pode deixar essa Yaqui Não-Sei-Das-Quantas conseguir o que

quer. Ela nunca vai deixar você em paz se você fugir agora.

— Deixar Yaqui conseguir o que quer? — Meu rosto fica quente. Recuo, ainda sentada. — *Deixar?* Eu não *deixei* que ela fizesse nada! Eu fui atacada sem motivo, e nem sei por que ela me odeia.

— Ela *não* odeia você.

— Odeia, sim. — É difícil manter a voz firme. — Quer ver de novo as marcas de mordida que ela deixou em mim?

— Ela nem acha que você é uma pessoa. Na verdade, essa menina não acha nem que *ela mesma* é uma pessoa. Você é só a garota que cruzou o caminho dela. Não é pessoal. É como as coisas são onde ela mora. Ou você bate, ou apanha.

— E como é que você sabe tudo isso sobre Yaqui Delgado?

Lila olha para mim e balança a cabeça.

— Porque sempre tem uma Yaqui em toda escola, em todo lugar do mundo. Eu também esbarrei com algumas malditas no meu caminho. Você acha que eu poderia ser linda assim e ninguém me odiaria?

Ela ri e pega um blush em bastão.

— Hoje em dia as coisas são diferentes — digo.

Ela começa a passar o blush em minhas bochechas. O vídeo volta à minha mente com tudo, imagem após imagem, para todo mundo ver.

— Um pouco. Mas pelo menos uma coisa é *exatamente* igual — diz Lila.

— O quê?

— Sabe onde essa tal de Yaqui vai estar daqui a alguns anos se não mudar? Ainda vai estar aqui, como sempre, no mesmo bairro, uma qualquer sem ter onde cair morta. E quer saber? Esse é o maior medo dela. E talvez seja o que ela merece por ser uma delinquente e fazer as pessoas sofrerem só porque tem força para isso. Mas você? Você é diferente. Você vai ser melhor que isso, e é essa certeza que deixa essa menina louca, Piddy. É *isso* que a faz arder de ódio. Ela já consegue ver você vencendo na vida. Você vai estudar e usar o cérebro. Vai ser uma *bella persona* com um bom emprego e uma casa boa para morar, talvez até mais bonita do que a da Gloria ou a da Mitzi. Vai arrumar um companheiro bom, que

não vai enganar você escondendo que tem uma esposa. E vai ganhar dinheiro suficiente para cuidar da sua mãe quando ela envelhecer. *Ay*, Piddy, um dia você vai estar tão longe do Parsons Boulevard que esse buraco dos infernos vai parecer apenas um sonho ruim.

Abaixo a cabeça e choro.

— Ainda estou com medo — digo.

Lila beija minha cabeça e sussurra em meu ouvido:

— Eu sei. Mas é você quem tem a *verdadeira* força nessa história toda, Piddy. Você só não sabe disso ainda.

Ela guarda a maquiagem de mamãe e se levanta. Os gatos saem correndo para a sala.

— Agora vá se vestir, *niña*. As clientes estão esperando.

Capítulo 33

O Salón Corazón está abarrotado, como Lila previu. O sininho no alto da porta não para de tocar, toda hora entra mais alguém. As mulheres comentam sobre as liquidações das lojas, trocam cupons de desconto e dicas para emagrecer, reclamam do parente que estragou o jantar deste ano. Tento me desligar de tudo. Quando penso em segunda-feira, enfio o rosto nas toalhas quentes recém-saídas da secadora para não chorar de novo.

Por volta do meio-dia, meu celular vibra. Como não reconheço o número, ignoro. Quando ele vibra de novo, alguns minutos depois, é uma mensagem de texto. Levo um susto ao ler.

Venha aqui fora.

Merda.

Espio a frente do salão pela cortina de contas. Pela grande janela de vidro que dá vista para a rua não vejo ninguém esperando do lado de fora. Sobra apenas a porta dos fundos, que dá no beco. Sem chance de eu ir para um beco com Yaqui. Minhas mãos estão tremendo quando entro no banheiro dos funcionários. A janela é bem alta, quase alcança o teto, mas tem vidro opaco. A única forma de olhar para fora é abrindo-a, e é do tipo que se abre com uma alavanca. Fecho a tampa do vaso e subo. Empurro a alavanca lentamente, para que ninguém repare na janela se abrindo. Quando tem uns três centímetros de fenda, olho para fora.

Lá está Joey, chutando resíduos do asfalto com as botas. Está desgrenhado, como se não tomasse banho há dias, e digitando alguma coisa no celular. Meu aparelho vibra de novo. Pego o casaco no depósito e saio para encontrá-lo.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto.

— Nada. Estou parado. O que parece que estou fazendo?

Ele sopra as mãos para aquecê-las. Reparo que suas unhas estão imundas. Tem remela seca nos cantos de seus olhos.

Quero perguntar sobre a mãe dele, saber por onde ele andou, mas sei que não devo me intrometer. Talvez esteja tão constrangido quanto eu em relação ao que aconteceu; não sei. Estou tentando não pensar na imagem de mim mesma nua diante dos seus olhos inquisidores nem na pele pálida da mãe dele na maca. *Por favor, Deus, que ele não esteja pensando as mesmas coisas.*

— Vou para a Pensilvânia — diz ele. — Morar lá.

Não sei o que dizer. Não posso dizer que estou triste, isso é certo, nem que me importo com o que vai acontecer com ele.

— O que tem lá? — pergunto por fim, mas sei que é mais uma questão do que *não* tem lá.

— Amigos. — Ele dá de ombros. — Vacas e esterco também, eu acho.

— Irresistível — digo, e nós dois sorrimos.

Ele olha para os sapatos.

— Vou embora hoje à noite.

Fico olhando para ele por alguns segundos, sentindo de novo aquele aperto na garganta. Quem poderia imaginar que algum dia eu teria saudade de Joey Halper?

— Você vai ficar bem? — pergunto.

— Melhor do que estou aqui. — Ele arranca mais um pedacinho de asfalto de um buraco, com a bota. — Ela vai voltar para o coroa. Dá para viver com isso?

Há um milhão de coisas que quero dizer a ele. Quero dizer que espero que a Pensilvânia seja um lugar onde o Joey de dez anos de idade possa voltar a brincar; que talvez a Pensilvânia lhe dê a chance de ser uma pessoa nova, capaz de se sentar à mesa no feriado de Ação de Graças e dizer *Obrigado, Deus* com sinceridade.

Mas antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele toca meu rosto com os dedos sujos e olha bem fundo nos meus olhos.

— Venha comigo, Sapo — sussurra Joey. — Vamos dar o fora daqui.

* * *

A primeira novela que vi com Lila foi *El Amor Es Destino*. Na trama, o namorado da garota a sequestra certa noite e a leva para longe da família. Mamãe odiava essa novela.

“Ele está sequestrando a menina”, comentou mamãe na época. “Tinha que ser preso.” E Lila devolveu: “*Shhh!* Ela quer ir com ele. É tão romântico!”

Passo a noite toda pensando nessa novela e olhando para o relógio. O ônibus parte de Port Authority às nove da noite. Fico pensando também no que Lila me disse.

Um dia você vai estar tão longe do Parsons Boulevard que esse buraco dos infernos vai parecer apenas um sonho ruim. Não conheço a Pensilvânia. Não consigo nem imaginar uma vida lá, apenas sonho, imaginando como seria legal recomeçar a vida em um lugar onde ninguém me conhecesse. Sem expectativas. Sem torpedo de achocolatado. Sem Yaqui por perto.

Mas...

Olho para o celular; nenhuma mensagem. Nem de mamãe — ocupada no trabalho —, nem de Mitzi. Talvez ela finalmente tenha desistido de mim. Hoje foi seu primeiro jogo de basquete e eu não estava lá para assistir, então não sei se Sophia conseguiu ensiná-la a jogar direito.

Mando uma mensagem: *Desculpe.*

Não tenho tempo para mais que isso. Preciso ir ao encontro de Joey. Dobro o bilhete que escrevi para mamãe e o deixo sobre a mesa da cozinha, para ela não ficar preocupada. Então pego a bolsa com cuidado e fecho a porta.

Avisto o brilho do cigarro de Joey quando chego à esquina onde combinamos. Ele está com a jaqueta camuflada, uma pequena bolsa de viagem pendurada no ombro.

Ele me abraça forte quando chego, e posso jurar que sinto nele um aroma metálico, algo que parece medo. Nós dois sabemos que não posso ir com ele, mas isso não o impede de tentar me fazer

mudar de ideia. Durante todo o caminho até Port Authority, ele segura minha mão e me conta sobre a Pensilvânia. Seu nervosismo é evidente. Ele balança os joelhos e estala os dedos até eu implorar que pare.

A estação está lotada de gente tentando voltar para casa. Joey e eu procuramos os monitores e nos esprememos nas filas, que vão até a calçada. No portão de embarque, sem nenhum lugar vago na área de espera, sentamos no chão. É então que mostro a ele o gatinho que escondi na bolsa.

— Eles também cansaram de morar naquela porcaria de prédio — explico.

Depois de um dia inteiro trabalhando de pé, estou exausta. Sinto os olhos pesados quando apoio a cabeça no ombro de Joey. Lembro-me de quando éramos crianças e nada muito terrível acontecia.

— Lembra quando a sra. Feldman mandava você para a minha sala na escola? — comento, nostálgica.

Joey sempre era expulso de sala, porque só sabia “se comportar como um bebê”, de acordo com a sra. Feldman. Colocavam-no sentado sozinho lá no fundo. Minha professora dizia que era a Sibéria.

— A mulher não tinha o menor senso de humor — diz ele.

— Você colou as folhas dos dicionários.

Começamos a rir.

Às oito e quarenta e cinco, anunciam nos alto-falantes da rodoviária:

“Embarque no portão dezessete, com paradas em Mount Laurel e Camden.”

A fila já está andando. Pelas portas duplas de vidro, agora abertas, sinto o cheiro do escapamento do ônibus quando nos levantamos e pegamos nossas coisas.

Do outro lado do vidro, as pessoas entregam as passagens e esperam etiquetarem sua bagagem. Joey apertou tanto seu bilhete que o papel está todo manchado e amassado.

— Tem certeza de que não quer vir? — pergunta ele.

Eu o puxo para mais perto e abro a mochila.

— Aqui.

Pego o gatinho dourado e o coloco dentro da jaqueta de Joey, onde a pequena bola de pelos vai se manter aquecida.

— Diga a ele para escrever — sussurro para o gatinho, evitando o olhar de Joey. Para o próprio Joey, digo: — O irmão dele ainda está comigo.

Então pego mais uma coisa. É o envelope que eu guardava na gaveta. Coloco-o na mão de Joey.

— O que é isso?

Ele abre e não diz nada. Dentro há uma pilha de notas de um e de cinco, minhas gorjetas dos últimos dois meses no Salón Corazón.

— Caso você precise — digo. E acrescento rapidamente: — Não vá gastar em tinta de tatuagem, seu mané. Varri muito cabelo para ganhar isso.

Quando ele olha para mim, vejo que seus olhos estão embaçados.

— Última chamada para o embarque!

Meus joelhos fraquejam e sinto uma vontade repentina de ir com ele, mas, se eu for, Yaqui terá tirado tudo de mim. Mamãe, Lila, Mitzi. Até mesmo a pessoa que eu quero ser.

Então dou um beijo na bochecha de Joey e o abraço tão apertado que sinto o gatinho se contorcendo dentro da jaqueta. Sua respiração faz cócegas em meu pescoço quando ele sussurra:

— Se cuida, Sapo. Corra, se precisar.

Então ele sobe rapidamente os degraus do ônibus e vai embora.

Capítulo 34

Caminhamos até a escola em silêncio naquela segunda-feira. Lila vai comigo.

— Só por garantia — diz ela.

Mas não sei se ela quer dizer “Só por garantia caso Yaqui esteja por perto” ou “Só por garantia caso você decida não ir”.

Não estamos nem em dezembro ainda, mas o ar já cheira a metal frio e neve. Fico me perguntando se caminhar para a morte é assim. Tipo na prisão, sabe? Vazia. Pronta para tudo acabar com a picada de uma agulha, um espasmo. Como se você estivesse em um sonho, caminhando. Tudo que tenho para me ajudar a me sentir melhor hoje é o pingente de elefante quebrado que trago no bolso — e nem isso está funcionando muito. Quanto mais me aproximo da escola, pior me sinto. Sei que ou vou levar mais uma surra de Yaqui, ou vou ter que dedurá-la, como uma fracassada, para depois levar uma surra ainda pior quando ela descobrir.

Na secretaria, a mulher nos olha com cansaço antes de abrir o livro de registros. Em seguida, olha Lila de cima a baixo e se concentra nos sapatos de salto alto com estampa de zebra.

— Assine aqui para que ela possa entrar, por favor.

Lila está observando os cartazes no quadro de avisos. Ela dá um sorriso inocente e passa os olhos pelo registro como se fosse um dos seus catálogos de produtos.

— Nós duas andamos um pouco doentes, mas não é nada contagioso, não se preocupe. — Ela assina o nome de mamãe com um floreio. — Tenha um bom dia, *hija*.

Ela dá uma piscadela para mim, mas não sorrio.

Pego meu cartão de presença das mãos da secretária e me afasto o mais rápido possível. Os estalos dos saltos de Lila somem na direção oposta à que sigo.

* * *

— Vocês vão precisar disso se quiserem ter alguma esperança de se saírem bem em história ano que vem — diz o sr. Fink à turma.

Quando entro, ele faz uma pausa em sua explicação sobre nacionalismo. Tento agir como se ninguém estivesse me encarando, mas todos os olhos estão grudados em mim enquanto vou até meu lugar e sento, principalmente os de Darlene. Não consigo não imaginar o que eles estarão pensando. Será que estão rindo de mim? Ou se lembrando de minha imagem nua naquele vídeo idiota? Ou será que conseguem ver que estou diferente agora, uma anomalia que não pertence a essa bolha de adolescentes inteligentes que ainda se importam com as coisas? Eles devem ter visto o vídeo, me visto nua e se sentido aliviados por não serem eles em meu lugar. Talvez alguns pensem que sou um elemento perigoso que precisa ser extirpado para o bem do grupo.

Sally Ngyuen se endireita na carteira e olha para a frente quando me sento ao lado dela.

— Questões para discussão, página duzentos e dois do nosso livro — ordena o sr. Fink. — E quero as respostas em frases completas.

Livro, caderno, lápis, penso lentamente, os movimentos de um dia normal para pessoas normais. Mas as palavras no alto da página se embaçam. Leio-as repetidas vezes, tentando lembrar alguma coisa sobre como o mundo funciona.

— Piddy. *Piddy* — chama Darlene, em um sussurro.

Não me viro. Quando a aula termina, saio rapidamente antes que ela consiga me alcançar e sigo sozinha para a próxima aula.

* * *

A sra. Shepherd finge não dar muita importância a minha volta, mas olha para mim por um segundo a mais quando entro. A maquiagem que Lila fez em mim não está enganando ninguém. Acrescentem-se a isso minhas sobrancelhas finas e meu rosto cansado, e devo parecer uma sócia de um espécime do que ela chama de seu “zoológico” do sexto tempo.

— Muito bem, pessoal — diz ela, entregando impressões de layouts para a revista literária. — Estávamos finalizando os layouts. Espero que lembrem que nosso prazo para fechar a revista é sexta-feira. Vocês precisam trabalhar com seus grupos para fazerem as edições finais nas páginas pelas quais ficaram encarregados. — Ela olha para mim. — Por que não se junta ao grupo de Rob, Piddy?

O grupo de Rob é formado por Rob.

Sento na cadeira vazia ao lado dele enquanto os outros juntam mesas e cadeiras e começam a trabalhar.

— Dizem que é solitário no topo — digo, tentando quebrar o gelo.

— Não estou solitário.

O silêncio constrangedor que se segue faz com que eu me sinta uma idiota.

— Olhe, Rob — digo, por fim —, me desculpe por ter gritado com você naquele dia depois do almoço. Eu estava morrendo de medo por causa da minha redação e...

— Você estava com medo — diz ele, abrindo a página com o layout para a introdução da revista. — Eu vi que os seus olhos estavam tremendo daquele jeito estranho.

A página aberta chama minha atenção na mesma hora. Um desenho lindo ocupa a maior parte da página, com o nome dele logo abaixo. Quando olho de perto, vejo que foi feito com pontinhos incansáveis, quase tão pequenos quanto pixels. A distância, a imagem que se vê é de três garotos com cara de lobo escrevendo em um armário. Nas costas do casaco de cada um deles está escrito otário em letras brancas. Eu me lembro do dia em que picharam o armário de Rob. Acho que não fui rápida o bastante para poupá-lo, afinal.

— Você é um artista — digo. — Não sei desenhar nada, muito menos animais, por mais que eu me esforce.

— Que animal você tenta desenhar? — pergunta ele.

— Bem, elefantes. — E é verdade. Nunca fica realista; meus elefantes sempre parecem o Babar. Rob está me olhando, então continuo: — Mas esses lobos estão demais.

Coloco a folha na mesa e olho para ele. Até o momento, eu só o conhecia como um crânio em todas as matérias. Agora vejo que ele também tem outros talentos.

— Rob, tem alguma coisa em que você não seja bom?

— Pessoas — responde ele na mesma hora.

— Hum, bem, isso é verdade.

Ele não sorri. Outro silêncio constrangedor recai sobre nós.

Começo a revisar o texto dele em busca de erros, mas é difícil me preocupar com vírgulas. No fim das contas, a franqueza desajeitada de Rob fica engraçada no papel. Estou quase terminando quando ele cobre o texto com a mão.

— Espere, não terminei — digo. — Está muito bom.

— Seu texto era melhor do que a maioria dos que escolhemos — diz ele apressadamente.

Não quero ter esta conversa, muito menos com gente por perto para ouvir.

— É melhor a gente editar logo o resto — murmuro, e estico a mão para pegar outra página.

— Odeio o poema piegas da Darlene, por exemplo — diz ele, um pouco alto demais. — Encaixei lá no final.

— Você disse meu nome, Rob? — Darlene nos lança um olhar raivoso do outro lado da sala.

— Ela consegue ser tão babaca às vezes — digo.

— Todo mundo é meio babaca de vez em quando — diz ele, dando de ombros. — Às vezes, até pessoas legais. — Ele dá uma piscadela. — Você andou faltando muito. Isso é meio babaca.

— É você quem está sendo meio babaca agora.

— Viu? Acontece.

É então que alguém bate à porta. Uma faixa de luz passa pela abertura, e o sr. Flatwell entra e olha pela sala. Ele faz sinal para a

sra. Shepherd. Fecho os olhos e me encolho. Talvez eu possa me fingir de morta, como um gambá perto das latas de lixo. Mas não tenho essa sorte. Os sapatos de sola de borracha quase não fazem barulho quando ele se aproxima. Sinto que ele para ao lado da minha mesa.

— Olá, sr. Allen — diz ele a Rob, cujo rosto vai do vermelho ao roxo. Em seguida, ele se vira para mim e diz, em um sussurro: — Srta. Sanchez. Por favor, venha comigo.

* * *

Uma professora que nunca vi está esperando na sala dele quando chegamos, sentada em uma cadeira em frente a uma carteira que fica no canto.

— Obrigado por vir, srta. Castenado — diz o sr. Flatwell.

Quando ele fecha a porta, percebo que essa professora deve estar ali como testemunha. A ideia do sr. Flatwell se engraçando comigo é repulsiva, mas, bem, nunca se sabe.

Ele se recosta na cadeira e me observa.

— Você passou vários dias ausente, srta. Sanchez. Sei que a sua mãe não estava ciente de que você não estava vindo à escola.

Eu me mexo desconfortavelmente na cadeira.

— Agora ela sabe — digo. — E aqui estou eu.

— É bom tê-la de volta — diz ele, sem nem um pingão de sarcasmo.

Ele fica em silêncio por um tempo. É como se estivesse esperando que eu diga alguma coisa.

— Fui chamada aqui por algum motivo? — pergunto.

A professora olha para mim e, em seguida, para o sr. Flatwell. Meu tom deve ser o problema de novo.

— Recebi uma denúncia — explica o sr. Flatwell. — Que envolve você.

— Minha mãe já sabe sobre as minhas faltas.

O sr. Flatwell se inclina para a frente e cruza as mãos.

— Você já ouvir falar do programa Enfrente/Denuncie?

Por um segundo fico confusa.

— O quê?

— Enfrente/Denuncie. A srta. Castenado é a responsável — diz ele, apontando para a professora. — É um programa que começou este ano.

Ele me entrega um folheto com a imagem de um buldogue, que reconheço da sala da orientação. “Diga não ao bullying”, está escrito.

A srta. Castenado limpa a garganta e puxa a cadeira para mais perto de nós.

— É uma forma anônima de as pessoas denunciarem casos de bullying — explica ela. — Qualquer pessoa pode nos relatar por escrito algo que sabe, sem ter que responder perguntas.

O silêncio que paira na sala dói em meus ouvidos. O sr. Flatwell pega uma folha de papel de sobre a mesa, mas não tiro os olhos do rosto dele.

— Recebi uma denúncia de que um aluno desta escola tem praticado bullying contra você. — Ele olha para mim por cima dos óculos. — É verdade?

— Quem fez a denúncia?

Puxo as mangas do casaco com nervosismo, cobrindo os pulsos. Darlene deixou claro que não queria se envolver, mas não consigo pensar em mais ninguém que saberia de um programa antibullying na escola.

— A denúncia foi feita de forma anônima, mas é evidente que foi alguém que se preocupa com você.

Alguém que se preocupa comigo? Na DJ? Que piada. Mas, enquanto ele espera a resposta, de repente penso em Rob. E me dou conta de que ele já me salvou de situações difíceis sem que eu sequer percebesse na hora.

— O que você nos contar nesta sala é confidencial — diz a srta. Castenado. — Podemos ajudar para que as coisas não fujam do controle.

Na parede atrás dele há um cartaz de um gatinho pendurado em um galho de árvore. AGUENTE FIRME, diz o cartaz. Sinto um aperto

na garganta, um nó de tristeza se formando. As coisas já estão fora de controle de um modo que ela nem imagina. De repente me lembro de Joey e sua mãe, de todos os dias em que a ouvimos gritar. De todas as vezes em que a polícia foi ao prédio e saiu de mãos vazias. *Está tudo bem*, dizia ela. *Não foi nada*. Ela não aceitou ajuda, talvez porque estivesse com medo demais.

A srta. Castenado vai até o bebedouro e enche um copo de água para mim, depois coloca uma caixa de lenços de papel na minha frente. Não toco em nenhum dos dois.

— Às vezes conseguimos fazer os envolvidos falarem — começa ela — e ajudá-los a resolver suas diferenças.

— Não. — Minha voz soa de repente, firme.

O sr. Flatwell pigarreia.

— Ano passado você foi uma das melhores alunas da sua antiga escola.

Ele pega uma três por quatro de uma pasta de arquivo. Reconheço meu antigo retrato escolar. Mamãe tem um perdido em sua caixa de fotos, em algum lugar. Foi tirado em setembro, na minha antiga escola. Devo ter perdido o dia em que tiraram as fotos deste ano, de tanto que matei aula. Ele observa com atenção a garota na foto.

— Li seu histórico escolar. Você era boa em ciências avançadas e estudos da linguagem. A sra. Shepherd concorda que você tem talento. — Ele se inclina para a frente. — O que está acontecendo aqui, srta. Sanchez? Alguma coisa não vai bem.

Ano passado? Nem lembro direito. Era quando eu conseguia dormir à noite e sonhava com meus elefantes e com o Saara. Sentia em meus ossos o ritmo dos velhos discos de salsa. Ria com Mitzi e confabulava com ela sobre o que vestir. Agustín Sanchez era meu pai misterioso, uma figura sobre a qual eu queria saber mais. Agora não consigo andar sem baixar os olhos nem caminhar normalmente. Não tenho amigos. Nem meu próprio pai quis me conhecer. Se existe alguma forma de recuperar aquela garota sorridente, não estou conseguindo enxergar.

A sala está girando. Falar sobre um segredo é como procurar a saída de uma caverna, não é? Não dá para saber ao certo se

estamos penetrando ainda mais fundo ou nos aproximando da liberdade. O que é a luz do Sol e o que é apenas uma miragem?

Fecho os olhos para pensar mais intensamente que nunca. A voz de Lila soa de novo em minha mente.

É você quem tem a verdadeira força, Piddy. Só não sabe disso ainda. Um dia você vai estar tão longe do Parsons Boulevard que esse buraco dos infernos vai parecer apenas um sonho ruim. As aspirações dela para mim piscam acima como vagalumes fora do meu alcance.

— Srta. Sanchez? Tem alguém praticando bullying contra você?

Penso também em Rob e na imagem dos lobos para todos verem, em como ele se mantém firme apesar de toda a agressão que permeia seu caminho, por parte até mesmo de pessoas que não têm por que fazer isso com ele. Rob é péssimo com pessoas, mas é o mais humano de todos.

— Se você nos desse o nome...

A pergunta é: quem você vai ser?, ouço mamãe dizer em meu ouvido.

Finalmente, pego o pingente de elefante e o coloco na mesa do sr. Flatwell. Está sem a tromba. As laterais estão arranhadas e estragadas. Um objeto sem utilidade.

— Sim — respondo. — Yaqui Delgado.

Capítulo 35

A srta. Castenado me faz companhia durante o almoço até o sr. Flatwell voltar. Eu podia sair da sala, mas que diferença faria? De qualquer jeito Yaqui vai saber que eu a dedurei. Pelo menos agora, quando o sr. Flatwell a trazer à sala, vou ver o rosto dela de perto, e ela vai ter que ver o meu. Podemos lutar de igual para igual ao menos uma vez. O mais louco nisso tudo é que eu talvez nunca saiba por que estamos brigando. Foi porque um garoto olhou para mim? Porque eu ando rebolando? Ou talvez porque Yaqui tem medo de eu ser melhor do que ela? Quase não importa mais. Durante esse tempo todo tive medo de Yaqui Delgado me machucar, e agora é hora de confrontá-la; não em um pátio de escola, mas da forma que eu escolhi. Não importa como ela lute, vou vencer da forma que importa para mim.

O sr. Flatwell demora a voltar. Quando ele chega, está acompanhado também pelo policial responsável pela segurança da escola, o sr. Roan. Assim que me vê, Yaqui balança a cabeça, como se já estivesse pensando em tudo que vai fazer comigo. Ainda não consigo encará-la, olho *além* dela — como se através de um para-brisa, em vez de me concentrar no que está grudado no vidro.

O sr. Flatwell se senta e cruza as mãos.

— Sente-se, srta. Delgado — começa ele.

— Não conheço essa garota — diz Yaqui, ainda de pé. — Nem sei quem ela é.

E é verdade, claro. Yaqui não me conhece nem um pouco, mas agora olho diretamente para ela, apesar de minhas mãos tremerem. Os brincos de argola que ela usa alcançam os ombros. Seus dedos indicadores estão cheios de anéis dourados, e uma pequena cicatriz

branca corta sua sobrancelha em duas. Em seu cotovelo vejo duas feridas já cicatrizando, e por um segundo me pergunto, com orgulho, se consegui machucá-la um pouco também.

— Está olhando o quê? — diz ela.

O sr. Flatwell levanta a mão e lança um olhar de advertência a Yaqui, depois se vira novamente para mim.

— Srta. Sanchez, pode me contar o que anda acontecendo entre você e a srta. Delgado?

Não digo nada a princípio. Sinto a ira de Yaqui no ar ao meu redor. Ela vai atrás de mim quando ninguém estiver olhando; sei que vai. Vai me bater mais forte, me odiar mais, golpear em minha pele sua história de ira até se tornar uma pequena parte de mim da qual não conseguirei me livrar. Já deixou cicatrizes em mim que ainda vou ter quando velha. Tento me manter calma e pensar que talvez seja como mamãe diz, afinal: *Deus colocou os olhos na frente da cabeça para você poder olhar para a frente, não para trás.*

Tento me concentrar no que me espera no futuro, depois do ensino médio, depois que tudo isso já tiver se distanciado um pouco. Existe um futuro para mim, e bem melhor que o dela.

Começo falando baixo, sem inflexão na voz. Conto ao sr. Flatwell sobre o dia em que Vanesa me procurou no pátio da escola. Sobre a visita ao salão. Sobre o roubo do meu cordão com pingente de elefante no corredor da escola. O policial Roan toma notas. Yaqui interrompe várias vezes, negando tudo.

— É mentira — diz ela.

— Não é não.

Pego a caneta e o bloco do sr. Flatwell, que estão sobre a mesa, e escrevo a humilhante série de números e letras que estão marcadas em meu cérebro.

— O que é isso? — pergunta o sr. Flatwell quando entrego a ele o bloco. — Um site?

Meu rosto arde em vermelho.

— Sim — digo. — Um filme, na verdade. Yaqui e eu somos as estrelas.

O sr. Flatwell se vira para o computador, insere sua senha e digita o link do YouTube. O vídeo começa a carregar. A tela está refletida

nos óculos dele, congelada em uma imagem da grade em frente ao meu prédio. A sra. Boika está à janela e há um grupo de garotas de pé ao redor, de costas para a câmera.

Não sinto vergonha quando o vídeo começa a rodar. Desta vez nem choro.

Capítulo 36

— Alguém pode acompanhar você se quiser — sussurra a srta. Castenado ao me levar até o portão da escola —, mas tenho certeza de que o sr. Flatwell vai manter Yaqui na sala dele por um bom tempo. Também alertamos os inspetores. E, não se preocupe, vamos remover o vídeo da internet imediatamente.

Digo a ela que estou bem, mas percebo que esta é minha nova vida como delatora. Vi essa manobra em vários programas de tribunal. O juiz dá à testemunha uma vantagem, para que o acusado não quebre seus joelhos no estacionamento. Ou, no meu caso, no pátio da escola.

Estou prestes a sair quando alguém passa por nós em direção ao portão.

— Aonde vai, rapaz? — pergunta a srta. Castenado. — Ainda faltam quinze minutos para o sinal tocar.

Rob mostra um documento de dispensa, mas fica olhando para os próprios pés.

— Tenho autorização para sair mais cedo — responde ele. — Consulta no dermatologista.

Ele olha para mim enquanto a srta. Castenado examina o documento e assente.

Ele segura a porta para que eu passe na frente. Andamos até a cerca de ferro sem dizer nada, depois ele se vira e me entrega um papel.

— O que é isto? — pergunto.

Quando abro, encontro um formulário de inscrição para se candidatar à McCleary, a academia especial de ciências da qual Darlene me falou.

— Está vendo a data? — diz ele. — É até sexta. Corre.

Fico encarando o formulário, minha mente em disparada em um milhão de direções enquanto ele se afasta. Quando levanto o rosto, Rob está atravessando a rua.

— Ei! — chamo, e corro atrás dele.

Rob se vira e espera. O ar frio faz seu nariz escorrer um pouco. Quando o alcanço, não sei o que dizer, então acabo falando sem pensar, bem ao estilo de Rob.

— Você contou ao Flatwell que Yaqui Delgado estava me perseguindo? — Minha voz soa mais acusadora do que eu pretendia. Eu me aproximo mais um passo e sussurro: — Alguém fez uma denúncia anônima, e acho que foi você.

Ele pisca repetidas vezes e mexe os pés, desconfortável.

— É agora que você responde — digo.

— Sim — responde ele. — Você cobriu a pichação no meu armário?

Agora sou eu que fico momentaneamente sem palavras. Não sei se é uma afirmação ou uma pergunta.

— Sim.

Rob abre o sorriso mais sutil que já vi.

— A gente se vê amanhã — diz ele.

Depois da escola vou à casa de Mitzi, mas não encontro ninguém lá. Ela deve estar no treino de basquete ou de badminton, ou de qualquer que seja o esporte da temporada. Eu me sento nos degraus da entrada para esperar. É uma rua tranquila, quase não passam carros, o que me proporciona bastante tempo para pensar. O sr. Flatwell e o policial Roan disseram que tenho que contar para minha mãe o que está acontecendo; tenho que levá-la à escola amanhã. “Há formas de lidar com isso”, disse o sr. Flatwell. *Como o quê?*, eu me pergunto. *O Programa de Proteção a Testemunhas?*

Pego da mochila o formulário da McCleary e leio todas as perguntas, me questionando se as besteiras que fiz foram tantas a ponto de não me aceitarem. Às vezes os erros *podem* estragar tudo de forma irreversível, como o sr. Nocera sempre alerta: faça uma besteira no começo da solução de um problema e sua resposta

inteira vai sair errada. *O mundo também dá um "meio certo", ou é só na matemática?*, eu me pergunto.

Não sei por quanto tempo fico sentada ali, mas finalmente ouço alguém se aproximando. Fico de pé e vejo Mitzi vindo em minha direção. Felizmente, ela está sozinha.

— Piddy?

Mitzi carrega no ombro a mochila cheia demais. Ela sorri e faz uma careta de repente. É nessa hora que percebo seu lábio inchado.

— O que aconteceu com você? — pergunto.

— Levei uma bolada na cara no jogo de sábado.

— Vocês ganharam, pelo menos?

— Não. — Ela aponta com o queixo para meus hematomas esverdeados. — Qual é a sua desculpa? Foi atropelada por um caminhão?

— Mais ou menos.

Há um silêncio constrangedor.

— Você recebeu minha mensagem? — pergunto.

Ela assente.

— Eu queria vir, mas não deu — acrescento.

— Por quê?

Dou de ombros.

— Muita coisa acontecendo.

Por um segundo nenhuma de nós diz nada. Em seguida, Mitzi enfia a mão dentro do casaco para pegar a chave pendurada no pescoço e abre a porta de casa.

— Bem, então é melhor você me contar.

Nessa hora, meu celular vibra. Quando vejo a mensagem, me sinto inundada pelo alívio.

— O que foi? — pergunta Mitzi.

Levanto a tela para mostrar uma foto de Joey com o filhotinho de gato na cozinha de alguém.

Ela observa com atenção e então arregala os olhos.

— Não acredito. Esse é quem eu estou pensando?

— É. Temos muito que conversar — digo enquanto entramos.

Capítulo 37

Talvez só contemos nossos segredos apavorantes quando não temos escolha. Levo horas para reunir coragem e ligar para o trabalho de mamãe, mas Mitzi está ao meu lado.

— Se você não ligar agora, vai perder a coragem.

Eles mandam chamar mamãe.

— Vá ao Corazón hoje à noite, às nove — digo para ela. Mitzi assente de forma encorajadora. Ela achou que um local público seria melhor. — Peça para Lila esperar também.

— Por que eu iria até lá? — Ela está sem fôlego. — Estou exausta, Piddy. Só quero ir para casa.

— Vá lá depois do trabalho, para encontrar Mitzi e eu. Tenho que conversar com você, mãe. É importante.

Desligo antes que ela possa protestar.

* * *

À noite, quando chegamos ao Salón Corazón, elas já estão a nossa espera. Mitzi e eu seguimos pelo quarteirão e espiamos lá para dentro. Já passa da hora de fechar, e a porta está trancada, mas a grade não foi baixada. Mamãe e Lila estão conversando com Gloria como velhas amigas, sentadas nas cadeiras com os capacetes dos secadores virados para trás; Lila tirou os sapatos. Mesmo assim, percebo que mamãe está com a cabeça longe dali, pois olha para o relógio várias vezes.

Quando bato no vidro, Gloria nos vê e corre para abrir a porta.

— Aí está você. *iQué frío!* — diz ela, tremendo. Mitzi e eu entramos. — Fomos do outono para o inverno de repente! Entrem, entrem! E, ah, meu Deus, é você, Mitzi Ortega?

Há uma agitação por causa de Mitzi, beijos e abraços. Finalmente, quando as coisas se acalmam de novo, Fabio começa seus costumeiros rosnados de boas-vindas. Ele está com um suéter de napa para ficar aquecido. Gloria o coloca debaixo do braço e dá um tapinha em minha bochecha.

— Eu estava contando à sua *mami* que quero vê-la aqui um sábado desses. Vou abrir às oito em ponto para ela poder chegar ao trabalho na hora. Vou fazer um belo corte de cabelo, por conta da casa. Obrigue-a a vir. — Ela dá um sorriso doce. — Mas agora vou fazer os recibos, *mis hijas*. Por que não vem me ajudar, Lila? Mitzi, venha também. Quero saber como estão as coisas em Long Island. Aquela sua mãe não ligou nem nada! Está esquecendo a gente, é?

A voz dela vai diminuindo, em uma falação alegre, à medida que elas se afastam rumo à sala dos fundos.

Mamãe olha ao redor, pouco à vontade.

— É estranho ver você aqui — digo.

— Este lugar não mudou nada.

Ela fica em silêncio por alguns instantes. Tenho certeza de que está se lembrando do dia em que descobriu sobre meu pai. Não consigo deixar de pensar nele também, mas agora é diferente. Ele não é mais alguém de quem eu queira sentir saudade; é só alguém que não queria minha mãe nem a mim em sua vida, para o bem ou para o mal.

A voz de mamãe me arranca dos meus pensamentos:

— Você não me chamou aqui para uma visita, certo? Lila não me contou nada, então sei que é sério. O que foi?

— É sobre a escola.

— Ah, Piddy. O que está acontecendo agora? — pergunta ela, a preocupação evidente em seu rosto.

Falo devagar, sem desviar o olhar. Mamãe não interrompe minha explicação de por que eu não estava indo à escola. Ela fecha os olhos e apenas escuta quando chego à parte da surra que levei de Yaqui. Não dá nem um pio quando enumero todos os lugares aonde

fui para matar aula. Só deixo Joey de fora. Não faz sentido jogar mais lenha na fogueira, e, além do mais, ele seguiu o próprio caminho agora.

— O sr. Flatwell quer que você vá à escola amanhã, mãe. Ele disse que eu tenho alternativas.

— O que isso quer dizer?

Dou de ombros.

— Não sei. — Enfio a mão no bolso e pego o formulário da McCleary. — Mas espero que isto seja uma delas.

Mamãe olha o que escrevi e me dirige um olhar curioso.

— É uma escola especial de ciências. Quero me candidatar — explico. — O curso confere alguns créditos para a faculdade e é de graça. — Respiro fundo. — Porque eu estou pensando em trabalhar com animais, como veterinária. Quero estudar os elefantes, na verdade...

— Elefantes — repete ela.

Tento interpretar a expressão de mamãe, mas não consigo.

— É. Talvez. — Enfio a mão no bolso em busca do meu pingente e o balanço para que ela veja. — Não se lembra disso? Yaqui o quebrou.

Ela olha para o pingente e em seguida para mim, muda. Quando se levanta, em vez de dizer que minha ideia é maluca mamãe me puxa e me abraça com tanta força e por tanto tempo que chego a sentir seu coração batendo na garganta. É um momento tão puro que me deixa sem fôlego. É como se ela estivesse transmitindo toda a sua força através da minha pele, fazendo-a chegar ao tutano dos meus ossos.

— Mãe?

Minha voz soa abafada contra o pescoço dela.

— O que foi?

— Nada de comentários sobre *chusmas*, tá?

Ela me aperta com ainda mais força.

Capítulo 38

Durante a noite cai a primeira camada fina de neve da estação, bem mais cedo que o habitual. Mamãe se agasalha como se estivéssemos saindo em uma expedição para o Ártico. Ela odeia neve e frio e não vê absolutamente nenhuma beleza nos galhos cobertos de branco. Em dias assim, mamãe geralmente faz um discurso mal-humorado sobre o inverno em Cuba, dizendo que lá não precisava usar casaco nem na estação mais fria, muito menos botas, gorro e luvas. Hoje, no entanto, enquanto estamos nos arrumando para ir encontrar o sr. Flatwell, ela não reclama. Nem pega no pé de Lila por decidir ir com suas botas novas de salto alto. Nós três seguimos pelo quarteirão de braços dados para que Lila não escorregue. O único som é o da neve sendo esmagada sob nossos pés.

Encontramos o sr. Flatwell já a nossa espera quando chegamos a sua sala. A escola está deserta a essa hora. Nem as secretárias chegaram.

— Por aqui, por favor — diz o sr. Flatwell, conduzindo-nos por um labirinto de escritórios escuros até chegarmos à sala de reuniões do diretor. Ele acende a luz e indica as três cadeiras na extremidade da mesa de madeira que imita cerejeira. — Sentem-se.

O sr. Flatwell se instala de frente para nós, coloca uma pasta na mesa e cruza as mãos. Mamãe não tira o casaco.

— Obrigado por virem — diz ele. — Srta. Sanchez, pode nos apresentar?

Faço como ele me pede. Lila aperta minha mão por baixo da mesa quando a apresento como minha tia. O sr. Flatwell assente educadamente, e de repente me ocorre que ele é o primeiro homem

que não vejo sorrir de maneira estúpida para Lila. Ele limpa a garganta e começa, fitando mamãe:

— Suponho que a sua filha tenha explicado que ela enfrentou alguns problemas na escola este ano.

— Uma valentona pegando no pé dela sem motivo — diz Lila.

— Sim, e é claro que ela também andou faltando sem permissão.

Os olhos de mamãe tremem um pouco, mas ela não diz nada.

— Tive um bom motivo — retruco.

— Teve — concorda ele —, mas ainda é um problema que você terá que resolver. Com tantas faltas, vai ser difícil compensar a queda nas suas notas.

Faço cara feia, mas sei que ele tem razão.

— Piddy nunca teve problemas na escola antes, certo, Clara? — diz Lila, com uma voz aguda. — Que tipo de lugar é este que deixa uma valentona estragar as coisas para uma menina boa como ela?

— Uma escola grande, sra. Flores.

— Senhorita — corrige ela. — E daí que é grande?

— Perdão. *Senhorita* Flores. — Ele se recosta na cadeira para explicar. — Talvez ajude se vocês pensarem desta maneira: em um dia qualquer, lidamos com cerca de cinco por cento do corpo estudantil nos dando problema. É um percentual pequeno, correto? Infelizmente, porém, não é um número pequeno de alunos para nossos inspetores e professores ficarem de olho. Em uma escola com dois mil e quinhentos alunos, como a nossa, cerca de cinquenta estão em liberdade condicional ou tiveram outros problemas com a lei. Eles trazem esses problemas consigo para a escola. Fazemos o melhor que podemos, mas às vezes não é o suficiente.

— Quando foi que as escolas viraram um lugar para *criminales*? — pergunta mamãe, escorregando para o espanhol em uma das palavras. — Ela está aqui para aprender!

Normalmente eu ficaria constrangida por qualquer coisa que mamãe tivesse a dizer, mas é uma pergunta justa.

— Temos que dar o benefício da dúvida a todas as crianças e adolescentes e oferecer educação até os dezesseis anos — responde o sr. Flatwell. — Mesmo para os que nos causam problemas.

— Mesmo quando eles agredem outros? — pergunta Lila.

Ele fica em silêncio por um momento, então olha para mim.

— A boa notícia é que noventa e cinco por cento do corpo estudantil são alunos basicamente bons e respeitosos. E um deles teve a perspicácia de denunciar o bullying para nós.

— Rob Allen — digo.

Ele não morde a isca.

— Não posso confirmar nem negar a fonte, mas, com uma denúncia, podemos prosseguir com uma suspensão. Isto é, se você confirmar tudo e formalizar a denúncia.

Engulo em seco. Yaqui suspensa por minha causa. Estou morta.

— Uma denúncia? À polícia?

Mamãe parece assustada.

— Sim. Uma denúncia formal de agressão física. Podemos ajudar nisso.

Um tom de branco ainda mais branco cobre o rosto de mamãe.

— Como é que isso poderia me ajudar? — interrompo.

— É um registro que pode ser usado na justiça. Yaqui vai ter que enfrentar as denúncias, e pode ser expulsa por isso. — Ele olha para as próprias mãos, pouco à vontade para acrescentar: — O vídeo vai ajudar imensamente no seu caso.

Percorro mentalmente todas as possibilidades. E se ela não for expulsa? Além do mais, já ficou provado que ela sempre pode me encontrar fora da escola, o que é ainda pior.

Lila se empertiga na cadeira e, como se tivesse lido meu pensamento, diz:

— Você sabe que aquela garota vai tentar atacar a Piddy de novo assim que tiver uma chance, e eu não vou deixar isso acontecer, sr. Flattop.

— Lila... — murmura mamãe.

— Flatwell.

— O quê? — pergunta Lila.

— Meu nome é Steven Flatwell.

— Hum — faz ela, arqueando uma das sobrancelhas.

— Eu não a aconselharia a agir por conta própria, srta. Flores. Seria uma complicação desnecessária. — Ele olha para mim. — E talvez não o melhor exemplo.

— Lila é um *ejemplo* excelente para Piddy — interrompe mamãe. Ela olha feio para o sr. Flatwell. — O senhor precisa fazer essa garota má sumir de vez. Onde estão os pais dela?

Ele se recosta novamente, e parece um pouco cansado.

— Os pais não são um recurso possível neste caso — explica ele, com cautela. — Eu gostaria de poder dizer que existe a chance de afastá-la para sempre, mas não é tão fácil quanto parece. Além do mais, seria uma solução incompleta. Para proteger Piddy, teríamos que expulsar não só Yaqui como todo o círculo social dela, o que é altamente improvável.

Assim que ele diz isso, sei que é verdade.

— O senhor falou que eu tinha opções — digo —, mas o que parece é que estou encurralada.

— Você tem opções. Existe um recurso chamado transferência de segurança.

— O que é isso? — pergunta mamãe.

— Removemos a vítima para uma escola mais segura. Faríamos um pedido ao conselho para sua filha retornar à antiga escola, embora ela agora resida fora da região. — Ele abre minha pasta e olha mais uma vez. — O diretor da instituição teria que concordar, mas ela era uma boa aluna lá ano passado. Acho que não haveria problema neste caso. Aprovada a transferência, a srta. Castenado, da orientação, faria contato com o novo orientador para que a transição aconteça com tranquilidade.

— O senhor quer dizer que eu posso sair da DJ? — pergunto.

— Você pode pedir para sair da DJ. Não posso garantir nada.

Lila franze a testa. Ela quer que eu fique e lute. É como ela encara as coisas, como sobrevive no mundo.

— A pessoa errada está pagando o preço por essa confusão — reclama ela. — A pessoa errada está sendo expulsa.

— Ninguém está sendo expulso — diz o sr. Flatwell. — Não é uma solução perfeita, mas é a melhor em que consigo pensar para a sua sobrinha.

As secretárias começaram a chegar, e, pelo vidro, vejo grupos de alunos se formando no pátio. Sinto a bile subir pela garganta.

O sr. Flatwell olha para o relógio e se vira para mamãe.

— Posso dar um tempo para que vocês decidam o que preferem fazer. Amanhã a senhora me liga e me comunica sua decisão.

Agarro a beirada da mesa. Não é justo eu ter que virar minha vida de cabeça para baixo porque Yaqui tem sede de sangue, mas e daí? Mamãe também não foi agraciada com a melhor das situações no caso do meu pai, mas sobreviveu mesmo assim. E o que dizer de Joey e sua mãe? É justo ter dezessete anos e pegar um ônibus sozinho para fugir da própria família? *Corra, se precisar*, ele me disse.

— Não precisamos de mais tempo — digo, olhando para mamãe.
— Posso tomar essa decisão sozinha. Quero ser transferida.

Capítulo 39

Ando pensando ultimamente que crescer é como passar por portas de vidro que só se abrem em uma direção; você consegue ver de onde veio, mas não pode voltar. Ao menos para mim é assim.

Não vi, tampouco tive notícias de Yaqui ou do grupo dela desde que saí da DJ, no meio do último ano letivo. Ela deve ter encontrado uma pessoa nova para odiar, ou talvez tenha largado os estudos. E aqui estou eu, de volta a minha antiga escola, onde tudo está exatamente como deixei. O refeitório, onde eu comia com Mitzi. Os professores, que ainda me conhecem e gostam de mim. Meus colegas, que não sabem o que aconteceu entre Yaqui e eu nem quem me tornei depois disso. Eu deveria conseguir esquecer a DJ e voltar ao normal, mas, não sei por quê, não consigo. Todo o resto está igual, mas eu não.

Ando pelos corredores com meus amigos, mas, na hora do almoço, me pego olhando desconfiada para trás. Penso duas vezes antes de entrar no banheiro sozinha, mesmo sabendo que é seguro lá dentro. Depois da aula, fico na casa de Lila, não só porque quero, mas também porque às vezes ainda tenho medo de Yaqui estar de tocaia de novo. A sra. McIntyre, a orientadora, diz que vai levar um tempo até que eu consiga superar.

— Um trauma demora para passar — disse ela. — Tenha paciência.

Enviei minha inscrição para me candidatar à McCleary pouco antes de sair da DJ e prometi a Rob que contaria a ele se entrasse. A sra. McIntyre e o sr. Flatwell escreveram cartas de recomendação sobre meu caráter, mas quem sabe? Às vezes depende estritamente das notas, e as minhas tiveram uma forte queda no semestre passado.

No momento estou correndo atrás do que perdi nos estudos e experimentando coisas novas quando tenho vontade. Essa semana recebi um folheto da revista da escola. *Em busca de colaboradores*, dizia.

Nossa primeira reunião é semana que vem.

* * *

Mamãe não me avisou que estava vindo. O sininho da porta toca no Salón Corazón no sábado e, quando levanto o rosto, lá está ela. Ela não aceitou a proposta de Gloria de vir bem cedo, então achei que simplesmente não viria.

— O que está fazendo aqui? — pergunto. — Você não devia estar no trabalho?

Ela dá de ombros e olha ao redor, um pouco constrangida.

— Ah, tirei o dia de folga.

— Dia de folga? — repito, um tanto assustada.

Será que mamãe está morrendo? Mas, antes que eu possa perguntar, Gloria se aproxima, de braços abertos.

— Clara! Você veio!

— Eu não marquei hora — diz mamãe.

Gloria balança a mão no ar, como se isso fosse um mero detalhe.

— Sempre dá para encaixar uma velha amiga. — Ela aponta para uma das cabeleireiras. — Mirta vai ter um tempinho daqui a pouco. — Ela pisca, e grita para os fundos da loja: — Lila! Venha logo! Sua próxima cliente chegou.

Lila chega amarrando o avental e para de repente quando vê minha mãe.

— Ela disse que tirou o dia de folga — sussurro.

— O mundo está acabando? — pergunta Lila.

Mamãe faz cara feia.

— Você vai lavar o meu cabelo ou não? — Ela limpa a garganta. — É um dia especial, quero serviço completo.

Lila arqueia as sobrancelhas.

— Ah, é?

As outras clientes estão olhando para nós com curiosidade agora, e mamãe está corando. Ela abre o casaco e enfia a mão lá dentro. Depois, me entrega um grande envelope amarelo.

— Para você.

No endereço do remetente está o carimbo da McCleary. Solto a vassoura e rasgo o envelope, meus olhos indo direto para o texto em negrito.

— Fui selecionada! — grito. — Consegui!

— Eu sei. Chegou ontem — diz mamãe.

— Você leu a minha correspondência?

— Não me olhe assim. Você dormiu na casa da Lila e eu não podia esperar a noite toda para saber a resposta. Além do mais, se eles tivessem recusado você, eu ia queimar a carta e ir até lá para obrigá-los a mudar de ideia. — Ela dá um sorrisinho maroto. — Por sorte, eles foram sensatos.

— Eu sabia que você ia conseguir! — grita Lila. — Você sempre foi um gênio! Hoje à noite vamos comemorar! — Ela olha para mamãe. — Ops... Gloria! Cadê os lencinhos de papel?

— Não precisa — insiste mamãe, fungando. — É que aqui tem muitos cheiros e perfumes...

Mas Lila apenas revira os olhos e a abraça.

— Choradeira no meu salão? — diz Gloria, entregando a ela a caixa de lenços. — Impossível! Não é permitido. É um dia feliz! Precisamos de música.

Uma das manicures procura a caixa de CDs debaixo do balcão da recepção e oferece várias opções. Todo mundo começa a dar sugestões.

— Que confusão! — murmura mamãe, sentando-se em uma das cadeiras.

— Eu cuido disso — digo.

Dou uma rápida olhada nos CDs, escolho um antigo e o coloco no aparelho de som.

A música começa em poucos segundos. Lila faz pose de dançarina de flamenco e começa a bater palmas no ritmo.

Um-dois. Um-dois-três.

Uma a uma, as clientes acompanham a marcação. As primeiras notas do piano soam.

— Quero aprender a tocar isso, mãe — falo alto, para ser ouvida apesar da música. — Você tem que me ensinar.

— Faz anos que eu não toco... — começa ela.

— E daí? Não vou nem reparar.

Mamãe suspira, mas sorri.

— Acho que posso ensinar algumas coisas, mas você vai aprender os clássicos primeiro, combinado?

Lila pega um avental e o balança para mamãe como se fosse uma capa de toureiro. Em seguida, dá um giro e a puxa para dançar.

— Vamos, Clarita!

Uma a uma, as clientes se levantam e começam a dançar.

— Olhem só isso! — exclama Gloria, sorrindo. — Viramos um salão de dança!

Depois de um tempo, começo a dançar também. Balanço o peito e sacudo minha bunda reboiativa sem me importar com ninguém. Até Fabio parece estar dançando um chá-chá-chá enquanto corre com cuidado por entre as pernas de todo mundo.

Um-dois. Um-dois-três!

— *¡Baila, Piddy!* — grita Lila, empurrando mamãe para meus braços.

E eu danço.

O rosto de mamãe brilha de suor, seu sorriso vai de uma orelha à outra. Pisoteamos o chão, em chamas, até que estamos gargalhando e todos os nossos dias tristes parecem hematomas antigos, quase esquecidos. A música vibra, nos seduzindo com seus trompetes e trombones envolventes. Mamãe me faz girar e meus braços se abrem para o mundo.

— *No pierdas la clave* — sussurra ela para mim.

Não perca o ritmo. Ela me abraça com força quando a música termina.

E sei que finalmente encontrei meu ritmo, forte e simples, constante e só meu.

Agradecimentos

Meus profundos agradecimentos vão para as seguintes pessoas:

Eric Elfman, Lia Keyes e Veronica Rossi, pela leitura atenta e pelo feedback atencioso enquanto eu trabalhava neste manuscrito.

Ada Fernandez McGuire, por responder a tantas perguntas sobre disciplina escolar.

Jen Rofé, minha agente na agência literária Andrea Brown, por cuidar dos negócios.

Kate Fletcher, minha maravilhosa editora, e toda a equipe da Candlewick Press, pelas muitas formas pelas quais continuam a me tornar uma escritora melhor.

E, acima de tudo, minha família, por me amar e por sempre acreditar em mim.

Sobre a autora

© 2012 Christopher J. Moore



MEG MEDINA é filha de imigrantes cubanos e foi a primeira da família a nascer nos Estados Unidos. Cresceu no Queens, bairro de

Nova York, e hoje mora em Richmond, na Virgínia. Também trabalha em projetos comunitários de apoio a jovens latinos e à literatura. Além de ter sido premiada em 2012 com o Ezra Jack Keats New Writer Award, Meg foi incluída, com *Yaqui Delgado quer quebrar a sua cara*, na lista da YALSA de Melhores Livros de Ficção Para Jovens Adultos de 2014.

(Leia também)



[Extraordinário](#)

[R. J. Palacio](#)



[Claros sinais de loucura](#)

[Karen Harrington](#)



[Quase uma rockstar](#)
[Matthew Quick](#)